
Esposa
PROMETIDA do
MAFIOSO
ÁGATHA SANTOS

Esposa Prometida do Mafioso

Copyright © Ágatha Santos

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Copyright © Ágatha Santos

Sumário

Dedicatória

Sinopse

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

FIM

Epílogo

Sobre a Autora

Leia as outras obras da autora:

Dedicatória

Para todas que não temem o próprio destino

Sinopse

Um homem tem direito à escolha, desde que ela não interfira nos negócios.

Ele cumpre uma promessa.

Ela sonha com uma vida feliz.

Juntos, descobrem que incompatibilidade e desejo caminham lado a lado.

Arturo Salvatierra não é um homem de bem, tampouco um desprezível criminoso. Sua personalidade é definida pela impaciência e pela necessidade de controle, uma ótima combinação para um fora da lei, mas péssima para um homem prestes a se casar.

Uma dívida de sangue, surgida quando ele ainda não era nem nascido, devido a uma aliança antiga entre mexicanos e italianos, o faz honrar o desejo de seu falecido pai.

Beatrice Fabbri, a jovem e bela princesa da Cosa Nostra de San Diego, sonha com o dia em que conhecerá o noivo prometido por seu pai. No entanto, a morte precoce do líder da máfia transforma esse sonho em um pesadelo. Forçada a deixar seu lar no funeral dele, Beatrice enfrenta uma mudança abrupta de hábitos, um noivo insensível e inimigos que repudiam a união dos dois.

Ele é meu futuro marido e entenderá que a fidelidade não se aplica somente ao Cartel e aos seus homens.

Apesar de terem uma vida distorcida do convencional, Arturo e Beatrice precisarão lidar com inimigos ocultos que ameaçam suas vidas para que este enlace seja rompido, enquanto descobrem os desafios que podem resultar de um

casamento de conveniência entre uma jovem e um homem maduro.

Ela é minha futura esposa e descobrirá o quanto posso ser possessivo com aquilo que me pertence.

Neste jogo intrincado e perigoso de lealdades e desejos, eles viverão uma paixão avassaladora que poderá findar suas vidas.

BEATRICE FABBRI



Prólogo

“Querido diário,

Hoje meu *papà* me chamou em seu escritório para termos uma conversa muito séria sobre meu futuro. Eu já havia escutado algumas de suas conversas atrás das portas, curiosa como era, não conseguia conter meu ímpeto, nem os ouvidos. Ele me falou sobre meu príncipe encantado, Arturo Salvatierra, que assumia naquele dia os negócios da sua família em Tijuana, meu futuro lar.

Meu *papà* quer que eu tenha uma formação completa antes de me afastar da família e partir para o meu destino, selado quando Arturo e eu nem éramos nascidos. Nosso casamento seria fruto de uma dívida de honra e sangue, que cumpriria com o falecido pai do Salvatierra.

Beatrice Fabbri Salvatierra

Eu sentia a empolgação em minhas entranhas ao imaginar que aos vinte e um anos de idade eu partiria para Tijuana e me casaria com um homem bem mais velho.

Já tinha visto fotos de Arturo no jornal, tão belo e com uma feição dura, parecia um cavaleiro de armadura escura, dentro daqueles ternos alinhados, com o olhar sempre determinado e frio. Ele deixava meu coração acelerado.

Eu sabia que seu temperamento difícil era por ter que me esperar, assim como eu o esperava, mas nosso dia chegaria e seria lindo e perfeito. Com flores, muitas pessoas e lágrimas devido à minha partida.”



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 1

Aos olhos do mundo, eu era um criador de cavalos de raça, o Rancho que eu comandava tinha prestígio e muitos contatos na alta sociedade, assim como políticos amigáveis, que auxiliavam na relação com as autoridades.

Havia uma longa lista de corruptos nos bolsos do submundo, ela mantinha uma grande e maravilhosa roda econômica girando em todo o México, garantindo o sossego e o promissor futuro do Cartel de Tijuana sob meu comando.

Não tinha costume de lidar com o trato dos animais, apesar de manterem um giro comercial bom, eles tinham um papel figurativo e a finalidade deles era outra. Ainda assim, confesso que davam um ar mais elegante para o meu território.

Eu estava diante das imensas janelas do meu escritório no térreo do casarão, que ficava longe o suficiente de qualquer olhar curioso, garantindo a privacidade que sempre cultivei. Havia recebido o comunicado do falecimento do melhor amigo de meu pai, Leonardo Fabbri, que foi líder da Cosa Nostra de San Diego e seria meu futuro sogro.

Um acordo, selado antes mesmo do meu nascimento, uniria as famílias Fabbri e Salvatierra, garantindo que os negócios de fornecimento entre o Cartel e a máfia italiana se mantivessem inquebráveis.

Existia uma pressão velada de ambos os lados para que essa aliança ruísse. Eu sentia o cheiro de tramoia em torno dos nossos negócios. Os russos fariam de tudo para tomar a região dos italianos, enquanto a cadeira de Leonardo era cobiçada por outro membro que preferia manter os negócios mais fechados.

Leonardo tinha uma única filha, nova o suficiente para ser desposada, mas ele não tinha qualquer homem à altura de assumir o seu cargo, o que deixava o lugar para o parente mais próximo, que era um verdadeiro lambe-bolas: Romeu Fabbri. Já havíamos nos encontrado no passado, quando esporadicamente nossos líderes se reuniam, éramos obrigados a interagir e ser cordiais diante deles, mas em segredo, no meio das plantações no campo, disputávamos lutas nada amistosas.

Bons tempos que não voltariam. Ou talvez voltassem, para que eu pudesse socar aquele rostinho delicado mais uma vez.

— Vai responder a carta do Fabbri mais novo? — Olhei por sobre o ombro e avistei Santiago, meu primo.

Todo negócio precisava de um braço direito, e o meu era Santiago. A única família que me sobrou quando um

ataque ao Cartel matou a todos, restando somente três crianças e um homem forte o suficiente para reerguer os negócios enquanto cuidava da família.

Meu pai foi um homem honrado, nos criou como irmãos, e graças a Leonardo Fabbri, conseguiu reerguer o Cartel, pois já eram amigos na época e tinham firmado o acordo de casamento entre seus filhos. A união dependeria de Fabbri ter uma filha, o que aconteceu. Então, dezesseis anos depois do meu nascimento, fui chamado ao escritório do meu pai e informado de que minha futura noiva havia nascido.

Confesso que fiquei chocado, naquela época eu só pensava em ser um bom soldado e aprender tudo sobre os negócios. Queria ser um líder respeitado, e um inimigo temido. Achava que me casar com alguém seria ter um calcanhar de Aquiles tornando-me vulnerável.

Um homem não é nada sem sua família, Arturo. Aprenda isso. Você será comandante dos negócios e sua esposa que governará seu lar.

Meu pai era um homem apaixonado, teve um casamento harmonioso com minha mãe, uma jovem mulher que fora vendida para o Cartel em troca de mercadorias. Ele a comprou, depois matou o meu avô, que entregou seu bem mais precioso a troco de poder e dinheiro.

Depois que ela faleceu, infelizmente por causa de uma doença degenerativa, ele nunca mais sorriu da mesma forma, até sua morte, quando eu tinha vinte e seis anos e assumi os negócios da família.

— Claro que não — respondi a Santiago. — Essa carta não tem qualquer fundamento. Pegue no cofre o contrato formalizado entre meu pai e Leonardo, então peça para Paulina fazer uma mala pequena. Embarcarei ainda hoje para San Diego.

— Eu vou com você.

— Não é necessário...

— *No mames, carnal!*[1] Eu nunca permitiria que você pisasse em San Diego sozinho.

— E não é inteligente que o único que pode assumir meu lugar vá junto comigo. Prepare alguns homens, sem hostilidade, sem armamento pesado. Eu só vou buscar o que é meu.

— Aquela carta deixa claro que não vai ser fácil.

— Romeu Fabbri é um *tarugo*[2]. Sabe muito bem que não pode me impedir. Ele só está tentando fazer valer as calças que veste, mas eu o ensinarei uma dura lição: o passado não pode ser anulado.

— Ainda acho um risco desnecessário, Arturo. Pode muito bem responder a essa carta e enviar um representante. Um advogado manteria a cordialidade e educação. O que acha?

— Não. Isso é pessoal. O que minha futura noiva pensará de mim?

— Você realmente se importa? Ontem mesmo estava com a cara enterrada em uma *panocha*[3] qualquer.

— É como dizem, *carnal*: divirta-se com as erradas até aparecer a certa.

— O contrato dizia vinte e um anos, ela ainda tem vinte. E estuda.

— Não esperávamos que meu futuro sogro morresse de forma repentina. Isso me torna o responsável mais próximo pelo futuro de Beatrice.

— O primo poderia continuar a criação dela.

— O primo não está envolvido direta ou indiretamente no acordo. Não é mencionado em qualquer parte daquele maldito documento. Agora pare de tentar encontrar motivos, que não irão me convencer a deixar minha futura esposa naquele covil.

— Você quem manda. — Santiago apertou o maxilar. Eu sabia que ele estava sendo zeloso, mas eu nunca fui um covarde.

Nada tirava da minha cabeça que Leonardo havia sido morto por alguém de dentro da máfia. O homem era mais saudável do que eu, que tinha um pouco mais que metade da sua idade, um infarto fulminante era algo muito conveniente. Principalmente quando se planejava fundir um Cartel Mexicano aos negócios da Cosa Nostra. Havia muitos inimigos, e outros que se diziam amigos, todos contra esse enlace.

Retornei para a minha mesa, solicitei que minha assistente no Rancho cuidasse do que fosse mais urgente enquanto eu estivesse fora. Uma noite dedicado a um assunto pessoal era o que eu me permitiria e retornaria para casa com minha futura noiva a tiracolo.

Eu não estava nem um pouco empolgado com meu destino, não era um homem de esbornia, mas não gostaria de ser encoleirado pelo matrimônio. No entanto, eu também não era um tolo e sabia que me casar com Beatrice Fabbri garantiria um futuro promissor aos meus negócios.

A *muchacha*[4] nem havia saído das fraldas ainda, mas teria que aprender a comandar nossa casa e me dar filhos. Eu precisaria de um herdeiro, para passar meu legado, no mais, ela teria uma vida de luxo e sossego.

Nem precisaríamos ser tão íntimos, era só descobrir seu período fértil, trepar o máximo de vezes e problema

resolvido. Ela teria uma grande ocupação como mãe e responsável por cuidar dos nossos filhos.

A vida não era para os fracos. Eu esperava que Beatrice entendesse seu papel dentro da família, assim como no Cartel. Quanto antes se adaptasse, mais fácil seria.

Quando embarquei no helicóptero, era começo da tarde. Santiago enfiou dez homens armados até os dentes em três carros, uma hora antes da decolagem, para garantir uma chegada tranquila para mim, segundo ele.

Desembarquei no heliponto de um aglomerado comercial, no qual eu mantinha negócios.

Em toda a minha imponência, rumei determinado para o grande casarão, onde foi autorizada a entrada dos três carros SUV com meus homens armados.

— *Signore? Buongiorno*. — Uma senhora atravessou a entrada e me encarou com estranheza.

— *Buenas*. Estou aqui para buscar Beatrice Fabbri, minha noiva.

— Ah... *signore*... sinto muito, não sei se está ciente, mas *signore* Fabbri acaba de falecer.

— Estou ciente do fato. Por isso estou aqui.

— Mas... eu...

— Você é uma funcionária que cumpre ordens, compreendo. Faça um favor: me dê o endereço de onde está acontecendo o velório de Leonardo. O resto eu resolvo.

Eu não saberia dizer se foi o choque ou o medo que a fez agir com tanta rapidez, mas ela passou o endereço para um dos meus homens e rapidamente saímos da fortaleza Fabbri, a caminho da capela que velava o corpo do patriarca de todo aquele império.

Eu estava certo de que Romeu Fabbri tinha ciência da minha presença, afinal, eu havia batido, literalmente, na porta da casa do chefe da Cosa Nostra. A permissão para adentrar a mansão demonstrava que ele não pretendia ser hostil, o que era inteligente de sua parte.

Sua carta foi sucinta, explicando o falecimento de Leonardo Fabbri, anunciando que ele era o atual chefe interino, até que se resolvessem internamente, e informando que o acordo entre os Salvatierra e os Fabbri estava anulado com a morte de ambos.

Eu não tinha certeza do que esse *tarugo* queria dizer com essas palavras, mas das duas uma: ou ele era muito ambicioso e queria garantir que ninguém tomaria seu lugar no futuro, como um filho de Beatrice, ou ele estava encantado pela minha jovem futura esposa.

As duas opções me irritavam na mesma proporção e eu só repetia em minha mente que palavras e apertos de mãos abriam mais portas do que socos e balas. Claro que se a porta estivesse trancada eu teria que a arrebentar com meus próprios punhos, mas não queria ser pessimista, não ainda.

O velório parecia com um evento social, todos elegantes e bem-vestidos, pessoas influentes, que cheiravam a dinheiro, poder e podridão. Esse era o antro em que vivíamos desde sempre e eu já tinha aprendido a caminhar entre as cobras.

— Hora de pegar a minha noiva.

Ajeitei o paletó antes de marchar para dentro como se fosse o dono de toda aquela porcaria.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 2

Eu estava pronta para dormir quando a governanta da casa bateu em meu quarto, apressada, e falou atropelada sobre meu pai ter sido levado às pressas para o hospital.

Mal consegui encontrar uma roupa decente para vestir sozinha. Corri para a emergência e encontrei com Romeu, meu primo, que estava com o rosto tenso e preocupado, o que me fez cair no choro imediatamente.

Eu estava acolhida em seus braços quando o médico plantonista deu a notícia que eu julgava cedo demais para receber. Meu *papà* estava morto. Sofrera um infarto fulminante, enquanto jantava com alguns conhecidos no melhor restaurante da cidade.

Um vazio enorme se instalou em meu peito automaticamente. Perdi a consciência e acordei numa cama de hospital, desesperada. Cheguei a brigar com Romeu, que tentou me manter ali, mas eu só queria ver meu pai e confirmar que meu pesadelo era real.

Já no velório, cumprimentei alguns figurões, e de mais da metade deles, eu nem sabia o nome, muito menos que tipo de ligação tinham com meu *papà*. Não era uma tola, sabia bem de onde vinha o sustento da família, quais eram nossos negócios, mas cresci com o ensinamento de que alguém precisava fazer essa roda girar, e aqui em San Diego eram os Fabbri os responsáveis por isso.

Desde a hora em que liberaram o corpo, esta manhã, eu não havia saído do lado do caixão, chorando e rezando pela alma de meu pai. O meu herói, que havia me ensinado e dado tudo. Ele tinha cumprido seu dever comigo com esmero e carinho, nunca quis outra esposa, pois dizia que a única rainha do nosso lar era eu.

Minha *mamma* havia falecido no meu parto, meu pai era a única família que eu tinha, além de Romeu, que sempre agiu como um irmão mais velho. Naturalmente, ele seria o próximo na linha de sucessão dos negócios e já tomava a frente desde a notícia do falecimento.

— *Piccola!*[5] Venha, você precisa se alimentar. — A mão pesada do meu primo caiu sobre meu ombro.

— Eu não quero deixá-lo sozinho, Romeu. — Virei em sua direção, abraçando sua cintura e afundando meu rosto no seu terno caro.

Não estava em condições de manter os bons modos que meu *papà* sempre insistia para que eu cultivasse. Só queria que o mundo parasse para que eu pudesse processar essa dor que dilacerava meu peito com tanta força.

— Ele não estará sozinho, Beatrice. Sempre o manteremos vivo em nosso coração.

— Estou sozinha, primo. Sozinha no mundo. — Ergui a cabeça em sua direção e encarei seu olhar gentil.

Suas mãos alcançaram a curva do meu rosto, um sorriso discreto apareceu em seus lábios e eu me senti confortada de forma instantânea.

— Você nunca estará sozinha, *piccola*. Eu estou aqui. Por você e para você. — Ele beijou minha testa, seus lábios macios roçaram minha pele com tamanha delicadeza que fechei os olhos em contemplação.

— Acredito que eu é que deveria estar consolando minha futura noiva dessa forma, Romeu Fabbri.

O tom de voz grosso e imponente, nada discreto para a situação em que estávamos, fez meu corpo saltar à medida que o coração disparava descompassado.

Tentei me afastar de Romeu, mas seu braço voou para a minha cintura, me mantendo muito perto do seu corpo. Trancei os dedos e mantive a cabeça baixa, covarde o suficiente para não erguer o rosto e encarar o dono daquela voz.

— Não recebeu minha carta?

— Você sabe que sim. Como também sabe que ela não tem qualquer relevância ou fundamento. O acordo será mantido e eu vou levar a garota.

Ergui os olhos em automático, tomada pelo choque, vislumbrei a figura imperiosa, toda de preto, que mantinha as mãos no bolso da calça. Ele usava um terno de alta-costura, que modelava seu corpo firme e grande.

O rosto daquele homem era uma obra-prima esculpida pela própria Criação. Cada traço era uma promessa de

mistério, uma jornada que convidava a ser explorada. Seus olhos, profundos e penetrantes, guardavam segredos que desafiavam minha compreensão, enquanto seus lábios prometiam um deleite proibido. Cada linha, meticulosamente desenhada, revelava uma dualidade cativante: a beleza selvagem e a aura enigmática que o envolvia, criando um magnetismo irresistível e assustador.

Arturo Salvatierra, meu futuro noivo.

— Não é hora nem lugar para essa conversa, Salvatierra. É uma ofensa à memória de Leonardo.

— Ofensa maior do que sua carta encerrando um acordo que existe desde antes da minha própria existência? — O tom irônico de Arturo não me passou despercebido e eu virei a cabeça em automático, daquela vez sim, me afastando do contato de Romeu.

— É verdade o que diz? — Romeu encarou meu olhar indignado e vi a culpa em seus olhos. — Como pode tentar descumprir a vontade de meu pai? — Meu tom subiu e olhei ao redor, a multidão muito atenta ao desenrolar dessa conversa. — Acho melhor terminarmos essa conversa em outro lugar — soltei, incomodada com a atenção dispensada a nós.

Liderei o caminho até a sacristia e ouvi a porta se fechar após os homens adentrarem o lugar comigo. Encarei Arturo, mais por curiosidade do que por consideração, então voltei o olhar para Romeu e cruzei os braços.

— O que significa tudo isso, primo?

— Eu estou na liderança provisoriamente, precisava tomar algumas atitudes emergenciais e seu futuro enlace com o mexicano estava no topo das demandas — Romeu discursou, suas mãos na cintura, parecia pressionado. —

Existe muita coisa por baixo de tudo isso, Beatrice, você não entenderia.

— Posso ser ingênua, primo, mas não sou burra. Então, explique.

— Algumas pessoas não concordam com esse enlace. Acham que você deveria se casar com alguém da *famiglia*. — Romeu coçou a nuca, desconfortável. — De ontem para hoje, recebi três ligações me alertando sobre a importância de ser o novo chefe e fazer as coisas como devem ser feitas, entre nós.

— Isso é um problema interno seu, Fabbri — Arturo tomou a palavra com a voz determinada. — Não existe a menor possibilidade de o acordo ser desfeito. Por anos, ambas as famílias têm se beneficiado dessa união e ela será concretizada. Com a morte de Leonardo, Beatrice se tornou minha responsabilidade, nos casaremos o quanto antes.

— O quê? — Abri a boca, em choque. — Mas o acordo disse que eu sairia de casa com vinte e um.

— Um ano a mais ou a menos não fará diferença no final.

— Mas e meus estudos? Estou terminando o curso, não posso parar agora.

— Ele não terá serventia alguma para o papel que desempenhará, *muchacha*. — A nota de desdém em suas palavras me incomodou, muito.

— Mas é importante para mim. — Empertiguei o tronco, me impondo com firmeza. — Se acha que por sermos noivos você vai mandar nas minhas vontades, está muito enganado, Arturo Salvatierra. — Cruzei os braços, enfatizando minha postura resoluta.

— Achei que tivessem preparado a *muchacha* para ser uma esposa obediente. — Ele teve a audácia de encarar meu primo, ignorando por completo a minha fala. — Como ficamos, Romeu Fabbri? Vai cumprir o acordo de sangue e honra entre nossas organizações?

— *Va bene* — Romeu soltou cansado e passou a mão pelos cabelos. — Espere, ao menos, que enterremos meu tio.

— Claro. Eu não partiria de San Diego sem que minha futura esposa se despedisse adequadamente de seu *padre*.

— Eu deveria agradecer? — chamei a atenção para mim.

Sabia que a vida de uma mulher dentro da máfia era cercada de submissão e aceitação, mas meu pai sempre me disse que um homem de bem controlava os negócios e a esposa controlava o homem.

— Não é preciso. Estou cumprindo meu dever, *señorita*. — Ele continuou olhando para Romeu, como se minha presença fosse meramente figurativa. — Agora que estamos acertados, irei me retirar. Assim que o sol se pôr, estarei na mansão para pegar o que me pertence. — Romeu acenou com a cabeça, de acordo. — Prepare somente o necessário, *muchacha*. Hoje você começará o resto da sua vida comigo. Posso prover tudo que o precisar, não se preocupe. — Seus olhos finalmente se voltaram para mim. — Até mais tarde.

Soltei uma lufada de ar, indignada com o descaso do meu futuro marido no velório do meu pai, mas antes que ele deixasse a sala, em sua imponência tão característica, parou diante da porta e olhou por sobre o ombro.

— E mantenha suas mãos, beijos e afagos para si, Fabbri. Beatrice é uma mulher comprometida, e eu, um

homem possessivo.

Antes de ele sumir no corredor, em direção à saída, senti meu pescoço e rosto esquentarem, tamanha a minha irritação com o discurso daquele presunçoso.

— *Stronzo*[6]*!* — bradei ao me sentar em um sofá de dois lugares.

— Não fale assim, *piccola*, ele será seu futuro marido.

— Tem algum motivo para te pressionarem contra o casamento? Meu *papà* nunca mencionou nada sobre isso.

— Leonardo sabia que a *famiglia* não estava de acordo, mas ele jamais fugiria da sua palavra.

— Acha que a morte dele...

— Não. Não pense nisso. Seu *papà* sofreu um infarto, Beatrice. Ninguém teria a ousadia de matar o chefe de San Diego.

— Nem mesmo alguém de dentro? — Levantei a questão que me preocupava.

Se eram os próprios membros que questionavam meu casamento, também poderiam ser eles a dar um fim ao meu pai, julgando que o acordo matrimonial se encerraria com a sua vida.

— A partir de hoje, você não precisará mais se preocupar com nada disso, Beatrice. Será uma Salvatierra e terá a mesma vida confortável que tem aqui.

— Eu não o conheço, Romeu. Não sei nada sobre minha nova vida. Achei que a aproximação aconteceria de uma forma mais diluída.

— E seria assim, *piccola*, se Leonardo estivesse vivo. — Romeu veio até mim, quando meus olhos nublaram com lágrimas não derramadas. — Ele estaria orgulhoso de você,

saiba disso. Você sempre será a *ciccia* [7]de seu *papà*. Tenha paciência e tudo vai se ajeitar com o tempo.

— Mas... e a minha faculdade...

— Você terá que negociar isso com seu futuro marido, Beatrice.

Romeu deu duas batidinhas na minha mão antes de sair e me deixar sozinha com meus pensamentos.

Minha vida tomava o rumo ao qual estava destinada, eu só esperava não precisar tornar meu casamento um campo de guerra.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 3

Fui para o hotel que havia reservado na cidade, no mesmo conglomerado comercial em que estava meu helicóptero. Sob a vigilância constante do meu pessoal, entrei no quarto reservado para o dia.

Imaginei que levaria um pouco mais de tempo para conseguir tirar Beatrice das garras da sua família. Ouvir da boca de Romeu que a ordem para acabar com o acordo matrimonial viera de cima, me deixava ainda mais inquieto.

Eu já tinha o motivo para a carta do novo chefe, agora precisava decidir o que faria com aquilo. Enviei uma mensagem para Santiago, informando sobre o assunto e pedindo que começasse a investigar a situação.

Apesar de imaginar que se tratava do pensamento de alguns conservadores sobre a etnia dos negócios, eu não seria tão inocente a ponto de deixar tudo passar despercebido.

— *Bem?*[8] — atendi o telefone, já sabendo de quem se tratava.

— *Você precisa pegar sua noiva e sair daí agora!* — Santiago estava quase histérico.

— Acalme-se, homem. Farei isso assim que o velório terminar.

— *Não passa pela sua cabeça que Beatrice Fabbri se tornou uma verdadeira mina de dinheiro? Ela é a herdeira de Leonardo.*

— Isso não é nenhuma novidade, Santiago. Ela seria a herdeira antes ou depois da morte dele.

— *Com o adendo de que, com a morte inesperada, a cadeira iria para o sangue dele. Ou seja, para um neto.* — Busquei na mente alguma coerência nas palavras do meu primo e relembrei alguns ensinamentos sobre o funcionamento da Cosa Nostra.

Os cargos eram herdados por homens, pelo parente consanguíneo mais próximo. Com a vinda de Beatrice para o Cartel em Tijuana, Leonardo teria que nomear um sucessor, já que nosso filho não tinha data certa para vir.

— *Hijo de la chingada*[9]*!* — esbravejei. — Ele cedeu fácil demais.

Encerrei a chamada e automaticamente chamei pelos meus homens no corredor, então liderei o caminho certeiro para o cemitério da cidade. Não permiti que mantivessem qualquer decoro ao invadir o corredor para a capela, o

velocímetro muito acima do permitido, cantando os pneus ao parar na entrada principal.

As pessoas em volta saltaram para trás, assustadas, o burburinho se formou quando desci do carro, tirei a pistola do coldre subaxilar, direcionada para baixo, marchei determinado para dentro da capela.

Olhei ao redor, cercado por alguns dos meus homens. Não vislumbrei nem um dos Fabbri. Fui para a sacristia, onde havia deixado ambos, e nenhum sinal deles. Marchei pelo corredor interno espalmando a mão em cada porta em busca dela.

— Beatrice Fabbri! — chamei alto o suficiente para ser ouvido até na capela principal.

Olhei na direção de uma porta nos fundos, a claridade cegando meus olhos e impedindo que eu vislumbrasse quem estava do lado de fora. Cortei o caminho, dando de frente para a primeira fileira de lápides.

— Onde ela se enfiou? — Olhei para ambos os lados, sem saber por onde começar.

— *Señor*, consegui a localização da cova. — Um homem surgiu com um pequeno papel nas mãos.

— Vá na frente.

Avançamos feito uma esquadra de cães farejadores, galgando sua valiosa empreitada em busca de um prêmio estimado. Eu nunca perdia o controle em situações de risco, emboscadas ou qualquer merda que me fosse jogada, mas pensar que havia vacilado com a segurança da *muchacha*, me deixava revoltado.

Eu honraria minha promessa para meu pai, cumpriria este acordo e manteria Beatrice bem e sadia. Nenhuma

cobra gananciosa colocaria fim a uma promessa feita antes mesmo de eu existir.

Havia coisas que valiam mais que dinheiro na vida, a palavra do meu pai era uma delas. E eu nunca mais poderia usar o nome Salvatierra com honra e orgulho, se permitisse que algo atrapalhasse a concretização do acordo.

— Ali... — Um homem apontou adiante, para uma figura miúda. Ela usava um vestido preto discreto, até os joelhos, e encarava a cova aberta, segurando um pequeno objeto nas mãos.

Fiz sinal para que os homens guardassem o perímetro. Nosso começo não havia sido dos melhores, as circunstâncias eram difíceis, e eu precisaria tirar a *chica* no último momento com seu *padre*, contra a sua vontade.

— *Muñeca*?[10] — Mantive o tom baixo para não a assustar, mas ainda assim, ela se virou, os olhos surpresos e avermelhados de tanto chorar.

— O que faz aqui, *signore* Salvatierra? — Ela limpou o nariz de uma forma engraçada, que por um momento, me fez pender a cabeça para admirar sua feição delicada.

Beatrice Fabbri era daquele tipo que te fazia dar uma segunda olhada. Traços finos e delicados, com um olhar agateado que te prendia sem pedir licença. E suas madeixas loiras? Ah, um toque angelical que deixava qualquer um babando. Ela tinha esse jeito de parecer pura tentação, como se cada movimento fosse um convite para se perder em seus encantos. — Vim te buscar.

— Mas o *signore* prometeu que viria após o enterro. — Ela recuou um passo, totalmente na defensiva.

— Circunstâncias me fizeram voltar. Aqui não é seguro para você, *chica*. *Andale!*[11] — Estendi a mão em sua

direção, mas meu olhar circulou o perímetro atento a qualquer movimento suspeito.

— Não! Eu não vou. Quero enterrar meu pai, prestar a última homenagem ao homem que me criou.

— Eu entendo sua necessidade emocional, *señorita* Fabbri, mas existe uma grande chance de tentarem te matar aqui. Hoje. O que facilitaria para a funerária a cova já estar aberta. — Apontei com a arma para o buraco ao nosso lado.

— Bem. Você é o único ostentando uma arma na mão e agindo de forma ameaçadora.

— Ameaçadora? — praticamente rosnei, ao fechar ainda mais o semblante, sentindo que a minha paciência se esvaía cada vez mais. — Você não tem ideia do quanto posso ser ameaçador. Agora escute o que eu estou falando e venha comigo para um lugar seguro.

— Estou com a minha *famiglia*. Não há mal que me alcance aqui.

Abri a boca para responder que, por baixo da fachada de boa família italiana, um queria devorar o outro, igual a um ninho de cobras peçonhentas, mas uma movimentação em uma árvore frondosa do outro lado da viela em que estávamos me fez agir por impulso.

Puxei a cintura de Beatrice com a mão livre e, com a outra, empunhei a arma e dei dois disparos na direção da árvore, que escondia algum atirador, provavelmente. Ao mesmo tempo, saltei em direção à cova, tomando o cuidado de colocar a *chica* sobre mim.

Seu grito foi a única coisa que registrei antes de cair na terra afofada que amorteceu nossa queda. Mantive a arma apontada para cima, ciente de que meus homens

tomariam as devidas providências para assegurar nossa saída.

— *Por Dio*! O que pensa que está fazendo? Seu *stronzo!* — A *chica* começou a bater no meu peito, suas tentativas de se levantar eram impedidas por meu braço, que ainda a apertava contra meu tronco. — Pode me soltar? — Ela finalmente mandou.

Seu rosto estava tomado pela raiva, alguns fios se soltaram da presilha que usava rente à nuca, deixando seu ar angelical um pouco mais selvagem.

— Alguém tinha você na mira — falei alto o suficiente para que seu ataque de histeria parasse.

— O quê? Como? — Ela virou a cabeça para cima e tornou a me olhar. — E como sairemos daqui?

— Assim que um dos meus homens disser que é seguro.

— Beatrice? *Piccola*? — Escutei uma voz masculina chamar ao longe.

— Meu primo. — Ela tentou levantar e eu apertei meu braço em torno do seu corpo.

Estar dentro de uma cova não deveria me permitir ter certos pensamentos, mas confesso que me agradava sentir seu tamanho e maciez dentro do meu aperto.

— Pode me soltar. Meu primo pode cuidar de qualquer perigo lá fora. — Estreitei os olhos em sua direção, uma raiva conhecida crescendo dentro de mim, prestes a rugir e fazer a vontade do seu dono ser validada.

— O único que tem o direito e dever de te proteger sou eu, *chica*. Quanto mais cedo entender isso, melhor será. — Ela apertou os lábios, indecisa, mas optou por não

responder. — Agora saia de cima de mim e se mantenha abaixada, vou verificar se é seguro.

Um milagre enviado dos céus manteve a garota obediente. Ela apoiou as mãos no meu peitoral, seu deslizar foi elegante e contido ao se colocar de pé, com o corpo ainda curvado. Estávamos em vários tons de marrom devido à terra fofa.

Levantei-me com mais rapidez, coloquei a cabeça para fora e avistei meus homens se aproximando, um deles me tirou do buraco e eu automaticamente estendi a mão e puxei Beatrice de uma única vez.

A garota não pesava nada, o que me deixou levemente preocupado. Um tombo e ela estaria completamente quebrada.

— *Caspita!*[12] O que aconteceu aqui, Salvatierra?

— É o que eu também quero saber, Fabbri. Mas antes, estou tirando minha futura esposa desse lugar. Não é seguro.

Sem dar qualquer outra explicação, segurei o pulso da *chica* e praticamente saí arrastando a *pequeña* por todo o caminho até os SUV’s, cercado por meus homens e com minha pistola na mão livre.

Eu tinha a pele macia da minha esposa em uma mão e o cano da arma na outra. Algo me disse que esta não seria a última vez que eu viveria esta cena.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 4

Eu não conhecia muitos lugares, minha criação era regrada e segura dentro das dependências e ambientes autorizados pela Cosa Nostra. Garotas como eu eram consideradas pequenos tesouros da *famiglia* e necessitavam de proteção constante.

Nesse momento, Arturo e eu estávamos em uma espécie de apartamento num grandioso conglomerado comercial. A vista era esplêndida da sala ampla, clara e bem arejada, eu tinha a sensação de estar acima do mundo.

Depois que Arturo praticamente me jogou no interior do carro e entrou batendo a porta, optei por me manter em silêncio, mesmo que minha mente quase derretesse com os

inúmeros questionamentos sobre o que acabara de acontecer.

Havia também a dor de deixar meu *papà* sozinho, para ser enterrado por estranhos. Eu contava com Romeu para estar ao seu lado no momento final, já que claramente meu futuro noivo não me deixaria sair da prisão luxuosa em que havia me colocado.

Encarei as portas duplas no hall de entrada. Havia dois homens do lado de dentro, os olhos fixos à frente, fingindo serem invisíveis aos nossos olhos, apesar de serem aptos para farejar qualquer perigo.

Outros dois homens guardavam o lado de fora e o restante estava no térreo e subsolo, todos prontos para evacuar no momento que fosse solicitado.

— Fique à vontade. Aquele é seu quarto. Vou marcar nossa partida para o início da noite. Providenciarei roupas para que possa tomar um banho e se trocar.

— Eu só queria ter enterrado meu *papà*. Nada mais.

— Infelizmente, isso não foi possível, *señorita*. Você nasceu em um meio diferente do convencional, sabe bem que as coisas não funcionam como gostaríamos.

— Eu não entendo. Minha vida sempre foi segura, nunca passei por qualquer situação de risco.

— Não que você saiba — ele completou. — Seu *padre* deve ter escolhido te poupar de muita coisa, *muñeca*.

— Por que me chama assim? — Encarei seus olhos, pela primeira vez desde que saímos da cova, e a frieza que vi não me agradou.

— Porque é o que você é. Uma bonequinha de porcelana, moldada para viver dos frutos providos pela *famiglia*. — Bufei, indignada. — Estou mentindo?

— Não é dessa forma. As mulheres da *famiglia* são protegidas, assim como as do Cartel devem ser. Ou vocês permitem que elas corram riscos, empunhem armas e enfrentem inimigos?

— Toda mulher do Cartel é ciente do que acontece a sua volta. Todas trabalham e colaboram para o bom convívio e fortalecimento da nossa comunidade. Somos unidos e leais. Além disso, elas aprendem a se defender e a atirar, ainda novas, mas é dever dos homens nunca permitir que precisem usar tais conhecimentos. — Arregalei os olhos enquanto minha boca se abria, em choque.

— Suas esposas e filhas podem aprender a atirar? — Sentia uma pequena comichão surgir em meu âmago, alimentando a velha, e desejosa, faísca de curiosidade.

— Claro. Nunca é nossa intenção deixá-las desprotegidas, mas na pior das hipóteses, elas precisam saber como enfiar uma bala no meio da testa de um porco qualquer.

Senti o pequeno despertar intensificar dentro de mim, mas optei por deixar essa conversa mais para frente, não queria demonstrar empolgação com algo que poderia facilmente ser boicotado no futuro. Afinal, eu me casaria em breve com o chefe do Cartel e não sabia até onde se estenderiam os meus deveres, obrigações e vontades naquela organização.

— Se não tem nenhuma pergunta, pode ir para seu quarto. Preciso resolver algumas coisas. — Ele ergueu o celular, me dispensando.

Entrei no quarto e tranquei a porta, sabia que isso não impediria Arturo, ou qualquer outro, de invadir o lugar caso quisesse, mas deixaria claro para meu futuro noivo que não tínhamos qualquer intimidade para ele ficar em meus aposentos.

Ao menos até o casamento.

Apesar de o meu pai ter falado muito sobre meu futuro enlace, e de ter explicado como nossa união era importante para selar a paz e a harmonia entre as organizações, assim como para apaziguar o desejo de interesseiros que quisessem interferir nos negócios, ainda faltava a parte principal: mostrar como uma mulher deveria se portar como primeira-dama do Cartel.

O discurso de Arturo deixava claro que o comportamento, assim como o que era esperado de uma mulher dentro da Organização, era totalmente diferente da *famiglia*.

As mulheres de San Diego, assim como as de outros estados, eram preparadas para serem damas da alta sociedade, a vitrine bem-vista, vestida e honrada de seus maridos. Ocultavam os segredos obscuros dos negócios através de eventos beneficentes e encontros promissores com pessoas influentes.

Era um trabalho, de fato, porém muito mais sutil, elegante e seguro, do que saber empunhar uma arma quando necessário.

Tirei minhas roupas e fui direto para o banheiro, precisava tirar a terra de cova do meu corpo. Encarei meu rosto no largo espelho que cobria a parede oposta, fiquei chocada de me ver suja.

Acho que, na última vez que vi marcas de terra em minha pele, eu era criança, e havíamos viajado para a casa de campo da *famiglia*. Algumas garotas, bastante impertinentes, haviam me empurrado de um barranco e eu me ralei e sujei toda.

Eu ainda me lembrava do meu pai me dar uma bronca por retornar para o casarão toda imunda. Minha babá tivera

muito trabalho para me deixar apresentável para o jantar que acontecera naquela noite.

Fui direto para o chuveiro, não estava com paciência para esperar a banheira encher, nem tinha meus produtos essenciais para um banho renovador. Rezava para que o banheiro na casa Salvatierra fosse no mínimo aceitável, mantendo o padrão que eu estava acostumada.

Deixei o banheiro usando um roupão e enrolei uma toalha no cabelo. Estava cansada, exausta na realidade. Não havia dormido a noite toda e a privação de sono estava cobrando seu preço.

Soltei meu corpo sobre a cama macia e aconchegante, então abracei um travesseiro sob a cabeça, curvei uma perna para cima, fechei os olhos e acabei apagando.

Ouvi algumas batidas na porta, que se transformaram em fortes pancadas e me fizeram saltar de pé, assustada e um tanto perdida quanto ao lugar em que estava.

— *Caspita!* Eu já vou! — gritei ao tirar da cabeça a toalha mal colocada.

Marchei até a porta e, quando a destranquei, encontrei uma versão irritada de Arturo Salvatierra, que empurrou a madeira clara, me fazendo recuar alguns passos para trás. Seu olhar escrutinou o ambiente parcamente iluminado, fazendo eu me dar conta de que já havia anoitecido.

— Estava dormindo?

— Sim. O que mais poderia fazer dentro desse quarto, trancada?

— Não tranque a porta. Preciso ter acesso a você a qualquer momento. — Cruzei os braços e ergui as

sobrancelhas.

— E essa ordem diz respeito a este lugar ou será uma regra para nossa vida conjugal?

— A porta do *nosso* quarto — não perdi o tom enfático na palavra “nosso” — só será trancada quando ambos estivermos do lado de dentro.

— Pretende dividir um quarto comigo? — Apontei para o meu próprio peito, chocada.

Já tinha ouvido de diversas mulheres na *famiglia* que seus maridos mantinham um quarto separado, já que os horários de ambos eram divergentes. Era uma forma de preservar o outro, segundo elas.

— Se vamos nos casar, Beatrice Fabbri, faremos a coisa da maneira convencional. Dividiremos o mesmo quarto, acordaremos e dormiremos juntos, treparemos esporadicamente, ainda mais quando estiver fértil. Quero meus herdeiros para seguir com os negócios. — Apesar do peso em suas palavras, o tom banal que usava mostrava quase um descaso com a situação.

— Fico feliz que você esclareça tudo de forma tão prática. Vai me tornar uma égua parideira? — Arturo deu dois passos à frente, cortando nossa distância.

— Se é assim que prefere pensar, que seja. Você vai parir meus herdeiros e teremos uma parceria aceitável.

— Parceria?

— Sim. É isso que nosso enlace representa, querida. Ainda mais com seu pai morto e você sendo a única herdeira da cadeira que ele não passou a ninguém.

Recuei um passo, meus olhos se perderam por um minuto, processando a informação da qual eu ainda não havia me dado conta. Meu pai não tinha nomeado um

substituto ainda, era forte e sadio, não havia motivos para apressar as coisas, já que eu só me casaria daqui a um ano.

— Romeu assumirá. Já era o mais indicado, e cotado, para o papel. — Dei de ombros, fingindo que não era nenhuma novidade.

— Agora ele depende de muitos fatores para se tornar o líder definitivo. Inclusive, de um filho nosso.

— Eu não assumiria os negócios, nem você. Meu pai sempre manifestou seu interesse em passar a cadeira para meu primo.

— Mas ele morreu, *muñeca*. E isso muda tudo.

— Está cobiçando a cadeira da máfia de San Diego? — Estreitei os olhos, impressionada com a provável ganância do meu futuro noivo.

— Não estava em meus planos assumir absolutamente nada deste lado da fronteira. Sou feliz com meus negócios e Cartel, fazemos a coisa do nosso jeito e funciona bem. Só me incomoda que tenham tentado minar o acordo entre os italianos e os mexicanos. E que tenham matado seu pai, melhor amigo do meu. — Meu peito se apertou com a possibilidade.

— Meu pai teve um infarto fulminante.

— Muito estranho para um homem que cuidava tanto da saúde e, até seus últimos exames, estava saudável feito um touro.

— Como sabe sobre a condição clínica do meu pai?

— Ah, *muñeca*, quando você vai perceber que, onde se tem dinheiro e influência, se tem tudo?

— Acho que terei muito a aprender com você, futuro noivo. — Fui desdenhosa.

Não queria demonstrar o quanto suas revelações me abalavam, já que iam totalmente contra tudo o que Romeu havia dito para me tranquilizar.

Quem estava mentindo, afinal?



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 5

Provavelmente, eu estava sendo insensível e jogando muitas informações no colo da *chica*, mas assim era a vida de um integrante do Cartel, lidávamos com a verdade, nua e crua, assim estaríamos preparados para qualquer problema futuro.

Estendi para Beatrice a sacola de roupas que havia chegado depois que ela se trancou no quarto. Infelizmente, nosso plano de voo havia sido adiado para a manhã seguinte e teríamos que pernoitar em San Diego.

Poderíamos ir de carro, mas o risco de sofrermos uma emboscada em território inimigo era muito pior. Santiago dobrou o número de homens no hotel, vigiando cada entrada, nosso andar e o heliponto.

O hotel havia se transformado em uma fortaleza mexicana e eu não estava dando a mínima para qualquer hóspede incomodado com meus homens armados e de feição atravessada.

— O que é isso?

— Roupas para sair e para dormir. Teremos que ficar aqui essa noite.

— Por quê?

— Mudança no plano de voo.

— Podemos ir de carro.

— Não é seguro.

— Romeu pode ajudar com isso...

— Seu primo não é meu aliado. — Endureci o maxilar.

O fato de ela atrelar aquele bezerro italiano à sua segurança me deixava bastante irritado. Eu já tinha avisado uma vez e não ficaria me repetindo quanto aos cuidados e responsabilidades com sua segurança, que pertenciam a mim.

— Não diga isso. Romeu é a única *famiglia* que me sobrou.

— Você precisa entender, *muñeca*, que os Salvatierra são sua família agora. Quanto mais cedo aceitar, mais fácil será de entender como as coisas funcionam no lado mexicano da fronteira.

Seus olhos se alargaram e se encheram de lágrimas, que ela bravamente lutou para não derramar. Eu precisava confessar que tive empatia com a sua determinação em se mostrar forte, esse era um sinal de que havia fibra em suas veias.

— Obrigada pelas roupas. Se me der licença, irei me trocar. — Ela recolheu a sacola e se manteve empertigada.

— Terei que sair por um par de horas. Se precisar de algo, é só pedir na recepção.

— *Va bene*.

Deixei o quarto e fui direto para a saída, poderia ter pedido a uma camareira para entregar as roupas que havia comprado com a assistente do hotel, mas precisava colocar meus olhos na *chica* e confirmar que estava viva e bem.

Santiago havia marcado uma reunião com alguns aliados desse lado, eles trabalhavam nas ruas e tinham informações sobre como as coisas andavam nos últimos meses em San Diego.

Eu já sabia que o comando não queria o enlace com o Cartel, também sabia que Romeu não era confiável, apesar de a morte prematura de Leonardo estragar sua garantia de sucessão. Ainda teríamos que testar esse terreno para ver se ele seria um fantoche na mão dos outros braços da Cosa Nostra, ou se faria valer o sobrenome que carregava.

Entrei no pequeno restaurante no final de uma rua esquecida no subúrbio da cidade. A área era guardada por um grupo atuante, associado de Leonardo, que agia sob comando dele, além de manter seus próprios assuntos, autorizados pela organização.

— *Buonasera, signore* Salvatierra. A que devo a honra?

— Fabrizio! *Buenas*! — Estendi a mão em cumprimento.

Ele era quem fazia a ponte das drogas que colocávamos para circular deste lado da fronteira. Com a autorização do chefe Fabbri, nossa mercadoria circulava em

quarenta por cento do território, enquanto a maior parcela ainda era mantida para os integrantes da Cosa Nostra.

— A morte de Fabbri. Algo não me cheira bem.

— Ah, lamentável. Nunca mais teremos um chefe como ele. Infelizmente.

— Como andavam as relações da Cosa Nostra com a rua?

— Sabe que eu não deveria te dar informações assim. Você não faz parte diretamente dos negócios desse lado do muro, Salvatierra.

— Não precisa me informar do óbvio, Fabrizio. Estou ciente. Só que a coisa mudou, sou o noivo da única herdeira de toda essa merda. — Circulei o dedo no ar e o italiano franziu o cenho. — A cadeira não foi passada, oficialmente. E sabemos o quanto o crime organizado italiano irá deliberar, fomentar e manipular a ascensão de Romeu Fabbri.

— Essa sempre foi a vontade do velho Fabbri. — Ele deu de ombros. — Não vejo grandes dificuldades com a nomeação oficial.

— Esquece que Beatrice pode ter um filho e reivindicar seu direito? — Juntei as mãos sobre a mesa, inclinando meu tronco para frente. — Um meio *chicano* assumindo o lugar do chefe no futuro? Acho que não é algo que os conservadores querem.

— O que quer com tudo isso, Salvatierra? Pretende começar uma guerra pelo poder com os italianos?

— Claro que não. — Voltei meu corpo para o respaldo da cadeira. — Mas eu quero saber quem tentou desmantelar o acordo e matou Leonardo. Devo isso à memória do meu pai, e à minha futura noiva.

— Pois bem. Os negócios andavam meio parados do lado italiano. Diziam que alguns fornecimentos haviam sido cortados para San Diego. Uma forma de pressionar o chefe a ceder aos apelos das demais bases.

— Quais apelos?

— Não tenho certeza ou propriedade para dizer, mas havia rumores de alianças que eles não aceitavam muito bem.

— Isso confirma minhas suspeitas.

— O que pretende fazer com essa informação, *amico*? — Abri a boca para responder, mas o meu telefone vibrou no bolso e eu encarei a tela com o cenho franzido.

— *Bem*? — Ergui um dedo para que Fabrizio aguardasse.

— Senhor Salvatierra? Sou o gerente do hotel em que está hospedado, estou entrando em contato pois temos um pequeno problema no andar da sua suíte.

— O que aconteceu? — Levantei com tamanha rapidez que a cadeira que usava caiu para trás.

— Sua acompanhante tem uma arma apontada para nossa massagista, que sempre enviamos para seu aposento quando pernoita na cidade.

— *Pinche*[13]! Esqueci de cancelar o atendimento na recepção. — Forcei o polegar e o indicador na parte de cima do nariz, entre os olhos. — Estou a caminho. Mande meus homens ficarem de olho, mas ninguém coloca a mão na minha acompanhante. Entendeu? — ladrei a ordem de forma enfática.

— Não se preocupe, senhor. Ninguém chegará perto dela.

— Preciso ir. — Encerrei a chamada. — Beatrice Fabbri parece ter sangue quente nas veias — desabafei, ainda desacreditado.

— As italianas não são dóceis, *amico*. É bom que saiba disso. — Fabrizio sorriu de lado, apertamos as mãos em cumprimento e eu rumei para o hotel.

Levamos metade do tempo para retornar, então caminhei direto para os elevadores, onde o gerente me aguardava. Ele seguiu em meu encalço.

— Ela ainda não cedeu, senhor.

— Vou acabar com isso. — Passei a mão no rosto, sentindo meu humor se alterar.

O barulho da cobertura soou. Respirei fundo e, quando as portas do elevador se abriram, fui tomado pela surpresa ao ver a cena diante de mim.

Beatrice estava no marco do nosso quarto, tinha uma arma pequena nas mãos, apontada diretamente para uma *chica* de cabelos escuros, que certamente já havia me atendido uma das vezes em que me hospedei aqui. O choro da pobre coitada era sentido em meio ao resmungo das orações que fazia.

Meus homens se mantinham em torno de ambas, as armas abaixadas, o que era um bom sinal, já que eu seria capaz de matar o *cabrón*[14] que ousasse ameaçar minha futura noiva, mesmo que ela representasse um perigo a todos, como naquele momento.

— Pode voltar daqui. Eu resolvo — avisei o gerente, que nem tentou argumentar e ficou dentro do elevador depois de me ver sair. — O que se passa aqui, Beatrice?

— Um recado. Claro e direto para você, Arturo. — Seus olhos se ergueram da moça para mim, estava magoada. —

Eu não vou aceitar ser uma esposa troféu, que faz vista grossa para as escapadas do marido. Então, acabaram os encontros arranjados. As massagens convenientes, ou qualquer outra situação que te coloque sozinho em um ambiente com uma vadia qualquer. Entendeu?

Era muito errado, denunciava o quanto minha mente era perturbada, mas ouvir sua determinação em rejeitar uma possível traição, com uma atitude descabida no corredor de um hotel de renome, fez meu pau despertar de imediato.

A chica tinha sangue nas veias.

— A primeira regra para quem aponta uma arma para alguém, *muñeca*, é estar certo de que vai atirar. — Sorri de lado quando seu olhar voltou para a mulher, assustada. — Vai puxar o gatilho, Beatrice? — Coloquei as mãos nos bolsos, despreocupado.

— Ela não tem culpa. Se eu fosse atirar em alguém seria em você. — A mira saiu da pobre garota e se voltou para mim.

A *muchacha* aproveitou para sair aos tropeços em direção às escadas, desesperada para se livrar da maluca armada.

— Eu sou sua única chance de ter uma vida, pelo menos, interessante. Os italianos não te querem viva e seu amado primo está mais preocupado com a própria cabeça na cadeira em que almeja se sentar.

— Romeu não é um traidor ganancioso. — Ela sacolejou a arma na minha direção e eu ouvi o barulho de armas engatilhando no entorno.

— Ninguém se mexe. Aliás, estão todos dispensados. Isso é entre mim e minha futura noiva. — Meus homens não

titubearam ao me obedecer. — Então, Beatrice. Vai matar sua única possibilidade de sair de San Diego viva?

— Isso pode ser uma armação sua. Quem garante?

— E o que eu ganharia com a sua morte, *chica*? Pense um pouco. Faz horas que deixamos o velório e seu primo querido não entrou em contato com nenhum de nós dois.

— Estou sem meu celular. Fui arrastada do enterro sem chance de pegar minha bolsa.

— Seus pertences chegaram dez minutos depois que nos hospedamos, *muñeca*. Seu primo estava com pressa de te dispensar.

— Segundo sua teoria, ele poderia ser o mais beneficiado com a minha morte. Então, aceitar minha partida coloca em contradição seus achismos.

— Pode ser. Ou ele pode estar ganhando tempo. Matar dois Fabbri no mesmo dia é suspeito demais.

— Você não é tão melhor que qualquer um deles.

— Tem razão. E é por isso que minhas teorias têm um fundo de verdade, já que eu seria perfeitamente capaz de executar todos esses feitos. Só que de uma forma mais eficaz, rápida e inteligente.

Avancei alguns passos e passei pela *chica*, trombando a lateral do meu corpo nela, despreocupado com o fato de uma das minhas armas estar em seu poder.

— A propósito, está descarregada. Precisa verificar o pente antes de empunhar, *muñeca*.

Ouvi seu grito frustrado antes que eu entrasse no meu quarto, para ir direto para um banho gelado, a fim de acalmar o tesão despertado por sua rebeldia.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 6

Aquele homem era uma máquina fria e sem coração, nada parecia abalar verdadeiramente o seu humor, nem uma cena como a que eu acabara de protagonizar.

Sinceramente, não sabia dizer o que havia me dado, mas, depois de colocar a roupa elegante que Arturo me entregou, decidi que teria um bom jantar, no restaurante do hotel, foi quando encontrei a mulher na porta da suíte, tentando entrar.

Quando ela me viu, perguntou se o encontro com o senhor Salvatierra seria em dupla, pois não havia sido avisada de nada e não dividiria o lucro da noite com uma coisinha como eu.

Foi um gatilho, a faísca de uma bomba que estava à margem da explosão e eu não havia percebido, até vislumbrar uma arma em cima do aparador na sala social, empunhá-la diante dos soldados de Salvatierra e ordenar que saíssem da frente.

Algo dentro de mim se partiu, o final de um cronometro ativado desde que nasci. Dezenove anos fomentando a fachada da boa menina, obediente e comportada, que jamais chegou perto de ser transgressora, e agora estava nas mãos do chefe de um Cartel mexicano, com a cabeça a prêmio pela própria família.

Eu era um mar de confusão, solidão e raiva, queria ter minha vida de volta, terminar a faculdade que tanto gostava e me preparar adequadamente para assumir o compromisso que fui destinada a cumprir por meu *papà*.

Joguei a arma descarregada sobre o sofá e retornei para o quarto. Havia perdido a fome. A vergonha pesava depois da minha explosão, fazendo a culpa permear minha consciência.

Abri os olhos assustada, o quarto estava escuro, mas a sensação de ser vigiada havia me despertado. Quando corri os olhos pelo ambiente, vislumbrei uma silhueta grande e muito próxima.

— Levante-se. Partiremos em meia hora.

— O quê? — Pigarreei, forçando a rouquidão da minha voz para longe. — Para onde? — Esfreguei os olhos ao me sentar na cama.

— Para casa.

Arturo saiu em seguida, olhei em torno, mais uma vez, ainda sonolenta e perdida com o susto, mas tratei de me levantar e fazer a higiene pessoal, bem sucinta, diga-se de

passagem. Quando saí do quarto, vislumbrei a imagem do homem imponente, ainda de costas, encarando a paisagem.

— Quero deixar algo bem claro, *muñeca* — Ele se virou para mim, seu semblante sério e compenetrado. — Você será minha esposa um dia. A partir de agora, desfrutará de todas as regalias de ser um Salvatierra, além de lidar com suas obrigações. — Ele avançou um passo, tranquilo. — Mas tenha a certeza de que, em nome da *Santa Muerte*, se você apontar uma arma na minha direção mais uma vez, eu acabo com a sua vida.

Engoli em seco enquanto ele rumava para a saída, indiretamente solicitando que todos ali, incluindo eu, o acompanhassem.

Subimos para o terraço, onde um helicóptero preto, que parecia uma grande ave sombria, tinha seus rotores ligados e algumas luzes piscando. O vento me fez segurar o vestido para não causar um escândalo desnecessário.

Arturo só se dignou a olhar na minha direção quando entramos na área da hélice, ele cobriu minhas costas com seu braço, protetoramente, e permitiu que eu entrasse primeiro. Após prender o cinto em torno do meu corpo, ele fez o mesmo com o dele.

Eu nunca havia entrado em um helicóptero, então travei minhas mãos na pequena bolsa que havia chegado ao hotel com alguns dos meus pertences.

Lamentava não ter tido tempo de pegar nenhuma das minhas lembranças e presentes que me eram caros, não pelo preço, mas pelas recordações que me traziam. Eles eram os verdadeiros tesouros, que eu acreditava que me acompanhariam na nova jornada.

Infelizmente, eu não deixava uma amiga, nunca tive uma, nem sabia dizer o motivo. Acho que, no fundo,

acreditava que, como meu *papà* me enviaria para outro país logo que chegasse aos vinte e um anos, não era vantajoso cultivar um laço que não perduraria.

Crescer sozinha não foi difícil, mas eu me sentia solitária, principalmente quando surgiam assuntos relacionados à mulher, que eu me transformava a cada ano. Eu não tinha com quem falar, além da minha babá.

A visão do horizonte era espetacular, crescendo a claridade de um novo amanhecer, tornando os tons alaranjados no céu ainda mais fortes, iluminando a visão da divisa entre os países.

Logo avistamos uma área verde grande. O helicóptero pousou em um campo extenso o suficiente para acontecer nele uma partida de futebol americano. Alguém abriu a nossa porta, Arturo se virou para mim e soltou a fivela que me prendia.

— Saia de cabeça baixa, Santiago irá te ajudar.

Meus olhos se encontraram com o homem para quem ele apontava, um sujeito imponente e robusto, com uma beleza que despertava a curiosidade, embora não rivalizasse com a de Arturo. Seus olhos claros pareciam esconder mistérios destrutivos, enquanto suas feições, embora sérias, carregavam uma refinada elegância que me intrigava. Era como se estivesse diante de um enigma a ser desvendado, uma peça que não se encaixava perfeitamente no que eu conhecia até então sobre beleza masculina. — Oi.

— Bem-vinda, *señorita* Fabbri. — Ouvi sua voz grossa transpassar o vento gerado pelas hélices.

Saltei do helicóptero com a ajuda de Santiago, corremos de cabeça baixa até uma área segura e logo ele me soltou, os olhos curiosos escrutinaram meu rosto, parecia buscar por algo.

— Espero que goste do Rancho Salvatierra, *señorita* — ele falou, cortês, e se virou para Arturo, que mantinha a sua carranca característica. — Ela não tem cara de que atira em acompanhantes.

Abri a boca em choque e encarei ambos os homens, que não se dignaram a me olhar de volta. Pelo visto, Arturo não mantinha segredos com o tal Santiago.

— Ela está longe de saber empunhar uma arma — Arturo respondeu, com desdém. — Leve-a para os aposentos, vou para a sede do Haras.

— Sim, *señor*. — Santiago sorriu para meu futuro noivo e voltou o olhar para mim. — A propósito, sou Santiago Salvatierra, primo e braço direito de Arturo.

— Eu sou Beatrice, a noiva maluca que aponta arma para as pessoas.

— *Bueno*, ao menos você é a primeira que colocou Arturo sob sua mira e ele não matou.

— O quê?

— Brincadeira. — O homem riu abertamente quando o sangue do meu rosto pareceu ser drenado. — *Andale*, vou te mostrar seus aposentos e deixarei Alma responsável por te ajudar a se entrosar no casarão.

— Quem é Alma?

— A única pessoa capaz de testar a minha paciência e eu, ainda assim, amar.

— Sua mulher?

— Irmã. Mais nova. — Ele fingiu um tom tedioso, mas seus olhos mostravam a ternura que escondia. — Deve estar cansada.

— Um pouco.

— Soube que o enterro de seu *padre* ocorreu bem. Mesmo depois do incidente.

— Não tive qualquer informação sobre o que aconteceu depois que fui tirada de lá. — Santiago segurou meu cotovelo ao interromper seus passos rumo ao casarão.

— Arturo é difícil, mandão e um pouco teimoso, mas ele se importa com você, Beatrice.

— Percebi. — Ri sem humor. — Ele simplesmente me atropelou, no dia mais difícil da minha vida, sem se importar com como eu me sentiria a respeito.

— Eu imagino. — Santiago exalou o ar de seus pulmões. — Quero pedir desculpas em nome da família Salvatierra. Somos melhores que isso, *chica*, mas dadas as circunstâncias, não poderíamos arriscar sua segurança.

— Por que sou valiosa demais viva?

— Não. Porque honramos a memória do meu tio e sabemos que ele derrubaria San Diego para manter a filha de Leonardo Fabbri respirando e bem.

— Oh... *Dio*... — Funguei uma vez, depois outra e, quando dei por mim, estava aos prantos, agarrada ao terno alinhado de Santiago, que estava tenso, sem saber o que fazer. — *Grazie*... quer dizer... *gracias*... é assim que se fala, não é? — Limpei algumas lágrimas errantes ao me afastar.

— Sim, é. Logo você aprenderá mais dos nossos costumes e linguagem. Em breve será uma Salvatierra. — Ele bateu as mãos, desajeitadamente, nos meus braços e se afastou um passo, alinhando seu terno. — Vamos entrar de uma vez. *Andale*. — Ele apontou para o caminho que seguiríamos.

As grandes portas pivotantes de madeira maciça tinham vidro jateado no meio e eram adornadas com ferro

retorcido em lindos arabescos. Era um casarão térreo, mas a sua extensão deixava clara a imponência do lugar.

O hall de entrada era gigante, com piso de madeira e uma mesa central com um belo vaso de rosas. Um vitral mostrava o outro lado do cômodo, onde havia um lindo jardim repleto de flores belíssimas e dois marcos, um para cada lado, que levavam aos outros cômodos.

— É gigante.

— Sim. Meu tio sempre sonhou em ter uma grande família. — Olhei para Santiago, interessada na história, mas alguma coisa o fez se calar. — É por aqui. — Ele apontou para um dos lados, passamos por uma sala de jantar, uma sala de televisão e finalmente um corredor com diversas portas. — Seu quarto. — Ele abriu a última porta. — O quarto de Alma fica ao lado, mas ela acorda mais tarde, uma dorminhoca. Na ponta, é o quarto de Arturo.

— Tudo bem. — Olhei para dentro do cômodo, ainda incerta.

Aquele lugar não se parecia em nada com o que eu estava acostumada. Uma decoração simples, piso de madeira, ventiladores no teto, tons em marrom, camurça e dourado.

— Você vai se acostumar. Logo verá esse lugar como seu.

— Será? — Eu o encarei com uma esperança que poderia ser considerada vergonhosa.

— Tenho certeza.

Sorri e finalmente entrei, sabia que o homem era ocupado demais para servir de guia turístico para mim. Fechei a porta e fui até as janelas, que eram longas o

suficiente para dar uma boa visão do que pareciam ser cercados para animais.

Eu sabia que Arturo era dono, legalmente, de um haras, que tinha certo prestígio na região. Só não tinha o conhecimento de que moraríamos no mesmo local em que ele trabalhava.

— A moça da cidade e da alta roda de San Diego veio parar no meio do mato. — Desabei na cama, testando o amortecimento. — Sem dramatizar ainda mais a sua vida, Beatrice. Acolha e aceite. É o seu futuro de qualquer forma.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 7

Ergui o olhar do documento que analisava com atenção quando Santiago adentrou meu escritório com a mesma liberdade de sempre, tomando o seu lugar costumeiro na poltrona esquerda à minha frente.

— Então?

— Então o quê? — Ele abriu um sorriso debochado, bastante característico, que tinha o poder de tirar o pouco humor que eu guardava para socializar.

— Como a *chica* ficou?

— Beatrice? Sua futura noiva? A quem você deveria estar consolando, adulando e paparicando em sua vinda, completamente trágica, para Tijuana?

Exalei com pesar, larguei a caneta e o documento que analisava e me encostei no respaldo da cadeira. Estava tenso e preocupado, mais do que costumava ser.

— Esse acordo se tornou um grande problema, Santiago. Não podemos nos intrometer na Cosa Nostra, *chicanos* nunca seriam bem-vindos nos negócios italianos. Em contrapartida, como deixarei passar sem retaliação a morte de Leonardo?

— Eu te entendo, *carnal*. De verdade. Mas precisa focar no que é importante: Beatrice está com os Salvatierra, finalmente. Ela é jovem, *Díos mío*, tem praticamente a idade de Alma e eu jamais entregaria minha *chica* para um *cabrón* por agora.

— Alma arrancaria as bolas do porco antes de dizer sim no altar. — Santiago riu, apesar de estar falando muito sério. — Eu não vou oferecer o que não posso dar, Santiago. Somos homens de Cartel, protegemos os nossos, cuidamos dos negócios, não permitimos que nos afrontem e, com um pouco de sorte, vivemos uma vida mais longa que o normal.

— Fazemos tudo isso e podemos oferecer mais do que só proteção à mulher com quem nos casamos, Arturo.

— Estou cumprindo a vontade do meu pai. A menina ainda cheira a leite, *carnal*, ensinarei a ela como se tornar uma mulher e, com a benção de *Díos*, teremos filhos para ocupar sua vida.

— Sua mulher, então você decide como fazer as coisas. Estou buscando informações sobre a noite do jantar em que Leonardo estava presente, mas ainda não obtive nada.

— Molhe a mão de quem for necessário.

— Esse é o problema. Ninguém que esteve naquele restaurante está localizável. — Ele fez aspas com o dedo,

indicava que provavelmente todos estavam mortos.

— Quem eram os convidados?

— Homens de negócios legais. Nenhum afiliado ou mafioso.

— Inteligente. — Meneei a cabeça. — Continue investigando com discrição. Não quero levantar suspeitas de interesse na cadeira de Leonardo.

— Mas você a quer? — Santiago inclinou o tronco para frente, interessado.

— Por enquanto, não. Quero lavar a honra do Fabbri, assim como meu pai faria. No resto, pensarei conforme encontrarmos mais informações.

— De acordo. — Ele levantou ajeitando o paletó. — Irei para verificar as preparações. Aqueles homens precisam de mais empenho ou não cumpriremos a demanda da quinzena.

— Não podemos perder nenhum repasse. Certifique-se de que a roda continue girando.

— Como sempre. — Ele piscou um olho ao girar no lugar, então caminhou em direção à porta. — Só mais uma coisa, *carnal*. — Encarei meu primo, que mantinha um sorriso contido nos lábios, deixando claro que soltaria uma provocação. — Acho bom você começar uma dieta que inclua suplementos, sua futura noiva é linda, nova e já demonstrou ter sangue quente nas veias.

— Suma da minha frente, *cabrón!* — rosnei para meu primo, que teve a audácia de acenar um adeus antes de sair.

Levei as duas mãos ao rosto, esfreguei o suficiente para limpar minha mente e acalmar meus pensamentos. O banho gelado havia ajudado, mas uma pequena curiosidade

havia sido despertada em meus instintos, fazendo com que eu passasse a imaginar como seria trepar com a *muchacha*.

Eu sabia da forma que os italianos lidavam com suas mulheres. Elas eram seres intocados, quase angelicais, guardados para os casamentos arranjados promovidos pela máfia, com a finalidade de fortalecer e aliar os negócios.

Era esperado que Beatrice fosse virgem, resguardada para o casamento, que aconteceria só *Díos* sabia quando. E eu teria que exercitar a porcaria da paciência que eu não tinha para lidar com essa situação.

Dispersei os pensamentos, nada convenientes, sobre como deveria ser doce a parte intocada da minha futura noiva, e foquei a mente no trabalho. Só me dei um fôlego quando já era hora do almoço e Paulina mandou me chamar.

Peguei o celular e caminhei para meu carro, costumava usar um off-road para me locomover na propriedade Salvatierra, já que o casarão era distante do haras.

Estacionei na área de carros, uma pequena coleção que eu gostava muito de manter à minha disposição. A escolha do modelo a ser usado dependia do compromisso do dia e do meu humor.

Entrei pelas portas e logo ouvi algumas risadas vindo da sala de leitura, um lugar raramente frequentado desde que meu *padre* falecera. Santiago, Alma e eu nunca fomos habituados à leitura, mas o lugar era uma boa recordação do homem que havia nos criado.

— Ele era muito briguento quando mais novo, não que isso tenha mudado... — Ouvi o comentário de Alma antes de espalmar a mão na porta entreaberta e vislumbrar duas figuras miúdas, sentadas no sofá de dois lugares, com uma

pasta antiga entre as duas. — Ai, que susto, primo! — Alma levou a mão ao peito enquanto Beatrice só ergueu os olhos, agora sérios, para mim.

— *¿Qué onda?*[15] — Encarei uma e então a outra.

— Nada demais. — Como eu já esperava, minha querida prima impertinente sorriu, com descaso para minha pergunta. — Só estou mostrando à minha futura prima a história da família.

— Deixem isso aí e vamos almoçar — avisei, não dando importância à situação.

Falar do passado nunca foi um assunto que me agradou. O massacre ocorrido com os Salvatierra ainda era um grande mistério sem culpados, o que sempre alimentou minha sede de descobrir quem tinha ousado destruir nossa família.

— Vamos, Beatrice, pelo visto, o *señor* Salvatierra está exigente hoje. — Alma fechou o álbum, colocando-o de lado, e se levantou.

— E quando ele não está? — Voltei o olhar para Beatrice, que nem se dignou a me encarar depois da provocação, apenas se levantou do assento com elegância e sutileza, foi quando reparei que ainda usava as mesmas roupas de ontem.

— Precisa comprar roupas. — Sinalizei com o queixo em sua direção.

— Meu estilo não agrada seus olhos, *signore*? — A *muchacha* estava ácida, essa era uma péssima combinação com meu tesão desvirtuado de direito contestável.

— Está usando a mesma roupa de ontem, *señorita*. Acredito que precise de algumas peças novas para, pelo menos, revezar.

— Ela precisa de um banho de loja, primo. Onde já se viu? Não mandaram nada da pobre *muchacha* para cá.

— Há algo que você queira e que não tenha vindo? — Encarei Beatrice com atenção, mas ela ainda não me olhava diretamente, o que começou a me incomodar.

— Só alguns objetos de valor sentimental, mas não é urgente. Posso pegar em uma visita futura.

— Você não pisará em San Diego, *muñeca*. — Seus olhos voaram para os meus, chocados. — Não é seguro. — Justifiquei, como se bastasse.

— Serei uma prisioneira dos Salvatierra, pelo visto. Ainda bem que me enviaram todos os meus pertences de valor, pelo menos. Até as joias asseguradas no cofre do banco.

Balancei a cabeça, processando a informação. Apertei o olhar em sua direção, atento ao que acabara de dizer enquanto fazia as contas mentalmente, chegando a um resultado nada promissor.

— Como eles conseguiram enviar tão rápido os itens assegurados no banco? Seu *padre* morreu à noite, na manhã seguinte foi o enterro. Normalmente, procedimentos assim levam certo tempo para serem liberados.

— Eu... não sei. — Ela parecia tão confusa quanto eu.

— A menos que a pessoa que fez a retirada já contasse com toda essa situação. — Sorri de lado. — Deixe-me adivinhar: seu querido primo Romeu tinha acesso ao banco igual ao seu *padre*.

— Eu não sei! — ela soltou, irritada. — Não especulava os negócios da *famiglia*.

— Mas eu o farei. Descobrirei a que horas seus pertences foram retirados daquele banco.

— Isso não é da sua conta. — Ela apertou os dentes, incomodada.

— Ah, você se engana, *muchacha*. Tudo que envolve você é da minha maldita conta. — Usei meu tom de comando, deixando claro que ela não tinha poder de decisão em minhas ações.

— Muito bem. Fico feliz de ver que o casal tem um bom entrosamento. — Alma se colocou entre nós dois. — Mas podemos só almoçar? Estou com muita fome.

Esperei que ambas saíssem da sala. Beatrice não cortou o contato visual comigo até que Alma a puxou pelo braço e sussurrou algo, provavelmente um conselho inteligente do tipo “não o provoque quando está desse jeito”. As duas partiram para a sala de jantar.

Apesar de Alma ser impetuosa e muito faladeira, comigo ela sempre manteve uma linha tênue de respeito, ao contrário de como agia com Santiago, que vivia com os cabelos em pé para lidar com o humor da irmã.

Entrei no ambiente e ambas já estavam acomodadas, uma de cada lado da mesa de doze lugares. Assumi a cabeceira e observei Santiago vir da porta de acesso à cozinha, caminhando despreocupado.

— Finalmente a família está reunida. Olá, irmãzinha, querida. — Ele beijou o topo da cabeça de Alma, que devolveu com uma careta. — Beatrice, espero que tenha tido uma boa manhã.

— Foi muito boa, Santiago. Obrigada por perguntar. Alma tem sido uma companhia interessante para me inteirar sobre a família.

— Às vezes ela passa do ponto, então não escute tudo.

— Você é realmente muito chato quando quer e quando não quer, Santiago — Alma desdenhou. — Já que estamos todos reunidos, quero aproveitar para avisar que amanhã tenho faculdade e acho interessante Beatrice ir comigo para verificar sua transferência.

— Transferência? — Enruguei o cenho ao encarar minha futura noiva.

— Vou dar continuidade ao curso que fazia em San Diego.

— Quem permitiu isso? — Enruguei o cenho, incomodado.

— Não preciso da ordem de ninguém para estudar. — Ela empinou o nariz e, mais uma vez, minha ereção deu boas-vindas.

Eu teria um sério caso de bolas roxas antes que completasse uma semana dessa muchacha *em minha casa*.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 8

O homem não tinha o menor problema em tentar me colocar embaixo da sola do seu sapato de grife, achando que eu me submeteria a absolutamente todos os seus desmandos.

Eu sabia que teria que cumprir algumas obrigações como esposa do líder de um Cartel, mas Arturo querer controlar meus estudos era um pouco demais. Com o curso que eu fazia, poderia, de alguma forma, auxiliar nos negócios, ao menos nos lícitos, mas pelo visto, ele esperava que eu ficasse trancafiada neste casarão acatando suas ordens e nada mais.

— Acho que o que meu primo quer dizer, *señorita*, é que precisamos de um planejamento para isso acontecer.

— É por isso que ela vai amanhã, comigo, na universidade. Verificaremos quais os procedimentos para sua transferência — Alma interveio e eu fiquei grata.

— Não é o momento para você sair da segurança do casarão — Arturo soltou, enquanto se servia de um pouco da comida, da qual eu, por sinal, não conhecia nada.

Sabia da inclinação dos mexicanos para a pimenta e tinha medo de acabar exagerando em algum preparo que queimaria minha língua.

— Ser mulher de um mafioso não é algo que vá mudar essa condição. — Dei de ombros ao me servir de algo que parecia purê de batata.

Um baque na mesa me fez saltar no lugar e quase derrubar o prato. Virei-me em direção a Arturo, que tinha os punhos fechados sobre a madeira, o rosto tomado pela raiva, amedrontador de uma forma que eu ainda não havia visto.

— Não desdenhe do nosso estilo de vida, *muñeca*. O fato de o seu pai ter te poupado da parte suja dos negócios não quer dizer que sua cabeça não esteja constantemente na mira de uma arma.

— Ao menos ele me permitia viver. — Engoli em seco ao relembrar da forma como era tratada.

— Acho que estamos indo fundo demais em uma questão bem simples. Vamos fazer assim: amanhã, eu mesmo vou até a faculdade para descobrir as informações. Resolverei todos os trâmites e realinharemos uma forma segura de você voltar a estudar, sem colocar sua vida em risco — Santiago informou, polido, mas não pareceu convencer a Arturo nem a mim.

— Já saímos de San Diego, qual o perigo aqui? Vocês não controlam a cidade? — questionei o óbvio.

— Até que seja resolvida toda a situação da cadeira em San Diego, você é uma peça valiosa demais para ficar vulnerável. — Arturo tomou um gole do seu copo e tornou a falar: — Não estou te proibindo de viver, *muchacha*, mas a situação é delicada. Preciso de tempo para coletar informações que permitam que eu relaxe em relação à sua segurança.

Ele exalou o ar em seguida, parecia mais controlado, acho que essa era sua forma de mostrar diplomacia por trás da ditadura imposta em suas ações desde que nos conhecemos.

— *Va bene* — soltei a contragosto e isso o fez relaxar.

— Aproveitando que estamos finalmente nos entendendo, tenho uma viagem bem legal da faculdade que eu quero muito ir e...

— Você não vai — Santiago a cortou, antes de colocar uma porção de comida na boca.

— Isso não é justo! — Alma praticamente gritou. — Eu tenho uma vida e você está me impedindo de vivê-la, porco egoísta!

— A boca, Alma — Arturo retrucou, calmo, ainda atento ao seu prato.

— Sei me defender. Sou uma boa atiradora, aprendi a lutar e a me safar de situações complicadas. Meu celular tem rastreador, assim como o carro, e estou bem ciente de que dois dos meus colegas de faculdade são infiltrados de vocês. — Ela apontou primeiro para seu primo e depois para o irmão.

Eu havia perdido completamente a fome, interessada no desenrolar daquela conversa. Será que meu futuro seria daquela forma também? Voltando a minha atenção para Arturo, percebi que seria muito pior. Ele nunca aliviaria

minha segurança, que na realidade era um disfarce para seu controle desmedido.

Você vive com a mira de uma arma em sua cabeça desde que nasceu.

Ele não tinha mentido. Apesar da minha vida luxuosa e bastante discreta quanto aos negócios da *famiglia*, eu sempre fui consciente de que tínhamos um estilo diferente de sobreviver aos perigos que nos cercavam.

Mas o meu pai e primo sempre foram tão discretos, que se alguma vez algo parecido com o que vivo hoje aconteceu, nunca chegou ao meu conhecimento.

— Já disse que esse tipo de viagem te coloca em posição vulnerável, Alma. Não é seguro — Santiago argumentou.

— Pois coloque mais segurança. Dez, quinze, quantos vocês quiserem, mas não me impeçam de fazer isso.

— Você ainda é nova. — Santiago colocou outro ponto.

— Todos na faculdade são, mas isso não os impede de fazer esse tipo de coisa.

— Você é uma Salvatierra.

— Uma triste condenação, não é mesmo? — Alma voltou os olhos para mim. — Sinto muito por você adentrar a prisão que é o nosso sobrenome, Beatrice. — Ela jogou o guardanapo sobre a mesa e se levantou, marchando para fora.

— Dramática — Santiago soltou, relaxando o corpo no respaldo da cadeira.

— Uma hora você terá que ceder, *carnal* — Arturo comentou ao levantar o olhar para seu primo. — Ela cresceu.

— Fique fora disso, Arturo. Já te disse que Alma é problema meu. — A forma rude e o tom cortante de Santiago me fizeram estranhá-lo.

Ele pareceu um homem leve e tranquilo a primeiro momento, até a parte que envolvia sua irmã, que notoriamente ele amava, apesar da superproteção revelada.

— Se me derem licença, eu já terminei. — Levantei-me e caminhei para a saída.

— Chamarei o advogado da família aqui mais tarde para que assine uma procuração em meu nome. Preciso ter acesso a tudo o que envolve o testamento, bens e direitos seus — Arturo informou.

— Para quê?

— Irei investigar a retirada das joias do cofre do banco. Buscarei por respostas.

— Acredita mesmo que meu primo traiu a confiança de meu *papà*? — Voltei alguns passos, encarando o semblante tranquilo do Salvatierra.

— Ainda é cedo para afirmar, prefiro ter provas nas mãos.

— E se não encontrar nada?

— Então, Romeu deixará de ser um suspeito e iremos, juntos, atrás do verdadeiro culpado.

— *Va bene*. Tenho certeza de que Romeu não agiu contra meu *papà* ou contra mim.

— Veremos.

Deixei a sala incomodada, não gostava de pensar que alguém que eu tanto amava era um inimigo embaixo do teto de meu *papà*. Romeu foi minha referência de irmão,

sempre me protegeu e me tratou com cuidado e esmero, não havia motivos para ele agir de forma vil.

Acabei me perdendo nos corredores do casarão, eram tantas salas que esqueci qual caminho levava para os quartos. Saí em uma porta lateral e avistei Alma, praticamente correndo em direção a alguns carros.

— Ei, espere! — gritei, quando ela olhou para trás, assustada. — Aonde vai?

— Quero ficar longe desse lugar. Vou dar uma volta. — Ela apertou um controle e um conversível preto apitou. — Arturo nem vai dar falta. — Arregalei os olhos ao entender sua atitude.

— Pela quantidade de carros neste lugar, seu primo deve ser um colecionador.

— Ele compra carros que combinam com seu humor e os intercala no dia a dia. Hoje ele não está com um humor polido e elegante, não vai precisar dessa belezinha. — Alma entrou no carro e baixou a capota. — Vai ficar parada aí, ou prefere viver de verdade?

Abri a boca para contestar e dizer que isso era muito errado, mas ela os conhecia pela vida inteira e, com certeza, estava ciente das consequências de suas escolhas.

— O quanto isso vai irritar seu primo? — Tombei a cabeça de lado e coloquei as mãos na cintura.

Aquela pequena parcela indisciplinada, que eu cultivava, estava gritando por um pouco de adrenalina. Depois da minha cena com a arma no hotel, além de todos os acontecimentos de lá para cá, eu estava mais do que disposta a alimentar essa rebeldia.

Corri para o carro e entrei, Alma ligou o motor, que rugiu potente, e saímos da garagem. Ela acenou para o alto

quando um dos seguranças do perímetro tentou parar o veículo, mas foi esperto o suficiente para saltar para o lado antes que fosse atropelado.

— Você é maluca!

— Sangue Salvatierra, *muchacha!* — Ela jogou a mão para o ar e gritou. — Viva à liberdade!

Soltei uma gargalhada e gritei, extravasando alguns dos grilhões que me prendiam naquela versão comportada e contida que sempre fui incentivada a manter.

Olhei sobre o ombro, havia dois carros nos seguindo, obviamente, os soldados do Cartel.

— Não se preocupe. Eles só nos seguirão e manterão meu irmão e seu futuro noivo informados.

— Não corremos o risco de os dois virem atrás de nós?

— Claro que não. Eles são ocupados demais para isso. Não é minha primeira vez, isso se tornou um costume, por assim dizer.

Alma pisou no acelerador, nos levando por uma estrada deserta, cercada de natureza, até que adentramos a parte comercial de Tijuana, estacionando em um pequeno conglomerado de lojas de luxo.

— Aqui é seguro. — Ela saiu do carro e acenou para os dois SUV’s que estacionaram próximos de nós. — Vamos comprar roupas.

Ela deu a volta no carro, enganchou seu braço no meu e praticamente me arrastou para a primeira boutique que vimos. As vendedoras reconheceram a Salvatierra e, quando souberam que eu era a noiva prometida de Arturo, achei que teriam uma síncope. Elas ficaram eufóricas com as adulações em torno de mim.

Nem mesmo em San Diego, dentro do círculo de confiança da *famiglia*, eu fui tão paparicada.

— Acostume-se, *muchacha*. Você será, em breve, a dona da porra toda nesta cidade — Alma soltou, ao bater seu ombro no meu.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 9

Encarei Santiago e contei mentalmente exatos trinta segundos até um dos vigias vir alertar que Alma havia pegado um dos meus carros na garagem e saíra dirigindo pela estrada feito uma inconsequente sem causa.

Já havíamos nos acostumado com esse comportamento desde que ela aprendeu a dirigir, muito antes de ter carteira de habilitação. Ninguém era corajoso o suficiente para parar um dos meus carros, mesmo que o condutor, nitidamente, fosse menor de idade.

Continuei comendo tranquilamente enquanto Santiago perdia um pouco mais da paciência que cultivava para tudo na vida, menos para lidar com sua irmã jovem e rebelde.

Ele tentou ligar para ela algumas vezes, mas as chamadas caíram direto na caixa postal, então falou com um dos seguranças que a seguiam no carro. O destino parecia ser o centro de Tijuana, o que também já era previsto. Alma adorava terminar suas crises de rebeldia gastando pequenas fortunas no cartão que Santiago havia lhe dado.

— Voltarei para o haras. Tenho alguns assuntos pendentes. Mais tarde, conversaremos sobre a produção — avisei Santiago, que mantinha o telefone pendurado na orelha enquanto bufava. — Desista, *carnal*, ela não vai te atender.

— Enviei mais dois carros como reforço, ninguém chegará perto das duas.

— Duas? — Parei meus passos, julgando que havia entendido errado.

— Sua futura noiva está com a minha querida irmãzinha.

Senti como se uma grande pedra pesasse sobre meus ombros, quase me fazendo cair para trás, por eu não conseguir me equilibrar. Continuei encarando Santiago, que se levantou e caminhou para a saída da área de fora.

— Você não vem?

— Se algo acontecer à Beatrice, eu mesmo esfolarei Alma viva — garanti ao conseguir religar meu cérebro e marchar no encalço de Santiago.

— Te dou o aval para fazer o que quiser com aquela *mamerta!*[16]

Entramos no carro que eu estava usando, ladrei ordens para somente um carro nos acompanhar. Pelo rádio que usávamos, informei aos seguranças que Beatrice Fabbri

só teria aprovação para sair do Rancho Salvatierra com a minha ordem.

Qualquer pessoa que a acompanhasse deveria estar previamente autorizada, quem tentasse descumprir essa regra seria visto como um traidor e punido ao estilo Salvatierra.

Era muita ousadia aquela chica *sair bem debaixo do meu nariz, sem qualquer impedimento.*

Não demorou muito para que chegássemos à área urbana. Parei o carro no meio da rua, sem me importar se o trânsito local seria prejudicado. Queria ver o corajoso que questionaria minha vontade no estado que eu estava.

— Onde?

— Aquela loja. — Mirei a fileira de homens em frente a uma boutique em que eu costumava comprar.

Meu coração ficou parcialmente em paz por saber que ela estava, pelo menos, segura. Ajeitei meu paletó, passei a mão esquerda pelo cabelo e caminhei determinado até a entrada da loja.

Santiago ladrou uma ordem para que um dos homens colocasse meu carro em uma vaga favorável, e informou a ele que não demoraríamos para sair.

Quando abri a porta da loja, um riso característico preenchia o ambiente. Logo avistei as duas, sentadas em poltronas elegantes e confortáveis, com taças nas mãos enquanto algumas vendedoras traziam peças exclusivas e colocavam nas araras.

— Que surpresa boa. Os Salvatierra resolveram deixar a fortaleza e socializar com a plebe. Bom, essa loja é a mais cara do país, mas acho que vocês entenderam.

— Vamos embora, Alma — Santiago determinou, assim que paramos na lateral.

Não foquei na minha querida prima, estava preso na imagem de Beatrice, com as pernas cruzadas, chacoalhando o salto médio dentro daquele pé minúsculo, as mãos segurando uma taça de champanhe sobre o colo e sua atenção voltada para mim, como se estivesse me desafiando a dizer algo.

— Não sabia que tinha tanta pressa em renovar seu guarda-roupas, *muñeca*.

— Não trouxeram muitas coisas de San Diego, então acho que precisarei gastar um pouco do seu dinheiro para me vestir de acordo.

— Por mim, poderia facilmente não usar nada. — Beatrice arregalou os olhos quando uma vermelhidão atingiu seu rosto.

— Uhm... bem... eu já escolhi algumas coisas... — Quase sorri com a sua mudança de assunto e postura introvertida.

Achei que ela queria uma briga, mas entrar em contexto sexual parecia tirar minha futura noiva da zona de conforto.

Com certeza ela era virgem.

O pensamento fez minha mente vagar rapidamente por diversos cenários promissores, e em todos eles Beatrice estava completamente nua e à minha mercê.

— Acho que ainda faltam algumas coisas — comentei ao abrir o botão do meu casaco e contornar a *chica,* tomando o lugar vago ao seu lado.

— O que está fazendo, Arturo? Temos uma tarde muito cheia — Santiago informou, um tanto preocupado ao

me ver ali, tão à vontade.

— Nada pode ser mais importante do que atender a minha querida futura esposa em suas necessidades. — Coloquei um braço atrás dela, no respaldo, encarando seu olhar assustado enquanto respondia meu primo.

E nem tão prazeroso quanto ver o seu desconforto.

— Vocês estão estragando a diversão — Alma se intrometeu ao se levantar do seu lugar.

— Com você, conversarei mais tarde. — Direcionei um olhar ameaçador para a minha prima, que foi esperta o suficiente para temer o meu aviso.

Eu nunca interferia nos conflitos ou nas situações de rebeldia que Alma causava. Santiago era seu irmão e não permitia que eu comandasse qualquer assunto referente à criação da *chica*. E era por isso que ela sabia muito bem que, quando eu falava, era porque o limite havia sido extrapolado.

— Acho que vou embora — Alma avisou em seguida e Beatrice protestou.

— Vou junto com você. — Quando ela tentou se levantar, fui mais rápido, agarrando seu pulso e a puxando de volta para o assento.

Beatrice soltou um gritinho quando seu corpo se lançou sobre o meu, nos colocando mais juntos do que estávamos antes, o que foi um ótimo resultado.

— Você vai embora comigo — praticamente sussurrei para que somente ela ouvisse, mas não deixei o tom dominante de fora.

— Vou com o conversível. — Santiago acenou ao segurar o braço da irmã e praticamente arrastá-la para fora da loja.

— O que vai acontecer com Alma? — Beatrice esticou o tronco, atenta aos meus primos que deixavam a loja.

— Nada demais. Santiago vai gritar, Alma vai espernear e, no final das contas, tudo o que ela escolheu aqui aparecerá, em um ou dois dias, no guarda-roupas dela.

Beatrice voltou a me encarar com o cenho enrugado e o olhar confuso. Ainda parecia preocupada e desacreditada de que Alma sairia ilesa no final de toda essa confusão.

— Santiago ama a irmã acima de qualquer coisa, *muñeca*, nunca faria nada de mal a ela.

— E você?

— Eles são família, não se maltrata família.

— O que faz aqui, *signore* Salvatierra?

— Já disse. Vim atender a sua necessidade de compras.

— Você não faz esse tipo. — Ela pareceu baixar um pouco a guarda e eu aproveitaria essa oportunidade para entender melhor como funcionaríamos.

— E que tipo você acha que eu faço, Beatrice Fabbri?

— Essa é fácil: mandão, controlador, não espera ninguém, tem tudo o que quer, quando quer, e quem quiser. Não parece conhecer a palavra “não”.

— Quanto julgamento em tão pouco tempo de convívio.

— As circunstâncias fizeram isso.

— Começamos da pior forma, *muñeca*, admito. E, de fato, não sou um homem de pedir permissão para nada. No meu estilo de vida, somos ensinados a pegar o que nos é de direito.

— Isso inclui pessoas, pelo visto.

— Se está falando de você, sim. Você é minha prometida, seu nascimento foi anunciado como o aviso de que o homem que eu me tornaria seria para ter você ao meu lado.

— Nunca contestou seu *papà*? Nunca pensou em desistir?

— Você já pensou?

— Não.

A verdade em sua expressão fez meu peito inflar. Era bom saber que ela não me rechaçava.

— Nem eu. Meu *padre* foi meu maior exemplo de fidelidade e honra dentro do mundo em que vivemos, *chica*. Eu não trairia sua palavra, nem que você fosse feia e desdentada.

— Que horror! — Ela cobriu a boca com uma das mãos, segurando o riso.

— Gosto de te ver sorrir.

— Eu nem deveria estar fazendo isso. Minha única família acabou de morrer e... — Sua cabeça baixou, encarando o chão a sua frente.

Levei o dedo indicador até seu queixo e o ergui, os olhos, antes tranquilos, naquele instante estavam tristes e marejados.

— Eu sei que a mudança é grande, Beatrice. Entendo que tudo aconteceu de forma atropelada e que as teorias e conspirações que nos rondam não facilitam em nada para que você se sinta confortável com sua vinda para Tijuana. — Olhei em volta, os funcionários pareciam ter desaparecido de perto, mas ainda assim, não era hora e

lugar para aquele assunto. — Mais tarde... podemos conversar mais tarde.

Acenei para que as vendedoras retornassem, aceitei a taça de champanhe que me ofertaram e passei os próximos vinte minutos aprendendo sobre os gostos da minha futura esposa.

— Acho que é o suficiente.

— Precisa de roupas para o campo. Conheço um bom lugar que vai atender essa necessidade.

— Mas eu separei vestidos leves e...

— Não, *muñeca*. Esses tecidos delicados rasgariam antes que você se aventurasse no Rancho.

— E quem disse que eu pretendo me aventurar? — Ela cruzou os braços depois de se levantar, depois de mim. Aquele ar audacioso de quando eu cheguei à loja havia retornado para seu semblante.

— Você será a futura *señora* Salvatierra, *muñeca*, sua vida será uma eterna aventura ao meu lado.

Pisquei um olho antes de entrelaçar meus dedos nos de Beatrice e a puxar para fora da loja, dando a ordem para que tudo o que foi separado por ela e Alma fosse embalado para levarmos.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 10

Passamos por mais três lojas de roupas e sapatos, todas de grife, mas uma em especial me deixou curiosa: artigos campestres de luxo, onde compramos botas, calças, camisas e até um par de chapéus.

Sinceramente, Arturo esperava que eu me tornasse uma domadora de cavalos?

Estávamos no caminho de volta para o Rancho, era final da tarde e, ao que parecia, o todo poderoso comandante de um Império e de um Cartel havia se permitido desfrutar de um tempo com a mulher destinada a ele.

— Como foi sua infância? — perguntei ao mirar as extensas terras, com alguns animais pastando.

— Normal.

— Bem, defina normal. — Ele me olhou de relance. — Se eu comparar com a minha vida, então deduzo que foi trancado dentro de casa, tendo aulas particulares de francês e alemão, aprendendo bordado e costura, desenvolvendo a natação e estudando todas as disciplinas convencionais da escola. — Bati as palmas, me lembrando. — E claro, aulas de piano. Uma boa moça da *famiglia* sempre deve saber tocar piano.

— Você toca? — Ele tornou a me encarar, daquela vez, por mais tempo.

— Sim. Mas não sou um prodígio. Nunca gostei muito.

— Acho lindo.

— Em sua formação, nunca foi colocado para aprender?

— Minha formação? Ah, *muñeca*. Enquanto você recitava versos em alemão, eu aprendia os pontos de ataque ao manusear uma faca. — Arregalei os olhos, assustada. — Minha vida sempre foi correr pelos campos de plantação do meu *padre*, aprender sobre os negócios e, ainda mais, sobre como lidar com pessoas. Sempre estive muito perto da mão que comandava o lugar, e Santiago muito perto de mim, afinal, seríamos a próxima geração a cuidar de tudo.

— Nada de diversão então.

— Era o que mais fazíamos. Imagine você: dois *morrillos*[17], arrogantes e futuros donos de tudo. Nos achávamos reis.

— Se achavam? — Ergui as sobrancelhas, sem resistir à provocação.

— Hoje eu não acho, *muñeca*, eu sou o rei de tudo isso. — Ele apontou com a palma o entorno. — E você será a minha rainha.

Mais uma vez, senti meu rosto e pescoço aquecerem, tomada por uma onda de calor com a forma possessiva com que Arturo falava. Poderia ser uma tolice da minha parte, mas eu me sentia desejada cada vez que era reivindicada.

Isso nunca havia acontecido.

Quando fui para a escola, todos sabiam quem eu era, meu convívio se limitava a outros adolescentes que também faziam parte da Cosa Nostra e, apesar de eu saber que rolava pegação e flertes, ninguém se aproximava de mim: a prometida.

Todos temiam o perigoso chefe de Cartel que, na cabeça deles, era um velho barrigudo e grosseiro, *chicano* sem coração, que esfolaria qualquer um que ousasse chegar perto da sua noiva prometida.

Não foi uma juventude muito feliz.

Sem primeiras vezes para mim.

Acho que só consegui sobreviver a tudo isso, pois eu criava em minha mente diversos cenários, dos mais fantasiosos, aos mais pecadores, ainda mais quando lia algum dos romances quentes que comprava por uma conta secreta que minha babá havia me ajudado a criar na plataforma de livros digitais.

Chegamos ao grande casarão. Arturo estacionou seu carro gigante em uma das vagas e eu saí com rapidez. Não esperava que um homem como ele usasse de refinamento para abrir minha porta.

Repassando as poucas conversas que tivemos, o Salvatierra com quem eu me casaria era um homem

sarcástico, não gostava de rodeios, tinha boa educação, mas não primava por uma etiqueta convencional e sempre estava pronto para agir.

Quando entramos pela porta lateral que dava para o grande hall de entrada, Alma veio correndo ao nosso encontro, me pegando desprevenida com um abraço apertado que quase nos jogou no chão.

— Alma Salvatierra! Vai machucar a pobre *señorita!* — Ouvi a voz determinante de Paulina, uma simpática governanta que eu havia conhecido quando fui deixada no casarão naquela manhã.

Dio*, nem fazia vinte e quatro horas que eu estava com os Salvatierra e sentia que havia vivido mais coisas ali do que a vida toda.*

— Como você está? Ele te fez mal? — Escutei um grunhido atravessado vindo de trás e soube que era Arturo.

— Está tudo bem. O *signore* Salvatierra me levou em mais algumas lojas para comprar o que faltava.

— Mesmo? Trouxe o que eu escolhi? — Alma olhou para além de mim com um sorriso contagiante nos lábios.

— Só se Santiago permitir que você fique com tudo — ele avisou. — Vou tomar um banho, sirva o jantar no horário de sempre, Paulina, tenho que sair em seguida.

— Sim, *señor*. — A mulher acenou com a cabeça e rumou para a cozinha.

Olhei por sobre o ombro e vi a figura grande e imponente de Arturo caminhar para o corredor dos aposentos. Um leve frio permeou minhas entranhas, como se uma revoada de mariposas circulasse por meu estômago.

— E então? Ele gritou muito? — Voltei a atenção para Alma, que demonstrava curiosidade.

— Não.

— Nem bateu os braços e esbravejou?

— Não.

— Pelo visto, eu vim embora com o mexicano errado. — Ela torceu os lábios e eu sorri.

— Obrigada. Você melhorou muito o meu dia.

— Eu não fiz nada, *chica*, só te arrastei para uma das minhas confusões.

— Espero ser convidada para outras — soltei em tom conspiratório.

— Isso vai depender da conversa que meu primo vai ter comigo. — Alma fez o sinal da cruz e estremeceu o corpo exageradamente.

— Venha! Vamos me ajudar a arrumar meu novo guarda-roupa. — Sinalizei para o quarto e ela saltou à frente.

— Não precisa falar duas vezes.

Eu deveria estar me sentindo culpada, por rir tanto um dia após perder meu amado pai, mas a sensação que me rondava era que todo esse acontecido havia se passado há muito tempo.

Talvez, quando a noite chegasse e eu me visse sozinha em meu quarto, a solidão me faria relembrar a saudade que estava guardada no meu peito.

A parte boa era que eu também não havia pensado no meu primo, nem em como as coisas estavam indo em San Diego. Não me dizia mais respeito.

Traidor.

Ainda não conseguia enxergar Romeu como um traidor, meu pai sempre o tratou como um filho, seu sucessor, que assumiria a *famiglia* e cuidaria do patrimônio dos Fabbri como se fosse meu *papà*.

Depois de muito debater sobre minha escolha de roupa para o jantar, que Alma achava desnecessário ser um vestido tão sério e comportado, eu a despachei para seus aposentos alegando que eu precisava de um momento para me preparar.

Quando vi, naquela manhã, que meu quarto tinha uma banheira pequena, aceitei que nem tudo estava perdido. Arturo havia pedido, em uma das lojas que entramos, para que a vendedora separasse um kit completo de banho, e os itens cheiravam a algo cítrico, era revigorante.

Enchi a banheira, tirei minha roupa e coloquei o roupão de seda preto que havia escolhido na loja. Amava a maciez daquele tecido contra minha pele, arrepiando os lugares certos e despertando um desejo audacioso em minha intimidade.

Prendi os cabelos em um coque alto, entrei na água quente, deixando meus músculos, doloridos pela tensão, serem aliviados naquela temperatura aconchegante.

O aroma dos produtos incendiou o lugar, trazia para o clima da região ainda mais frescor. Lavei meu corpo, ensaboei minha pele e, quando passei perto das minhas dobras, senti um leve fisgar.

Era tão errado eu pensar naquilo diante da situação?

O luto estava mesmo mexendo com a minha mente, ou era Arturo Salvatierra que tinha um poder luxurioso que encantava minha libido sem qualquer intenção.

Meus dedos escorregaram com muita facilidade entre os lábios, deslizando preguiçosa e animadamente pelas terminações até meu ponto mais sensível, onde me retesei, tamanha a ânsia.

Fechei os olhos e a imagem de Arturo me encontrando diante da cova do meu pai, com uma arma em punho e me puxando para si, nos lançando para dentro do buraco afim de me proteger, foi o gatilho para despertar e aflorar meu prazer de vez.

Ele era grande, viril, com toda a certeza, e sabia como se mover e me dominar, mesmo diante de um cenário desconhecido.

Havia uma parte de mim, que eu costumava manter escondida sob a casca de boa moça, que achava homens como Arturo simplesmente o melhor tipo para se envolver.

No começo, eu achava que isso estava atrelado ao fato de eu ser a filha de um mafioso e prometida ao dono de um Cartel, mas depois de começar meu hábito, nada convencional, de leituras picantes, entendi que meu gosto era um tanto peculiar.

Os mocinhos bonzinhos, com a síndrome do herói, eram entediantes e previsíveis demais. Bom mesmo, era o anti-herói, o contraventor, pois ele não ponderava o que era certo se seu objetivo fosse salvar a mocinha.

Não existia limite ou barreira para um homem envolvido no submundo, que o impedisse de agir, principalmente se algo valioso para ele estivesse em jogo.

Mordi o lábio inferior para conter um gemido, não queria correr o risco de ser ouvida, em contrapartida, parar não era uma opção, principalmente estando perto do ápice.

Acelerei os movimentos, sentia as gotículas de água baterem contra meu rosto. Uma miríade de sensações se

concentrou no meu ventre, se alastrando para minhas terminações, que responderam com espasmos e logo me jogaram a um redemoinho de prazer, estremecendo meu corpo.

— Arturo...

Sussurrei, enquanto gozava, ciente de que meu futuro noivo era responsável pelo ápice alucinante que eu havia alcançado.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 11

Meu *padre*, como o homem sábio que era, sempre disse que “quem procura acha”, e eu considerava esse ditado vantajoso, ainda mais sendo o chefe de um Cartel. Olhos atentos e instinto apurado para o menor sinal de perigo eram primordiais no estilo de vida que eu levava.

Até aquele maldito momento.

Não sei o que me deu, saí do meu quarto pronto para jantar, resolvi verificar se a *muchacha* já estava pronta, entrei sem bater, um erro primário para encontrar aquilo que não queria ver.

Na realidade, eu queria. Estava curioso sobre o que me aguardava no matrimônio, mas era cedo demais, recente demais e ela ainda estava no luto.

Ouvir meu nome sussurrado por seus lábios enquanto ela se dava prazer foi a porcaria mais encantadora que presenciei em anos de vida. Nenhuma cena erótica havia me levado ao prazer instantâneo como Beatrice acabara de fazer, e ela nem sabia disso.

Fiquei escondido próximo à porta, a fresta me permitia vislumbrar seus espasmos e recuperação, até que ela passou a se ensaboar, como se não houvesse acabado de me deixar com um tesão absurdo.

Recuei devagar, numa luta árdua com minha mente e corpo, que notoriamente queriam invadir aquele banheiro e reivindicar seu corpo, gemidos e prazer para mim.

Era cedo e provavelmente eu traumatizaria a *muchacha* se o fizesse.

Deixei seu quarto atordoado e caminhei para a saída dos carros. Não poderia participar do jantar, minha mente só conseguia fixar na imagens dos seios delicados e pontiagudos de Beatrice sobre a água, enrugados, prontos para serem chupados.

— Maldição! Estou salivando feito um animal — esbravejei ao dar partida em um dos meus carros.

Era um modelo seguro, fechado, grande e com um ótimo arranque. Costumava usá-lo para encontros como os que aconteceria hoje. Uma pequena reunião com líderes de outros cartéis, onde definiríamos alguns parâmetros de mercadoria e território deste lado do México.

Cheguei à cidade e fui direto para um dos pontos seguros, onde alguns homens ficavam em observação e o dono do bar era muito bem pago para nos informar qualquer situação incomum.

A melhor forma de controlar um negócio era saber exatamente o que corria na boca pequena[18]. Também

ajudávamos a comunidade no que era preciso. Enquanto cuidávamos dos necessitados, ninguém denunciaria o cartel.

— *Buenas, señor* Salvatierra. — O homem limpou o balcão com pressa quando me aproximei.

Era raro que eu, e até Santiago, viéssemos aqui. Apesar da segurança, este era um lugar aberto e exposto, poderia acontecer uma emboscada.

— *Buenas...*

— Um *mezcal*[19]? — O homem ofereceu apontando para a garrafa cheia de larvas e bebida.

— Sim. — Uma dose generosa foi servida e estendida a mim, com rapidez. — *Gracias*.

— Não por isso, *señor*. Uma boa noite para aproveitar. — Ele sorriu na tentativa de ser simpático, mas eu mantive o semblante fechado, encerrando qualquer possibilidade de socializar.

Virei a bebida de uma vez, batendo o copo sobre a bancada. O homem entendeu que deveria enchê-lo de novo, eu prontamente virei a segunda dose e solicitei mais uma.

Sentia meu estômago vazio queimar com a bebida que ingeria. Minha última refeição havia sido o almoço e eu não costumava beber dessa forma. Estar consciente me mantinha atento a tudo, mas naquele momento, a única coisa que eu precisava era esquecer a maldita imagem de Beatrice nua se tocando.

— *Señor* Salvatierra... — Olhei por sobre o ombro para ver uma das garotas do clube de diversão da cidade.

Lembrava-me do seu rosto porque há dois dias ela estava com a cara no vão entre minhas pernas, mamando meu pau com tamanho afinco que fiquei impressionado.

— *Buenas*... — soltei, voltando a atenção para a frente.

— Perdido na cidade? — Soltei um riso sem graça alguma.

— Nunca estou perdido, *chica*, principalmente no meu território.

— Eu poderia te fazer companhia. Parece tenso. — Sua mão tocou suavemente por cima do paletó no meu peitoral.

Segurei seu pulso com força, ouvi um resfolegar baixo dela, só não sabia se havia se assustado ou se estava excitada. *Muchachas* com o estilo de vida que ela levava gostavam de algo intenso e perigoso.

— Pode ir embora. Seu patrão não vai gostar de saber que está trabalhando fora do clube.

— Aquele *tarugo* não merece minha consideração. — Virei a cabeça para ela, pronto para responder que seu traseiro pertencia ao cafetão, mas as marcas em seu lábio e pescoço me fizeram estacar.

— O que foi isso? — Acenei com a cabeça, sentindo a impaciência me tomar.

— Um cliente empolgado.

— Você consentiu? — Algo me dizia que eu finalmente teria um pouco de diversão depois da frustração sofrida com minha futura noiva.

— Sabe como é, *señor*. Se eu digo que não, o chefe recebe uma reclamação e eu fico sem trabalho por uma semana. Além de sofrer um corretivo.

— Foi um dos meus homens? — Endureci o maxilar e, quando ela desviou o olhar, tive minha resposta.

— Venha, *muchacha*. Entre no carro. — Apontei para o veículo que estava estacionado no meio-fio.

Sinalizei para os meus homens me esperarem e tomei o volante, indo direto para o clube. Conferi as horas no meu relógio, ainda havia tempo para ensinar uma lição a um dos desavisados que trabalhava para mim.

Nunca tolerei abuso contra mulheres, salvo as que estavam envolvidas em alguma ação que prejudicasse o cartel e precisavam sofrer as consequências de suas ações.

— *Andale*. Quero saber quem foi — avisei quando parei diante do clube e desci apressado.

— Ele não está aqui hoje — ela informou ao me seguir para dentro do lugar.

— Não importa. Hoje é o seu patrão que será advertido. Com meu homem, me entendo depois.

Localizei Gutierrez na mesa que costumava ficar durante o funcionamento do lugar. Ele comandava o prostíbulo desde que eu me entendia por gente, era amigo do meu *padre*, mas nada disso impediu que meu punho fosse certeiro em seu queixo quando ele se levantou para me cumprimentar, animado.

— *Chinga tu madre*[20], Arturo! — O homem levou a mão à boca e nenhum dos seus capangas ousou se mexer ou apontar uma arma para mim.

Eu era o dono daquela porcaria de cidade e bastava estalar os dedos para que aquele lugar e o próprio Gutierrez sumissem do mapa.

— Nunca permita que um dos meus homens, ou qualquer outro *tarugo* nesta porra de cidade, bata nas garotas. Entendeu? — avisei ao apontar o dedo em seu peito.

— O que essa *zorra* [21]te falou? — Gutierrez direcionou um olhar ameaçador para a *chica* ao meu lado.

— Seu rosto já foi o indicativo que eu precisava. Sabe bem que não tolero esse tipo de coisa, Gutierrez. Não permita que o comportamento desande ou você perde esse lugar.

— *¿Qué onda?* Te conheço desde que não passava de um *morrillo*.

— *Si*... — Aproximei um passo, quase unindo nossos narizes. — Mas eu cresci, assumi o comando e você vai dançar conforme a minha música. Compreende?

— *Si* — Gutierrez soltou a contragosto.

— A *muchacha* não trabalha mais para você — avisei antes de deixar o lugar com a *chica* ao meu lado.

— Como assim? *Señor*? O que farei? Preciso sustentar minha família. Eu não tenho casa, moro de aluguel e...

— Cale-se! — esbravejei. — Se ficar, Gutierrez irá descontar a raiva de mim em você e garanto que morar a sete palmos da terra não é seu sonho de vida.

— *No. Por Dios, no.* — Ela uniu as mãos em oração, os olhos marejados.

— Me dê o nome de quem fez isso, vá para sua casa e aguarde. Santiago, ou algum homem de confiança, irá até você e te levará para Culiácan.

— E o que farei lá?

— Vai procurar por Lorenzo Salcedo[22]. Ou o braço direito dele, Paco Romero[23]. Eles irão te ajudar — instruí.

Chamei um dos meus homens, mandei que acompanhasse a *chica* e providenciasse transporte para ela até Culiácan, em Sinaloa. O dono de *El Diablo* era um aliado,

tínhamos negócios em comum, e ele não se importaria de prestar esse favor.

Lorenzo e eu tínhamos formas parecidas de pensar e proteger uma *chica* desamparada, com certeza, estava incluso em nosso modo de ser.

Tomei caminho para a reunião, encontrei com Santiago na entrada do galpão, afastado da vista de todos e muito bem guardado pelos homens que estavam sob comando de cada chefe.

— Posso saber por que Gutierrez me ligou oferecendo uma noite regada a bebidas e mulheres de graça para nossos homens?

— Por que acabei de socar a cara dele.

— Você o quê? — Santiago segurou meu braço nos parando. — Aquele homem te viu crescer.

— E por isso mesmo deveria saber que não tolero abuso gratuito. Tenho o nome de um dos nossos homens, ele agrediu uma das *chicas* da casa sem razão aparente. Quero que seja punido.

— *Pinche!* Eu mesmo vou esfolar o *cabrón*.

— Não ouse tirar o meu prazer, *carnal*. Estou precisando de um pouco de diversão.

— O que aconteceu para te deixar assim? Foi a saída das *muchachas* mais cedo? — Santiago me analisava feito um coiote do deserto.

— Não. Só estou mantendo a casa em ordem e mostrando a todos quem manda.

— Entendi. — Ele sorriu de lado e encerramos o assunto.

Sabia que Santiago não havia engolido minha desculpa, mas eu jamais diria a ele que tudo aquilo tinha começado com a minha frustração sexual.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 12

Eu estava nas dependências da faculdade em Tijuana e descobri que ela tinha um ótimo programa de formação administrativa, curso no qual eu já pretendia engrenar em San Diego. Caminhei tranquila no intervalo de uma das aulas, aproveitaria para falar com Alma no refeitório principal.

Depois do dia de compras na semana passada, Arturo simplesmente desapareceu. Tive a decência de me produzir inteira para o jantar ao qual ele não deu as caras e Santiago inventou uma desculpa sobre um compromisso, mas era nítida sua pressa para sair logo do casarão.

Os dias se passaram, o chefe Salvatierra permaneceu entre compromissos do cartel, do Haras e na sede da

administração. Ele chegava tarde demais, saía mais cedo do que todos, nunca desfrutava de uma refeição conosco e usava Santiago como o porta-voz para se comunicar comigo.

Sua promessa de conversarmos depois sobre minha vinda e a situação que enfrentava ficou no esquecimento. Eu fui solicitada vez ou outra por seu primo, para assinar documentos que davam a Arturo plenos direitos de lidar com as burocracias e assuntos relacionados ao lado de lá da fronteira.

Confesso que isso me colocou em um processo muito introspectivo. Mesmo com as inúmeras tentativas de Alma de me animar, eu me limitava a me infiltrar na biblioteca para pegar livros e me enfiar no quarto para lê-los.

Eu ainda não havia ligado meu celular, o aparelho estava na penteadeira do quarto, julgando cada tentativa minha de ignorá-lo.

A verdade era que eu tinha medo de ligar e constatar que ninguém havia se importado o suficiente para saber como eu estava, principalmente Romeu.

Na noite anterior, depois de mais um jantar com Santiago e Alma, que se esforçavam para me incluir nos assuntos rotineiros da família, enquanto eu pateticamente fingia que não me importava com a cabeceira vazia, fui avisada de que na manhã seguinte eu retomaria meu curso na Universidade de Tijuana.

Fiquei tão surpresa e feliz, por finalmente sair da enfadonha situação em que me encontrava, que saltei da cadeira correndo em torno da mesa e pegando Santiago desprevenido com um abraço empolgante.

Alma e eu festejamos pelo resto da noite, até que eu não aguentasse mais manter os olhos abertos e decidisse

dormir para acordar disposta na manhã seguinte.

Essa foi a primeira vez, em uma semana, que eu demonstrei qualquer interesse além dos livros.

Entrei no refeitório e avistei Alma ao longe. Ela estava em uma roda de amigos, conversando e gesticulando, animada. Aproximei-me com cautela, nunca me senti à vontade em multidões ou grupos específicos.

— Beatrice, *chica*, venha aqui. — Alma se esticou para frente, puxando meu braço para mais perto. — Tenho certeza de que em San Diego as pessoas sabem dançar. Pode falar, prima. — Abri a boca para responder, mas um dos rapazes se levantou da mesa em que estava sentado, displicente, e tomou a palavra:

— Ninguém tem mais gingado do que um mexicano. — Ele deu um passo e depois outro, na nossa direção.

Tentava soar intimidador, o que não surtiu efeito, já que Alma espalmou a mão no peito do rapaz e o afastou de nós.

— Mantenha-se longe, não se esqueça de quem somos. — Ela piscou um olho na direção dele e me encarou com arrogância.

— Por isso que ninguém chega perto de você, sempre colocando o sobrenome a frente.

— Cuide da sua vida, *chico*.

— Sou um homem, não um garoto.

— Não parece. — Ela inclinou a cabeça para frente, desafiadora.

— Ao menos eu não vivo a sombra de um sobrenome. Assuma o risco, Alma. — Ele abriu os braços, olhando para as pessoas que estavam em volta, acompanhando o

pequeno embate. — Te falta fibra para sair da linha e mostrar que age por si, *chica*. — Quando o rapaz terminou de se virar, o desafio estava explícito em seu semblante.

— Tudo bem.

— Alma — soltei, em tom de alerta.

— Não se preocupe, Beatrice. Esteban não tem a capacidade de me desestabilizar. — Ela foi até a mesa, pegou um copo grande de refrigerante, que descansava solitário ali, girou no lugar e, com dois passos, estava diante do rapaz, com um sorriso presunçoso.

— O que vai fazer, *muchacha*? — Ele sorriu de lado.

Alma ergueu o copo com a maior calmaria e mirou na cabeça do colega provocador. Tensionei o corpo, imaginando como ele responderia a uma ofensa como aquela. Quando pensei que sabia o que aconteceria, Alma lançou o copo no meio do refeitório, gritando que uma guerra de comida estava iniciada.

Depois disso, tudo se transformou em caos. Senti meu braço ser puxado para baixo e encarei o tal Esteban, que me arrastava para debaixo de uma das mesas, onde ele engatinhava, seguindo Alma.

— O que vocês fizeram? — perguntei alto o suficiente para ser ouvida.

Era uma pergunta retórica, feita na tentativa de interpretar por qual motivo aquela desajustada da Alma havia instaurado uma rebelião alimentícia no meio da área comum da universidade.

— Estamos reivindicando — ele gritou ao curvar a cabeça para trás. — Protestaremos contra o uso de mercadorias terceirizadas na universidade, quando temos

produção de orgânicos e matérias-primas que poderiam girar no campus.

— A comida é repassada a preço de nada, sendo que a que compram para a alimentação de toda a organização custa muito caro — Alma explicou, assim que saímos debaixo da mesa, próximo da saída para a área verde. — Fique abaixada. — Ela colocou a mão na minha cabeça, me protegendo de algum insumo voador.

— Isso tudo foi combinado? — questionei assim que alcançamos uma área segura.

— Sim. — Alma piscou para mim quando Esteban abraçou sua cintura. — E agora vou aproveitar um pouco da dispersão dos seguranças para me divertir. — Seu olhar entregava o que ela pretendia aproveitar e eu tratei de olhar para o outro lado.

— Vou para a minha aula — avisei, já me afastando.

— Se perguntarem de mim, diga que fui para o anfiteatro. — Alma segurou meu braço e eu sorri ao encará-la.

— *Va bene*. Boa sorte. — Sorri mais uma vez, tranquilizando-a, e marchei para o bloco de salas.

Alma era um espírito livre, vivia sonhando acordada com o dia que deixaria Tijuana para viver seu sonho de mochilar por toda a Europa. Ela tinha sede do mundo, era curiosa, dizia que um dia conheceria todas as culturas e me enviaria postais dos lugares mais remotos.

Era empolgante ver sua animação, mas também me angustiava perceber que seus sonhos eram ceifados por um irmão extremamente controlador. Santiago estava longe de ser um homem permissivo, tanto que a pobre garota precisava armar motins para ter seu momento particular com o suposto namorado.

Acho que minha alma sempre foi mais velha. Nunca cogitei essa possibilidade, o fato de assumir um papel ao lado do meu futuro marido me agradava o suficiente, e as viagens que eu faria seriam em família, com ele e meus filhos.

Assisti à última aula do período, o comentário nos corredores era sobre quem havia começado o motim alimentício, culpavam os estudantes de biologia e ninguém mencionava o nome de Alma Salvatierra. Algo me dizia que tinha a ver com seu sobrenome.

Quando me aproximei do estacionamento, o ponto de encontro com o carro que nos levaria de volta para o Rancho, percebi uma movimentação um pouco maior que a do dia anterior.

Olhei em torno, não tinha avistado Alma depois que nos despedimos perto do refeitório e a sudorese que surgia nas minhas mãos era um forte indicativo de que algo não estava certo.

— *Señorita* Fabbri. — O segurança acenou, abrindo a porta para revelar Arturo na outra extremidade, com o braço apoiado na sua porta, atento à frente.

— O que faz aqui, *signore*? — Adentrei o carro, impressionada ao vê-lo ali.

— Onde está Alma?

— Oi? Alma? — Senti minha garganta se apertar, odiava mentir.

— Não tente me enrolar, *muñeca*. Sabemos do motim de comida, que vocês se despediram e ela saiu com algum *tarugo* para um lugar diferente do que avisou. — Seus olhos finalmente retornaram para mim. — Ela não apareceu ainda. Santiago pensa que foi sequestrada.

— *Por Dio*! Não. Ela estava com um *amico* e...

— Esteban está na faculdade há uma semana, veio de outra instituição de ensino, guardada e protegida por um cartel que não é nosso aliado. — Arturo avançou no banco, recuei por instinto e prendi a respiração. — Ela pode estar sendo estuprada neste exato momento, *muñeca*, então é bom que você abra sua boca e diga o que sabe.

— Eu não sei de nada. — As lágrimas nublaram minha visão antes de se derramarem. — Ela disse que nos encontraríamos na saída. Não pareceu nada demais.

— Acha mesmo? Uma *chica* Salvatierra saindo às escondidas com um *cabrón!* — ele vociferou no final, seus olhos injetados de raiva e indignação. — Se algo acontecer à Alma, saiba que será por sua culpa.

Engoli com dificuldade, sentia meu corpo inteiro amortecer, entrando em um estado abalado e temeroso.

— Eu sinto muito... — sussurrei quando o carro foi colocado em movimento.

— Isso não vai assegurar a vida da minha prima, *muñeca*. Então eu dispenso.

Deixamos a universidade, indo direto para o Rancho. Arturo não disse nem mais uma palavra, e a única coisa que era ouvida ali era meu choro e murmúrios em oração.

Dio*, que Alma esteja bem*.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 13

Eu sentia os músculos do meu corpo tensionados, estava me controlando para não explodir com Beatrice, já que eu sabia bem do que Alma Salvatierra era capaz.

Não era justo responsabilizá-la por qualquer escolha errada que minha prima fazia, mas eu precisava que ela tivesse consciência do resultado de escolhas simples, como sair com alguém que mal conhecia.

— Santiago está procurando por ela?

— Sim.

— Como posso ajudar?

— Já fez o bastante, *muñeca* — murmurei.

— Isso é injusto. — Seu sussurro foi quase inaudível.

— O quê? Cuidarmos do bem mais precioso que nos é caro?

— Não. Você me culpar! — ela praticamente gritou.

O carro havia estacionado em frente ao casarão e Beatrice abriu a porta com rapidez, saltando esbaforida. Observei-a caminhar para dentro, cheia de si.

Eu estava possesso, queria descontar minha preocupação em alguém e acabei focando na minha futura esposa, que certamente não fazia ideia das artimanhas que Alma utilizava para chamar a nossa atenção.

Era injusto, ela tinha razão.

Desci do carro com calma, respirei profundamente e entrei na casa, indo direto para a biblioteca, onde imaginei que a encontraria.

As portas duplas estavam abertas, seu corpo miúdo jogado no sofá de dois lugares, o tronco apoiado no respaldo, enquanto seu rosto era acobertado protetoramente pelos braços.

— Beatrice — chamei e ela me ignorou. — *Chica*, olhe para mim. — Tentei soar amistoso.

Quando me encarou com seu rosto vermelho, os olhos inchados e semblante triste e culpado, algo dentro de mim gritou, feito um animal feroz, desesperado para sumir com o que a havia deixado naquele estado.

E doía ainda mais saber que fora eu quem causara aquilo.

Avancei até o sofá, tomando o lugar na beirada, e puxei seu corpo, que veio sem qualquer resistência. Eu a coloquei em meu colo, sua cabeça se encaixando entre meu pescoço e mandíbula, seu choro baixo se intensificou.

— Calma, *muñeca*. Não chore. — Acariciei seus cabelos macios enquanto a outra mão abraçava suas costas, protetoramente. — Não foi justo te culpar. Sinto muito.

Com resistência da minha parte, Beatrice conseguiu se afastar e manter seu rosto lindo, e inchado, muito próximo do meu. Os olhos eram um misto de tristeza e divertimento.

— Que gosto essas palavras têm na sua boca? — Sorri de lado, sem conseguir impedir.

— *De habanero*. — Ela enrugou o cenho. — Uma pimenta, bastante forte.

— Ah... Bom. Me sinto melhor. — Ela deu de ombros, feliz com meu desconcerto.

Aquela *muchacha* não tinha medo de mim, apesar de saber que, em seu lugar ao meu lado, ela sempre sofreria por meu controle e dominação. Não existia receio na sua forma de se expressar, o que eu achava encantador.

Acariciei sua bochecha, secando algumas lágrimas, sua língua umedeceu os lábios, um convite certo para o que minha devassidão gritava para fazer. Avancei um pouco, não queria assustá-la, e mirei sua boca, hipnotizado pelo desejo de provar seu sabor.

Antes que eu continuasse, Beatrice tomou as rédeas e avançou, unindo nossos lábios. Uma explosão alucinada de prazer invadiu meu sistema, forcei a língua para dentro da sua boca, o que a primeiro momento travou minha futura noiva, que pareceu incerta sobre como agir.

A ideia de que eu era o primeiro a beijá-la me fez recuar no avanço, para acariciar sua carne com a minha língua, dançando escorregadio até que ela relaxasse e conseguisse me acompanhar.

Nunca dei crédito para o sabor dos beijos, para mim era algo ligado ao prazer carnal, nada mais. Mas, pela primeira vez, um contato singelo e fluido tinha sabor de chocolate derretido, misturado à inocência e desejo.

Ajeitei o corpo, minha mão em suas costas desceu, puxando mais sua cintura, então cavei meu quadril com o pau desperto em seu traseiro, e mais uma vez ela travou, para em seguida relaxar.

A mão que estava em sua bochecha avançou, se entremeando entre os fios na nuca, tomando controle total dos movimentos da sua cabeça, conforme eu ditava nosso ritmo.

Senti o ar faltar em meus pulmões, precisava findar aquele contato, mas eu não queria. Beatrice tinha um sabor viciante, um desejo visceral, que me fazia lutar feito um desesperado para não a deitar nesse sofá e comê-la até meu pau ficar satisfeito.

— Humm... — ela resmungou ao interromper o beijo, nossas respirações audíveis, minha mão ainda no controle da sua cabeça, pronta para puxá-la de novo. — Eu estou sem ar... — Ela sorriu de uma forma tão graciosa que não resisti, puxei sua boca de encontro à minha, dando um beijo duro em seus lábios.

Quando me afastei, seu olhar assustado e desejoso fez minha mente vagar pelas inúmeras possibilidades, que eu precisaria guardar para mim, ao menos por enquanto.

— *Andale*, não quero te ver chorar mais.

— É só não me fazer chorar, *signore* Salvatierra. — Sua voz era suave, mas eu senti o toque de acusação, muito merecido, de sua parte.

— Vou me esforçar, Beatrice. — Pigarreei quando meu pau pulsou dentro da cueca mais uma vez. — Preciso ir.

Santiago está nas buscas.

— Acha realmente que ela foi sequestrada?

— Sempre existe a possibilidade.

Uma gritaria nos assustou, levantei-me com Beatrice junto ao meu corpo, e agindo por instinto, eu a coloquei atrás de mim quando o turbilhão de gritos e barulhos avançou pelo corredor.

— *Tarugo*! Isso que você é! — O grito foi ouvido antes que um corpo miúdo e apressado passasse no corredor com rapidez.

— Você está proibida de sair dessa maldita casa! — Santiago a seguiu, logo atrás, a voz demonstrava que ele estava por um fio de perder o controle.

— Alma voltou. — Beatrice tentou avançar, mas eu a segurei pelo braço.

— Ainda não. Deixe que eu tire Santiago de lá. Depois você fala com Alma.

Ela acenou com a cabeça e eu tomei a direção dos quartos. Santiago estava no corredor, andava de um lado para o outro e então avançava na porta dos aposentos de Alma, chutando e exigindo que ela abrisse.

— *Carnal*, desista. — Coloquei as mãos no bolso, parado no meio do corredor.

— Ela vai me ouvir! — ele gritou, apontando para a porta. — Se pensa que vai agir como uma *zorra*, está muito enganada. — Santiago estava descontrolado.

— Vamos para o escritório. Tomamos algo enquanto você me conta o que aconteceu. Precisa se acalmar e parar de ofender sua irmã.

— Já disse para você ficar de fora, Arturo. — Santiago direcionou seu olhar raivoso para mim.

— Eu sou o chefe da família, primo. Sou seu patrão também e se até hoje não interferi, foi por respeito a você. Não me obrigue a tomar uma atitude.

Mantive meu tom baixo e direto. Santiago sempre me respeitou e entendeu seu lugar na hierarquia da família. Sua gratidão pelo que meu *padre* havia feito no passado nunca permitiria que ele desrespeitasse o comando, mesmo no estado em que estava.

— Que seja! — ele vociferou, antes de sair pelo corredor, a caminho da administração do Haras.

Passei pela biblioteca, Beatrice estava sentada no sofá, tensa e apreensiva. Aconselhei que ela desse um tempo para Alma antes de ir à sua procura, então combinamos de nos ver no jantar. Meus planos de mantê-la longe até eu descobrir como as coisas se desenrolariam entre nós havia ido para o ralo e finalmente eu deixaria meus instintos agirem, com cautela.

Eu ainda buscava por respostas sobre a morte do pai dela, já tinha descoberto que Romeu havia retirado as joias de Beatrice do cofre do banco um dia antes da morte de Leonardo, o que colocava todo o acontecido depois em uma linha direta com um plano de execução do atual chefe da *famiglia* de San Diego.

Eu ainda estava dividido entre poupar minha futura noiva ou contar para ela que o único parente de sangue que sobrara em sua vida possivelmente era um rato traidor.

Cheguei ao escritório da sede e Santiago estava na poltrona. A tarde ensolarada iluminando o ambiente através da parede envidraçada, que nos dava uma bela visão das arenas de adestramento.

— Onde ela estava?

— Em uma espelunca de quinta com aquele *tarugo* em cima dela. — Arregalei os olhos, surpreso. — Eles estavam de roupa, não se preocupe.

— Sabe que sua irmã está crescendo, não é? Você sempre diz que eu não devo me intrometer, e acredite, eu não queria estar na linha de fogo entre Alma e você. Também me preocupo com ela, mas sabemos que aquela *chica* nunca será como as outras.

— Então vamos usar as habilidades dela no campo. Ela pode ser a nova torturadora do grupo.

— Acredito que faria um bom papel. — Sorri de lado para a piada.

Apesar de incentivarmos as mulheres do cartel a terem autonomia e a saberem se defender, não admitíamos que precisassem chegar a esse ponto. Era vergonhoso não proteger de forma decente aqueles que nos eram caros. E já tínhamos sido relapsos demais no passado, quando o massacre quase dizimou os Salvatierra dessa maldita terra. Não poderíamos permitir que acontecesse de novo.

— Enviá-la para o exterior pode ser uma boa opção. — Santiago bufou, ainda irritado, antes de virar todo o conteúdo do seu copo de uísque.

— Mandaria Beatrice para longe?

— Beatrice tem outro perfil e é destinada a ser minha esposa. Não faria sentido eu mandá-la para longe.

— Entendeu bem minha pergunta.

— Sua irmã não vai ser uma mulher de cartel, ou de qualquer outro mafioso. Sabe bem disso, Santiago. É mais fácil trazê-la para seu lado antes que a perca de vez.

— Eu a amo demais para permitir que se machuque.

— Você já está machucando, *carnal*.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 14

Bati na porta com suavidade, havia esperado quase uma hora, louca de vontade de invadir os aposentos de Alma, mas segui o conselho do meu futuro noivo beijoqueiro, aguardando o máximo que poderia antes de ir ao encontro dela.

Confesso que nem vi o tempo passar, minha mente não parava de reviver o momento do beijo. Eu estava flutuando, envolvida em uma nuvem mágica de prazer e realização. Aquele foi meu primeiro beijo e, apesar dos acontecimentos que nos levaram até ele, havia sido especial.

Eu estava com medo, frustrada e com raiva quando Arturo entrou na biblioteca e se desculpou pela forma como

tinha agido. Uma pontada de esperança aflorou em meu peito e ser colocada no seu colo, feito uma criança indefesa, me fez sentir protetoramente acolhida.

Talvez eu estivesse desenvolvendo sérios problemas emocionais que precisariam de muita terapia para ser alinhados, mas minha vida havia mudado demais em muito pouco tempo para que eu mantivesse qualquer equilíbrio.

Entrei no quarto e vi Alma deitada em sua imensa cama, em posição fetal, ela mantinha os olhos fechados, apesar de o pé direito não parar de balançar, denunciando sua inquietação.

— Eles te mandaram aqui? — Ela abriu um olho, desconfiada.

— Não. Eu vim por conta própria. Esperei até que sua raiva diminuísse.

— Acredita que o *tarugo* do meu irmão invadiu o dormitório de Esteban, arrebentando a porta e puxando o rapaz pela camisa?

— Vocês... estavam... é...

— Eu não transo com ninguém, Beatrice. — Senti minhas bochechas aquecerem. — Conheço Esteban há pouco tempo, ainda não estamos nesse ponto. Depois de hoje, acho que não estaremos em ponto nenhum.

— Ele é de um cartel rival, não é?

— Sim. Eu sabia. Ele nunca me escondeu isso.

— Você gosta dele? — Alma me encarou, pela primeira vez, então se endireitou na cama e bateu a palma nela, para que eu me acomodasse ao seu lado.

— Ele é diferente. Apesar de fazer tão pouco tempo que nos conhecemos, já parece uma vida toda. Ao contrário

do que meu irmão pensa de mim, eu nunca havia me permitido ficar sozinha assim com um rapaz, nem pensava nesse tipo de coisa. Ele sabe que meu sonho é viajar e não me prender a um mexicano. — Acenei com a cabeça, pois já havia decorado todo o seu discurso sobre ter liberdade e independência. — Mas ele é diferente. Me fez começar a pensar em coisas que... eu achava impossíveis de acontecerem. Entende? — Ela virou a cabeça na minha direção, a confusão expressa em seu rosto.

— Claro que eu entendo. Olha só a minha situação.

— Você tem menos escolhas do que eu.

— Eu sempre soube do meu destino, Alma, e nunca lutei contra. Claro que não esperava vir da forma que foi, ainda queria meu pai vivo e mais tempo para terminar meus estudos e me preparar para assumir a posição de esposa do chefe do cartel, mas tudo aconteceu como deveria.

— Arturo é um bom homem. Meio frio e distante, mas é honrado. Você ficará bem — ela soltou, em forma de consolo.

— Seu tom é de pesar. Minha vida não vai acabar por me casar com um Salvatierra, Alma. Eu tenho meus sonhos e objetivos, mas eles são diferentes dos seus.

— Você parece resignada demais, Beatrice. Não sei se consigo começar a compreender o que isso significa. Eu quero mais da vida. Eu almejo tudo.

— Ninguém pode ter tudo, Alma. Nossos desejos podem nos levar para determinadas direções e podemos encontrar propósitos e resultados para aquilo. Tudo é abrangente demais.

— Fala como uma senhora experiente e vivida de oitenta anos.

— Talvez essa seja a idade da minha alma — brinquei e ela riu, batendo a lateral do seu corpo contra o meu.

— *Gracias*, *chica*. Estou bem melhor.

— Que bom. Estarei aqui sempre que precisar. — Trancei os dedos diante do corpo, ansiosa.

— O que foi? Você parece inquieta.

— Arturo me beijou — soltei de uma vez o que mal conseguia conter.

— Jura? Em que momento isso aconteceu? — Alma virou o corpo de frente para mim, completamente recuperada da sua chateação e atenta à novidade.

Havíamos conversado um pouco sobre o comportamento distante do meu futuro noivo durante a semana em que ele desapareceu. Ela tentava justificá-lo e me animar, apesar da minha crença de que Arturo não suportava nem me ver.

— Logo depois de chegarmos e de ele ter dito que se algo acontecesse com você a culpa seria minha.

— *Hijo de la chingada.* Como ele pôde fazer isso com você?

— Pois é. Aí ele veio até a biblioteca e se desculpou.

— E esse pedido veio com um beijo intenso de quase descolar os lábios da boca? — ela brincou, conspiratória.

— Ah, por *Dio*. Sim! — Levei as mãos ao rosto, cobrindo minha vergonha.

Era muito estranho falar de coisas tão íntimas, que eu nunca havia vivido antes, com uma garota da minha idade. Esse tipo de situação jamais tinha acontecido quando eu estava em San Diego.

— É bom, não é? — Alma puxou minhas mãos. — Apesar de eu achar Arturo muito velho — Eu fechei a cara, descontente, e ela riu — Desculpe, *chica*, mas ele sempre será como um pai para mim. Enfim, voltando à questão, acho que ele será um ótimo amante. Sabe? Quando vocês tiverem mais intimidade.

— Ainda é cedo para pensar nessas coisas, Alma — tentei desconversar.

— *Muchacha*, acha que um homem como meu primo ficará só nos beijinhos até quando? — Meus olhos se alarmaram.

Até aquele instante, eu não havia ponderado minha situação conjugal. Sabia que em algum momento Arturo e eu ficaríamos noivos e o casamento aconteceria, também tinha ciência das minhas obrigações matrimoniais e que eu teria que dar um herdeiro a ele, mas não pensei em como seria o processo.

Será que ele esperava dormir comigo essa noite?

— Beatrice, *chica*, respire. — Foquei os olhos em uma Alma apreensiva diante de mim. — Sinto muito, eu não queria assustá-la. Arturo não é um brutamontes, tenho certeza de que agirá bem com você. Não se preocupe.

— Eu só não estava pensando tão à frente.

— Nem deve. Eu que me precipitei. — Ela saltou da cama. — Venha, vamos para a piscina.

— Piscina? Você não está de castigo?

— *Muchacha*... está para nascer o Salvatierra que me prenderá em um cômodo.

Ela correu até seu closet e retornou com dois pares de biquínis, já que eu não havia comprado nenhum ainda. Mais

um item que ela listou para nossa próxima visitinha às boutiques de Tijuana.

Peguei um chapéu grande e meus óculos de sol, fomos para uma área de lazer, escondida da vista principal, era arborizada em volta, encantadora e tinha uma espécie de jacuzzi, que me deixou empolgada para usar.

Deitei-me em uma das espreguiçadeiras depois do mergulho, estava quente e eu pretendia ler um pouco o livro que havia pegado no dia anterior na biblioteca. Acabei fechando os olhos e permitindo que o calor aquecesse minha pele, relaxando a mente e o turbilhão de coisas que aconteceram.

— Amo essa quietude — Alma soltou.

— Com você falando já não está mais quieto. — Torci os lábios quando um pedaço de pano atingiu meu corpo. — Ai!

— Você é muito chata, sabia?

— E você, uma resmungona.

O silêncio bem-vindo retornou, deixei minha mente vagar para as lembranças do beijo, que não haviam me deixado nem por um segundo desde que ele aconteceu.

As palavras de Alma fizeram minhas expectativas aumentarem, o tratamento de Arturo, que antes parecia um estorvo, depois do que aconteceu me fazia sonhar com as possibilidades.

Em algum momento, eu adormeci, entre sonhos quentes e lembranças empolgantes, senti minha pele se arrepiar com um toque sutil em meu braço. Despertei assustada, olhando para o lado e dando de cara com Arturo, agachado ao lado da minha cadeira, os olhos cobertos pelas lentes escuras, mas eu sentia seu escrutínio em meu corpo.

— Você pode queimar sua pele, *muñeca*.

— Essa é a intenção ao se tomar sol.

— Precisa ir devagar, *cariño*. Com cautela. Como eu ficaria se não pudesse mais te tocar porque sua pele estaria muito sensível? — O seu tom baixo fazia o alvoroço crescer ainda mais em meu estômago.

Para ajudar com meu tormento, o dedo indicador de Arturo deslizou para minhas costelas e desceu até a parte baixa da barriga, eriçando os pelos e causando contrações prazerosas, e involuntárias, nos meus músculos.

— E você quer me tocar, *signore* Salvatierra? — Ele bufou, indignado.

— Não seja pretenciosa, *señorita* Fabbri. Ambos sabemos que o beijo de mais cedo era somente a premissa do que está por vir.

Meu coração saltou no peito, parecia que as batidas descontroladas causariam uma parada em breve, tamanho meu desespero e ansiedade.

— Acalme-se, Beatrice. Tudo terá seu tempo. Mas é fato que minhas mãos querem, e vão, estar sobre você sempre que possível.

Não resisti e avancei com o tronco, sem pensar no que resultaria a minha atitude, passei as mãos pelo terno de Arturo e entrelacei os dedos em sua nuca, colando nossos lábios.

Ele se debruçou sobre mim, sua mão rapidamente circundando minha cintura, a língua pecaminosa e ousada invadindo minha boca, fazendo as sensações no meu estômago se expandirem para todo o corpo.

Eu não sabia dizer se todo beijo era assim, afinal, Arturo era o primeiro homem que colocava seus lábios nos

meus, mas certamente era delicioso e ele demonstrava muita habilidade.

Acho que eu tirei a sorte grande neste aspecto. Meu futuro marido sabia muito bem como encantar minha libido para seu bel-prazer.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 15

Beatrice não tinha a menor ideia das consequências de atiçar um homem como eu, mesmo que a intenção fosse inocente, despreparada, ainda era um grande risco tomar a iniciativa de algo que não poderia terminar.

Eu não era do tipo que aceitava nada pela metade. Eu queria tudo, exigia o todo, se a pessoa não estivesse preparada para o trem de carga que eu representava, certamente terminaria atropelada. Mas esta era a doce Beatrice, minha prometida, a mulher a quem eu deveria zelar e proteger acima de tudo. Como meu *padre* sempre me orientou.

Levei a mão que estava em sua nuca até a mandíbula, apertando o local, e aproveitei para findar o beijo com uma

mordida discreta em seu lábio macio.

— Não tente o demônio que me habita, *chica*. — Seus olhos saíram de entorpecidos para surpresos. — Eu preciso ir devagar, mas se você continuar fazendo coisas assim, ficará bem difícil me conter.

— E por que tem que se conter? — A pergunta saiu espontânea e o rosto ruborizou em seguida, quando ela se deu conta do questionamento que fizera.

— Porque ainda nem somos noivos e, apesar de eu ser um homem de cartel, *chica*, preciso manter a decência. — Acariciei sua bochecha antes de ficar de pé. — Vamos almoçar. — Estendi a mão, que ela aceitou elegantemente, se colocando ao meu lado.

Caminhamos de mãos dadas para dentro do casarão, nos despedimos com um beijo rápido no corredor que levava para os quartos. Quando girei no lugar, encontrei Santiago margeando sua porta.

— *¿Qué onda?* — Acenei com o queixo, fechando o semblante, já que o sorriso provocador não deixava seus lábios.

— Um mexicano domesticado. Estou orgulhoso de você, *carnal*.

— *Chingar!* Quero ver suas provocações quando tiver a sua *hermosa*. — Ouvi um resmungo baixo e descontente.

— Sabe muito bem que minha vida sempre será no cartel, casado com a minha pistola e amante das *zorras*. — Estaquei no lugar, me virando para meu primo com rapidez.

— Cuidado com sua maldita boca.

— O que foi, *carnal*? Medo de que sua prometida saiba que todas as *zorras* de Tijuana já mamaram no seu pau?

— Eu não tenho medo de nada, *cabrón!* — vociferei e ele ergueu as mãos.

— Estou muito ansioso pela sua despedida de solteiro.

Dei as costas e voltei a caminhar, ignorando as provocações de Santiago, que não parariam. Tomei meu lugar na cabeceira, Santiago se sentou ao meu lado e logo Beatrice e Alma se acomodaram.

Minha futura noiva era elegante, comedida e delicada, tomando seu lugar com o máximo de discrição. Já Alma, parecia um trator do campo, arrastando a cadeira e se sentando com uma perna dobrada junto ao corpo.

Olhei de uma para outra. Por *La Santa Muerte*, elas estavam se dando bem, eu só não sabia se era melhor que elas fossem aliadas ou inimigas. Ao menos até aquele momento, o convívio era favorável para a situação e o comportamento oposto de ambas me deu uma ideia.

— Beatrice, se importaria de ajudar Alma com alguns *modales*? — Todos à mesa pararam de comer e passaram a prestar atenção em mim. Beatrice tinha o cenho franzido, como se não entendesse o que eu dizia. — Traquejo social, *muñeca*. Minha prima foi criada por homens e, obviamente, não sabe se portar como uma dama.

— Mas que porcaria você está dizendo, Arturo? — Alma falou alto demais, indignada.

— Acho uma ótima ideia — Santiago se manifestou.

— E então? Beatrice? — Antes que minha futura noiva abrisse a boca, Alma segurou seu braço e tomou a iniciativa.

— Feito! Com uma condição: eu aprendo os *modales* — ela torceu a boca em uma careta desdenhosa — e, em troca, ensino Beatrice a lutar, atirar e se defender.

— *Caspita*! — minha noiva exclamou ao encarar Alma, assustada.

— Você não está em condições de negociar nada, prima — soltei, encostando-me no respaldo da cadeira, pensativo.

Eu já havia dito para Beatrice como as mulheres eram no cartel, esperava em algum momento ensinar uma coisa ou outra, somente para minha paz de espírito, mas num treinamento com Alma, era certo que ela tentaria transformar minha futura noiva no melhor soldado.

— Só porque Santiago me pegou dando uns beijos. Como se vocês não saíssem da casa de prazeres do Gutierrez. — Assim que soltou a informação, sua mão cobriu a boca e ela encarou Beatrice com pesar. — Arturo não faz mais isso. Não se preocupe.

Beatrice tinha o rosto ruborizado e seu foco, instantaneamente, se tornou o prato de comida intocado, a sua frente.

— Você realmente precisa de *modales*, Alma.

— Já me desculpei — ela falou entredentes para Santiago, que mantinha um semblante divertido.

Eu poderia dizer algo, tentar consertar a situação, mas a verdade era essa. Eu costumava ser um homem livre, ainda era, já que não estávamos oficialmente compromissados, mas desde que busquei Beatrice em San Diego, mantive o decoro e o meu pau dentro da calça.

— Eu aceito. — Sua voz soou tão baixa que eu rapidamente me inclinei em sua direção, atento. — Ensinarei etiqueta para Alma e, em troca, ela me ensinará a me defender.

Quando seu olhar me encarou de novo, vislumbrei a mesma intensidade e desafio da noite em que ela empunhou a arma na minha direção. Gostava daquilo, muito mais do que pretendia admitir, mas sabia que suas barreiras estavam se erguendo.

Seria tolice da minha parte esperar que Beatrice, aos dezenove anos, agisse com maturidade sobre algumas questões. Principalmente no que se referia ao tipo de relacionamento ao qual estávamos predestinados.

— Feito. Uma ensinará a outra sob supervisão de um dos nossos homens — alertei. — E, no final de três semanas, se Beatrice passar na prova de aptidão do cartel, e você, Alma Salvatierra, tiver aprendido o mínimo de traquejo social e, claro, não tiver se enfiado em mais confusões, autorizo sua viagem de intercâmbio para a Europa.

— De jeito nenhum! — Santiago se levantou, batendo na mesa.

— Ah! Por *La Santa Muerte!* Não posso acreditar! — Minha prima se levantou com rapidez, deixando a cadeira cair em um baque no chão. — Arturo! Você é o melhor! — Ela correu até mim, abraçando meu pescoço e distribuindo beijos por todo meu rosto. — *Gracias! Gracias!*

— Ela não vai. — Encarei Santiago, que tinha um semblante ameaçador para mim. — Você não pode fazer isso. — Ele pontuou com o indicador sobre a mesa, determinado.

— Eu posso e eu vou. Alma sabe se defender, enviaremos homens para cuidar da sua segurança.

— *Chingar!* — Santiago bradou antes de sair da sala, irritado.

— Ele vai aceitar isso? — Beatrice se pronunciou ao acompanhar a saída do meu primo.

— Ele supera. — Alma deu de ombros, retornando para seu lugar. — Vamos, Beatrice, você precisa se tornar a mulher mais foda em luta corporal e pistola, para que eu finalmente viva meu sonho. Te transformarei em uma máquina de matar. — Minha prima, empolgada, pegou mais uma porção de comida e virou no prato, quase intocado, de Beatrice.

Eu já estava me arrependendo da decisão antes mesmo de elas começarem. Direcionei um olhar de alerta que Alma conhecia bem, mas a *chica* estava feliz demais para se importar com minhas repreensões.

Eu havia me mantido por tempo demais à margem da relação e superproteção de Santiago com a irmã mais nova. Sabia que enfrentaria um grande problema lidando com o humor do meu *carnal*, mas confiava que seu bom senso faria sua mente retornar à razão.

Alma não parou de tagarelar enquanto Beatrice demonstrava total interesse em suas palavras. Estava restringindo qualquer possibilidade de conversa comigo, eu sabia disso, e estava sendo punido por seu desconforto sem sentido.

Pedi licença da mesa e fui para o escritório do Haras, onde sabia que Santiago me aguardava para finalmente despejar sua revolta e frustração.

— Você me traiu. — Ele ergueu o dedo que segurava um copo de uísque assim que passei pela porta do escritório. — Não podia ter feito isso comigo.

— Não é sobre você, *carnal*. Sabe bem disso.

— Alma é minha irmã, para proteger e cuidar.

— E por isso a treinamos desde pequena. Ela precisa viver tudo que está contido dentro dela. Alma é uma bomba prestes a explodir e eu não quero vê-la dando a mão para

nosso inimigo, só para ter um gosto da liberdade que ela não tem.

— Se algo acontecer...

— Nada vai acontecer. Monte uma equipe para acompanhá-la, mesmo que de longe, o tempo todo ao seu encalço. Manteremos nossos olhos sobre ela, mesmo à distância.

— Ainda não te perdoei por isso.

— Posso conviver com o peso. — Ocupei minha cadeira. — Agora vamos ao que interessa: onde está Romeu?

Ao que parecia, nossos informantes haviam perdido o rastro de Romeu em San Diego. O homem estava recluso, não atendia ninguém e muito menos cumpria os compromissos de negócios e da *famiglia*.

— Nenhuma novidade. Ele simplesmente sumiu do mapa.

— Estranho.

— Muito. Nossos contatos disseram que ninguém se manifestou, ainda, para assumir a cidade.

— Seria um ato de posse e isso poderia gerar uma guerra pelo território entre os próprios italianos.

— Exato.

— Mantenha a segurança de Beatrice alta.

— Ainda acha que ele pode tentar tirá-la de você?

— Estamos com a porra de uma disputa de territórios nas mãos, algo que mudaria completamente o cenário. Beatrice é a peça decisiva de tudo isso.

E eu a protegeria de qualquer infeliz que ousasse tirá-la de mim.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 16

Os próximos dois dias da minha vida haviam me feito querer morrer, pelo menos umas três vezes, quando Alma, que descobri ser uma sanguinária cruel, mandava eu me levantar depois de me derrubar com algum golpe.

— Você é sua própria arma, Fabbri. Levante-se e lute. — Sua voz ecoava em minha mente, dizendo palavras de incentivo, misturadas às ofensas gratuitas.

Molenga, fracote e procrastinadora crônica.

Ela realmente era criativa na sua abordagem, o que me deixava ainda mais assustada com seu estilo, já que o máximo de esporte de contato que pratiquei foi uma partida de vôlei, que terminou muito mal para mim.

— Por que eu preciso te derrubar? — Limpei o suor da testa e ajeitei a faixa de cabelo que impedia meus fios rebeldes de grudarem na minha pele.

— Pelo mesmo motivo que eu preciso aprender a falar baixo e me sentar com as pernas unidas e de lado. — Ela deu de ombros quando eu não entendi. — É esse o objetivo, *muchacha*. Krav Maga serve para impedir que um agressor atinja o objetivo, a melhor forma disso acontecer é derrubá-lo no chão. — Ela piscou um olho para mim. — Objetivo.

— Você ainda não aprendeu a falar baixo. — Ela cruzou os braços, me encarando. — E quando eu vou aprender a atirar? — questionei mais uma vez, essa era a única coisa que me importava em tudo aquilo.

— Beatrice Fabbri, uma apaixonada por armas.

— Só quero saber usar uma.

— Vai aprender. Depois que fortalecer um pouco os seus músculos. Não se preocupe.

— Quando será mesmo esse teste de aptidão?

— Em três semanas.

— *Caspita*! Está brincando comigo? — praticamente gritei e Alma sorriu. — Arturo não está em seu juízo perfeito.

— Até a última vez que chequei com o médico da família, *muñeca*, eu estava perfeitamente bem. — Girei no lugar para avistar meu futuro noivo usando um calção preto e uma camiseta regata no mesmo tom.

Confesso que acabei me perdendo, por alguns segundos, naquela beleza pecaminosa que ele exalava, mesmo sem os costumeiros ternos que o deixavam com ar de empresário convencido.

— O que faz aqui?

— Precisamos de um corpo grande e truculento para simular as investidas — Alma respondeu.

— E ele tem tempo para isso? — Ergui as sobrancelhas, cruzando os braços na altura dos seios.

— Não precisa se preocupar com a minha agenda, *muñeca*. — Ele piscou um olho e eu senti a raiva aumentar em mim.

Depois daquele almoço, Arturo voltou a desaparecer, ao que parecia, essa era sua forma de agir e lidar com questões relacionadas a mim. Confesso que me deixou bastante incomodada, já que a raiva que eu sentia estava se extinguindo.

Eu sabia que meu futuro noivo não havia se resguardado, como eu, para nosso compromisso, mas isso não queria dizer que eu pretendia em algum momento saber das suas aventuras sexuais.

Ele não tinha culpa por Alma ter uma boca grande, e eu não poderia ser culpada por me sentir mal com a informação.

— Vamos logo com isso. Alma ainda precisa aprender a usar os talheres. — Sorri, presunçosa, ao me virar a tempo de ver a careta da *ragazza*.

Ela até poderia esfolar meu couro nas aulas de contato, mas eu teria imenso prazer em torturar sua impaciência para adquirir trato fino e calma nos trejeitos de uma dama da sociedade.

— Muito bem. Arturo, ataque Beatrice por trás. — Alma bateu as mãos, retomando seu lado professora tirana.

Senti o corpo imenso de Arturo colar contra minhas costas, toda sua extensão me cobrindo, tornando visível o arrepio que se alastrou por meus braços, pescoço e colo.

O hálito quente da sua respiração atingiu um ponto específico em minha orelha que me fez fechar os olhos involuntariamente, desfrutando da sensação prazerosa que surgiu no meu baixo-ventre.

— Acha realmente que eu permitiria que um *tarugo* qualquer encostasse no seu traseiro, *muñeca*? — seu sussurro rouco me fez prender o lábio entre os dentes.

— Beatrice, tira essa cara de tarada do rosto e se concentra. Arturo não é seu futuro noivo, mas sim um agressor. — Abri os olhos, sentindo meu rosto se aquecer. — Repita exatamente como treinamos anteriormente.

Continuei parada, os braços fortes de Arturo fechados feito um torniquete em torno de mim, a quentura do seu corpo firme e musculoso contra o meu. Eu poderia estar equivocada, mas algo mais duro estava pressionando a minha lombar e eu desconfiava de que não era a arma dele.

— O que foi? — Alma questionou, impaciente.

— Não me lembro o que preciso fazer — avisei, com medo da reprimenda.

— *Dios, por La Madre*, essa *muchacha* derreteu o cérebro com alguns músculos disponíveis. — Ela levou as mãos até a cabeça, olhando para o céu. — *Andale*, Beatrice. — As palmas bateram rapidamente uma na outra, retornando sua atenção para mim. — Assim que Arturo te agarrar por trás, você deve agachar rapidamente, pois isso baixa o seu centro de gravidade, tornando difícil que o atacante consiga te erguer ou derrubar. — Ela explicou calmamente e eu agi feito uma criança muito atenta que acenava com a cabeça em compreensão. — Arturo, repita a ação.

Ele se afastou e tornou a se aproximar, mas daquela vez, não permiti que meus instintos sexuais falassem por

mim e me abaixei, sentindo seus quadris de encontro ao meu traseiro.

— Muito bem. Abra as pernas até que passe a largura da sua cintura, gire o quadril para o lado, criando o caminho para a genitália do Arturo. — Fiz conforme orientou, tentando ignorar que eu atacaria a parte que, um dia, faria filhos em mim. — Agora, com a palma da mão aberta, golpeie com o máximo de força e velocidade que puder, isso o fará afrouxar o agarre.

Rapidamente Arturo afrouxou o contato, então joguei o peso para longe dele e o golpeei com o cotovelo. Ainda ouvindo as instruções de Alma, atingi sua costela. Consegui me soltar e girei no lugar, fechando o punho e mirando seu belo rosto.

Avancei o golpe e parei, a alguns centímetros de acertar o rosto de Arturo, que tinha um olhar completamente selvagem na minha direção. Engoli em seco, sua postura se endireitou e eu senti como se ele estivesse prestes a me atacar.

— Muito bem, *chica*! — Alma abraçou meus ombros, tirando meus sentidos da hipnose que Arturo exercia sobre mim. — Agora, só precisa puxar peso para ganhar alguns músculos.

— Parabéns, *muñeca*. Se saiu bem. — Ele acenou e simplesmente partiu.

Dois tediosos dias sem colocar os olhos sobre aquele homem, aí ele apareceu no meu treinamento, usou do momento para se esfregar em mim e simplesmente se afastou.

— *Andale*! Temos algum tempo antes de encerrar.

— Aonde ele vai? — Apontei com a cabeça na direção que Arturo havia partido.

— Treinar no ginásio com os outros homens.

Dali para frente, tentei me concentrar o máximo possível nos exercícios que Alma aplicava, usamos algumas cargas leves, porque segundo ela, eu era um calango do deserto e precisaria de certo tempo para puxar peso de verdade.

Eu estava muito ansiosa para começarmos a outra parte do treinamento e já colecionava alguns bons xingamentos para proferir enquanto ela errava a forma adequada de se portar em uma mesa posta.

Assim que terminamos, peguei minha toalha de rosto, nos despedimos com a promessa de que, em meia hora, nos encontraríamos na sala de jantar e, em vez de seguir caminho para onde deveria, eu me peguei, apressada, indo em direção à academia maior.

Não havia ninguém à vista, o que eu achei ótimo. Adentrei o ambiente todo aberto em vidro e caminhei entre os aparelhos até as portas do vestiário masculino.

Era uma ousadia, mas eu estava agitada e inconsequente demais depois de passar horas treinando feito uma guerreira. Poderia jogar a culpa na adrenalina e nos hormônios que meu corpo estava produzindo naquele momento, para justificar o fato de adentrar um vestiário masculino escondida, para espiar meu futuro noivo.

Ouvi uma melodia baixa, que já tinha escutado em algum lugar, mas não me recordava onde. Olhei detrás de uma pilastra, havia uma carreira de chuveiros enfileirados, somente de um saía água para lavar um corpo escultural sob ele.

Apertei as mãos em torno da curva da parede, atenta demais aos movimentos do homem se ensaboando, os

músculos das suas costas se moviam com graciosidade, sua bunda exposta era perfeita, parecia macia para apertar.

Quando ele se movimentou, pronto para virar, me escondi com agilidade atrás da pilastra, o medo de ser descoberta fazendo com que meus batimentos atingissem meus ouvidos.

Tornei a me virar, arrisquei, bem devagar, usando somente um olho e vislumbrei sua frente. Ele estava enxaguando os cabelos, os braços para cima com os dedos enterrados nos fios. Seu abdômen molhado desenhava diversos gomos e músculos que eu não fazia ideia de que poderiam existir.

Prendi a respiração quando não resisti e desci o olhar. Era muito errado, invasivo, eu sabia disso, mas preferi enganar minha consciência imoral e fingir que só estava analisando o que um dia seria meu por direito.

Era... depilado? Ele se depilava, o que não deixava margem nenhuma para curiosidade ou ocultismo. Eu conseguia vislumbrar toda a sua anatomia, e eu não tinha uma base para comparar, mas parecia bem grande e grossa.

Não estava firme, como quando roçou meu traseiro, o que me fazia pensar em seu tamanho total, quando a potência estivesse desperta. Apesar de nunca ter vivido nada parecido com isso, sabia muito bem como a coisa funcionava.

A internet era uma porta interessante para uma garota curiosa como eu.

Os livros que eu costumava ler no leitor digital também davam fortes indicativos de como era o ato sexual e, em especial, davam ideias do que fazer com tudo aquilo.

Arturo esfregou o rosto com as mãos e eu tornei a me esconder, certa de que ele poderia me ver de onde estava.

Estava pronta para escapar daquele lugar, tomada por uma onda do bom senso que havia fugido da minha razão. Dei alguns passos para a saída, mas a voz grossa e imperiosa de Arturo me impediu de prosseguir.

— Vai mesmo sair sem ao menos dar um oi, *muñeca*?

Caspita! *Como ele havia me descoberto?*



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 17

Eu era muito bom em arquitetar planos, armar emboscadas, executar perseguições e prever como e onde um alvo estaria e como atraí-lo para o lugar em que eu teria controle e dominância da situação. Se era errado usar dessas táticas com minha futura esposa, então eu havia acabado de assinar o atestado de culpado, sem qualquer peso na consciência.

Sabia que a curiosidade falaria alto e Beatrice daria um jeito de descobrir onde eu estava, o que a faria vir atrás de mim. Estar no chuveiro no momento também foi cronometrado, e para seu azar, ela ainda não sabia que havia um monitor nos chuveiros do vestiário com imagens da academia e entrada do reservado.

Era por uma questão de segurança, apesar de o Rancho ser fortemente guardado, Santiago e eu passávamos muitas horas aqui treinando, às vezes de dia, em alguns momentos na madrugada, e precisávamos nos certificar de estar preparados para uma possível emboscada.

Fechei a ducha e alcancei a toalha, enrolando-a na minha cintura, sem ao menos me enxugar. Pelas imagens, eu via Beatrice parada rente à parede que a escondia, estava confusa e se perguntando como eu havia descoberto sua espionagem.

— Saia daí, *muñeca* — incentivei ao pegar outra toalha menor e começar a enxugar os fios de cabelo encharcados. — Você foi pega, tenha dignidade e se entregue de uma vez. — Sorri, sabendo exatamente o que ela faria.

Beatrice surgiu, com seu tamanho miúdo tentando mostrar imponência. Ela me encarou dos pés à cabeça, seus olhos demonstravam uma satisfação com o que via, e isso me deixou feliz.

Era bom saber que transaríamos não somente pelo papel ao qual fomos destinados, mas também por puro desejo e vontade.

— Não sou uma covarde.

— Eu não disse isso. — Segurei as duas pontas da toalha pequena e a encaixei no meu pescoço. — Como está indo seu treinamento?

Daria uma colher de chá para a *chica*, ela estava nitidamente constrangida, e eu precisava me lembrar de que tudo com ela era diferente. Novidade.

— Alma está determinada a acabar comigo.

— Ela é bastante intensa em seus propósitos.

— Achei atencioso da sua parte fazer isso por ela.

— As coisas precisavam mudar. Demorei tempo demais para agir, esperando que meu primo caísse em si, mas ele é mais cabeça-dura do que eu.

— Você, *signore* Salvatierra? Um cabeça-dura? Quem diria — ela soltou, provocativa, e eu avancei um passo.

Sua expressão cômica se transformou, eu a vi engolir com dificuldade e sua boca se abrir parcialmente, exalando o ar dos pulmões. Beatrice era completamente expressiva, o que se tornava uma grande vantagem para que eu soubesse por onde conduzir nossa interação.

Eu jamais a tomaria se percebesse que não estava, no mínimo, a fim de que acontecesse.

— Parece que minha noiva tem uma opinião muito forte sobre meu jeito de ser. E nem convivemos a ponto de isso acontecer.

— Não foi por minha culpa — respondeu, verdadeira, levando os braços para atrás do corpo, encabulada.

— Tem razão. Ainda não sei como lidar com você, Beatrice, por isso prefiro me manter afastado.

— Controverso, *signore* Salvatierra, já que afastado você corta todas as possibilidades de aprendermos a conviver. — Balancei a cabeça, ela havia me pegado de jeito.

Avancei mais um passo, largo o suficiente para que nos colocássemos a uma distância favorável, se eu resolvesse fazer o que meu corpo queria. Unir seu tamanho miúdo, suado e descabelado, junto a mim.

— Você fica linda assim.

— Assim como? — Ela levou uma das mãos até a cabeça e empurrou alguns fios atrás da orelha, preocupada.

— Bagunçada. — Levei a mão até o outro lado do seu rosto e ajeitei os fios soltos.

Sentia minha mão formigar, louco para puxá-la pelo pescoço e colar nossos lábios em um beijo que tirasse completamente qualquer reserva entre nós.

— Acho que nunca me permiti ficar assim. Ainda mais diante de um homem. — Seu cenho enrugou com sua constatação.

— A vida existe para que possamos aprender e evoluir. Não espero que você seja a garotinha comportada de Leonardo.

— E o que espera de mim então?

Inclinei a cabeça em sua direção, ela não recuou, um ótimo sinal, mas eu não a beijaria, pelo menos não até colocar um pouco mais de tecido sobre meu pau, impedindo que eu fizesse uma besteira.

— A pergunta certa é: o que você almeja ser, Beatrice Fabbri? Quem você é, de verdade?

Encarei seu olhar. Havia muitas emoções ali, e eu ainda não conseguia interpretá-las por completo, mas a vivacidade era profunda, como um fogo queimando suas entranhas.

Contornei seu corpo de perto e deixei o vestiário. Usei a passagem oculta que dava para o casarão, passei pelos funcionários usando somente uma toalha, pouco me importando com o olhar chocado de alguns, e o impressionado de outros.

Tornei a entrar no chuveiro, gelado, na particularidade do meu quarto, e me aliviei, feito um adolescente, na

tentativa patética de aplacar o desejo que ardia em minhas veias.

Coloquei meu terno, precisava atender às demandas do cartel, estávamos com problemas em algumas distribuições, e a presença do chefe e seu braço direito sempre acalmava os ânimos.

Pensando na cobrança indireta de Beatrice, escrevi um bilhete para ela, informando que sairíamos para jantar mais tarde. Precisávamos nos aproximar, assim que eu conseguisse alguma informação comprovada da situação em San Diego, certamente noivaríamos.

Enquanto a espera nos permeasse, eu tentaria, ao menos, tornar o convívio de Beatrice mais íntimo no Rancho, já que ela em breve seria uma Salvatierra no papel. Pela forma como seu querido primo vinha se portando, ela teria que decidir assumir meu sobrenome também em seu coração.

Saímos do Rancho em comboio, por questão de segurança, Santiago e eu nunca íamos no mesmo meio de transporte, pois se algo abatesse um dos dois, o cartel e a família ainda teriam o outro para tomar o comando e cuidar de tudo.

Peguei a minha Colt[24] e a coloquei descansando na minha coxa, enquanto seguia o comboio até a área de distribuição, um galpão que parecia comprometido do lado de fora, mas guardava nossas mercadorias com um forte sistema de segurança e logística.

Os carros pararam em uma barricada, deixando o meu veículo e o de Santiago com as melhores saídas de evacuação, caso fosse preciso.

Desci com a arma na mão, não estava com humor para ser democrático hoje e, pelo comportamento que

Santiago vinha tendo desde que fiz o acordo com Alma, sabia que alguém seria responsabilizado pelos atrasos que vinham acontecendo.

— Estão nos esperando — Santiago soltou assim que se livrou do paletó, usando somente a camisa social branca e a calça preta.

Ele encaixou suas luvas de coro entre os dedos, balancei a cabeça, ciente do que isso significava. Ele não deixaria o problema ser resolvido de forma rápida. O carniceiro se divertiria antes de conceder misericórdia ao culpado.

Sabíamos que ele não me enfrentaria quanto a questão da sua irmã. Eu era o chefe da família e dos negócios, como meu braço direito, mesmo contra sua vontade, deveria acatar as ordens tanto quanto se colocar na frente de uma bala por mim.

— *Buenas*... aqui estamos, *mamertos*. — Santiago riu ao adentrar o galpão e vislumbrar todos os homens responsáveis pela logística, desde a coordenação até o motorista. — Vamos começar logo, pois eu estou com vontade de espancar alguém. — Ele tombou a cabeça para os lados, alongando o pescoço.

Santiago, diferente de mim, que era quieto e direto, gostava de brincar, usar a ironia, deixar as pessoas em volta à vontade, para que virasse o jogo, tornando o medo do oponente ainda maior quando ele permitia que o carniceiro que o habitava saísse para fora da jaula.

— Há uma semana, as entregas em San Diego têm sofrido atrasos, o que poderia ser considerado normal, se o cenário do lado de lá da fronteira não estivesse tão instável — soltei as palavras, alto e indo direto ao assunto. — Não sou um *tarugo* e não serei passado para trás.

— Mas, *señor* Salvatierra, cumprimos toda a rota. Os caminhões são rastreados e estamos sempre acompanhados de batedores. — Um homem se impôs.

— Sim, de fato. Como sempre param nos mesmos lugares, já associados a nós, para se alimentar e descansar, tudo funciona muito bem, principalmente quando todos se conhecem há tanto tempo e veem uma pequena oportunidade de se dar bem. — Virei na direção do responsável pelas rotas. — Te conheci quando meu pai ainda comandava esse lugar, você era só um motorista, mas sua inteligência o fez subir, galgar lugar e prestígio entre nós.

— Acho que demos uma casa mobiliada para a filha dele, que se casou há uns dois anos — Santiago comentou, enquanto brincava com uma faca de caça.

— Demos. Fomos bons patrões, o que me leva a pensar por qual motivo ele agiria feito um *ratero*[25].

— No, por La Santa Muerte...

— Acho melhor não usar um nome santo em vão. Ou você vai sangrar feito um porco antes da hora e por muito mais tempo. — Santiago se desencostou dos paletes em que descansava o corpo.

— Não tolero traição. Sabem bem disso. E onde há um rato grande, com certeza tem uma ninhada sendo alimentada. — Corri os olhos em torno, atento a todos os rostos assustados, alguns endurecidos, mas meu foco estava em encontrar o delator. — Claro que o primeiro a entregar todo o esquema e os envolvidos terá um alívio, por assim dizer.

Tornei a olhá-los e alguns homens se mexeram, desconfortáveis, mas mantiveram-se firmes, a quietude

banhava o lugar, até mesmo o líder, que já sabia qual seria seu destino, estava em silêncio.

Quando um garoto, que não deveria ter mais que seus vinte anos, deu um passo à frente, pronto para delatar seus companheiros, encarei Santiago, dando por iniciado o acerto de contas com os traidores na minha casa.

— Essa lição será rápida, *morrillo*. A primeira regra dentro do cartel é nunca se render. Infelizmente, você não passou.

Apontei a arma para sua testa e disparei.

Certeiro, limpo e rápido.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 18

Eu ainda estava de roupão, toalha na cabeça e parada no meio do quarto com o papel timbrado Salvatierra nas mãos, analisava a caligrafia marcante nele, de letras miúdas e tombadas para o lado, que denunciavam um dono de forte personalidade.

Era um bilhete simples, mas tudo o que ele significava era quase o que eu sonhava desde que era uma garotinha. Arturo estava longe de ser um príncipe encantado, no máximo, poderia ser considerado o rei das trevas, no entanto, seu esforço em ser sociável, até cordial, comigo, tinha seu mérito.

Fui até o armário, conferi as peças, mas não encontrei nada para a noite, que fosse elegante e sensual.

Normalmente, minhas roupas eram recatadas, refinadas e admiráveis para os círculos sociais que vez ou outra eu frequentava.

Conferi as horas, precisava encontrar com Alma na sala de jantar, para sua aula de etiqueta, mas hoje faríamos um pouco diferente.

— Finalmente. Já estava criando teia no meu traseiro de tanto ficar sentada à sua espera. — Ela realmente tinha um longo caminho até ser considerada uma dama adequada. — O que foi?

— Sabe que não depende somente do meu aprendizado para que você ganhe seu intercâmbio, não é? *Modales, ragazza*, você precisa ficar boa neles.

— Essa parte é fácil.

— Jura? — Cruzei os braços sobre os seios. — Faremos um teste de campo então.

— Teste?

— Sairemos para comprar algo e eu vou analisar seu comportamento em todo o trajeto.

— Muito fácil.

— Veremos.

— Estou pronta. — Ela ficou de pé, usava uma calça que pendia na cintura, feita de um pano mole, que não marcava suas curvas. Havia colocado um top curto e o piercing na barriga era visível, além de completamente desnecessário.

— Vou incluir a compra de algo decente também.

— Isso é moda. — Ela apontou para o próprio corpo, fazendo uma pose de modelo fashionista.

— Não discutirei com você sobre isso. *Andale, chica* — pronunciei em sua língua e ela aplaudiu. — Viu? Posso me enturmar no cartel facilmente. — Coloquei a mão sob o queixo, exibindo uma expressão inocente.

— A perfeita primeira-dama dos *chicanos*.

Pedi um carro para transporte, mesmo sob os protestos de Alma, que dizia ser apta para dirigir por si, então informei que isso fazia parte do seu teste social. Fomos discutindo sobre as formas de entrar, sentar-se e sair do veículo, numa guerra descabida, já que ela gostava de viajar com uma perna apoiada no encosto do banco da frente, com o corpo curvado no assento, praticamente deitada.

— Ei, parece que amanhã vai rolar o protesto alimentício na faculdade mais uma vez. Não haverá aula por todo o período.

— Bom saber. Fico em casa e adianto um dos trabalhos do semestre.

— Ainda não consigo compreender como consegue ficar sem celular, rede social, comunicação e interação com o que acontece do mundo.

— Se algo realmente importante acontecer no mundo, será televisionado. No mais, só quero me adaptar à minha nova vida, sem chateações.

— Tem medo de o seu primo não ter entrado em contato. — Olhei em direção à janela, apertando meus dedos na bag que eu usava. — Desculpe, às vezes falo demais.

Voltei a olhar para Alma e sorri, amistosa. Não queria preocupá-la com meus anseios, apesar de ela ter acertado o motivo de eu ainda encarar meu aparelho celular como se

ele fosse explodir a qualquer momento na mesa de cabeceira.

Eu aguardava notícias de Arturo sobre as investigações. Romeu precisava explicar o motivo de ter retirado todos os pertences do banco antes da morte de meu papà. Só de pensar em sua possível participação na morte dele, meu coração chegava a sangrar.

— Por falar demais, eu quero saber sobre a casa de prazeres em Tijuana.

— *Muchacha!* — Alma empertigou o tronco, sorrindo com espanto, ela virou o corpo na minha direção. — Você ficou mesmo com aquilo na cabeça. Não tem que se preocupar com isso, Beatrice. Arturo é honrado, sempre foi.

— Sei bem como as coisas funcionam para as esposas da máfia, Alma. Não espero que seu primo seja um homem fiel. Está incutido no estilo de vida deles, acabar com uma *puttana* em seu colo, cedo ou tarde.

— Lá na sua terra, *chica*, os homens podem agir feito um *cabrón*, mas aqui, as mulheres do cartel não permitem que eles ajam assim. Eu mesma cortaria as bolas de Santiago ou Arturo, caso eles agissem de forma errada com suas companheiras.

— Mesmo assim, ele e eu somos prometidos, isso não tem a ver com um casamento convencional. Sou uma responsabilidade que recaiu sobre Arturo.

— Como ele é o homem escolhido por seu *padre*, e você se mantém virgem, a troco da honra alheia. — Alma fechou o cenho, brava. — É por isso que não vou me resguardar. Quero viver experiências íntimas antes de me casar, por amor, com alguém.

Veio na ponta da minha língua o impulso de responder para Alma que eu também estava me casando por amor,

mas isso era confuso, tortuoso e estranho demais, para explicar em palavras.

A verdade era que eu amava a fantasia que havia criado do homem poderoso e destemido, que sempre me protegeria de qualquer perigo e me trataria feito a *principessa* que meu papà sempre disse que eu era.

— Sou feliz com meu destino, apesar das circunstâncias. — Dei de ombros, com os olhos perdidos na paisagem através da janela.

— Ei, *chica*, Arturo te fará feliz. Tenho certeza. — Sorri ao olhá-la de relance. — Mas se ele não fizer, sempre tem a opção de você acabar com os culhões dele.

— Alma Salvatierra! — esbravejei, chocada com seu linguajar. — Desse jeito não vai passar no teste de etiqueta.

— Essa não valeu. Não estamos em público — ela brincou, piscando um olho para mim.

O carro estacionou na mesma vaga que pegamos da última vez, desconfiei de que essa não era uma coincidência. Segurei seu braço quando tentou abrir a porta e sair, ela me olhou com estranheza e eu acenei para a porta, que era aberta por um dos homens.

— Sou perfeitamente capaz de abrir minha própria porta. — Ela torceu os lábios.

— *Modales, ragazza.* — Pisquei, afetada. — Além do mais, pense sempre que está fazendo um homem de empregado. Sempre amacia nosso ego.

— Gostei disso.

Alma desembarcou, em seguida foi minha vez. Entramos na loja de luxo e, quando ela tentou correr até as araras, eu a olhei em advertência, o que a fez murchar e se aquietar ao meu lado.

— Encolha suas pernas — sussurrei, assim que ela se sentou esparramada.

Seu bufar não foi brando, mas eu deixei passar. Entendia sua dificuldade. Alma crescera cercada de homens por toda a vida, como saber se portar como uma menina refinada, se tudo que vivenciou foram arenas de treinamento?

— Quero um vestido de noite. Para jantar — avisei, assim que a atendente veio nos oferecer champanhe.

— Para quê?

— Um encontro.

— Com Arturo? — ela gritou e me puxou pelo tronco para que virasse em sua direção.

Ao que parecia, o desafio de Alma de me transformar em uma lutadora seria tão difícil e árduo quanto o meu, de fazê-la parecer no mínimo educada.

A compra do vestido rendeu mais algumas peças para meu novo guarda-roupas, incluindo roupas de banho. Aproveitamos para ir ao salão. Pedi um penteado discreto, com meus cabelos claros presos para cima, em um coque charmoso e elegante, que me deixava com um semblante mais maduro.

Eu gostava de ser jovem, claro, mas para estar ao lado de Arturo Salvatierra, eu precisava ao menos parecer uma mulher de fibra, empoderada.

Quando saímos do salão, rindo de alguma piada infantil que Alma fez sobre homens e depilação, meus olhos miraram bem à frente e avistaram Arturo de perfil, próximo de uma esquina, com as mãos no bolso, altivez e ar imponente.

Antes que meu sorriso terminasse de se abrir, vi uma mão feminina tocar seu tronco, era uma moça ousada, por assim dizer, visto as roupas que usava, e apertei os olhos, tentando desvendar o que acontecia.

— *Andale*, Beatrice! — Alma se aproximou e, temendo que ela fizesse um escândalo com o primo, preferi não me colocar em uma situação constrangedora. Enganchei seu braço com o meu e rapidamente marchei para o carro. — Está mesmo com pressa, *muchacha*. — Ela riu, abertamente.

— *Si*. Uma dor de cabeça instantânea. É melhor voltarmos logo.

Disfarcei meu desconforto e entramos no carro, que para minha sorte, ou infelicidade, passou muito próximo dos dois ao virar a curva no final da rua. Arturo desviou o olhar da garota, que falava sem parar, para fitar o carro, enrugando o cenho, talvez reconhecendo o veículo.

— Pode ir mais rápido, *per favore* — soltei, ao colocar a ponta dos dedos na têmpora.

— Está tão ruim assim?

— Sim.

— Vamos ao hospital.

— Não é preciso. Só tenho que tomar um comprimido e ficar quietinha.

— Tem certeza? Acho melhor ligarmos para Arturo, com certeza...

— *No!* Nada de ligar para Arturo. Somos mulheres independentes, lembra? Podemos lidar com nossas demandas sem falar com seu primo ou irmão. — Cutuquei seu lado impetuoso, o que pareceu funcionar.

— Tem razão. — Ela ajeitou o cabelo escovado. — Todas essas orientações sociais estão me deixando mole. Não precisamos de nenhum *tarugo* para nos ajudar.

Não consegui rir da sua fala, deitei a cabeça no estofado e fechei os olhos, me recusando a chorar por algo que nem sabia do que se tratava.

Ela era da casa de prazeres?

Alguma amante que ele mantinha?

Mas por que ele se encontrava com ela à vista de todos?

A dor de cabeça fingida se tornou verdade em pouco tempo e, quando chegamos ao casarão, fui direto para o quarto. Infelizmente, minha porta não tinha tranca, o que me fazia pensar no quanto Arturo me impedia de ter privacidade, enquanto a dele era escrachada para o mundo.

Minha chateação se tornou raiva e a noite promissora que poderíamos ter se caminhava para uma derrocada certeira de fingimento e frustração.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 19

Este era o segundo copo que eu servia a mim e a Santiago, que sorria demais na minha direção, julgando a inquietação que eu demonstrava como um nervosismo amador por sair para jantar com a minha futura esposa.

— Acalme-se, *carnal*. Ela não vai fugir do compromisso — Santiago provocou. — Deveria estar tranquilo depois do acerto de hoje.

— Você com certeza está. Extravasou todas as suas frustrações naqueles homens.

— *Rateros*. Traidores. Não merecem qualquer consideração.

— Ainda tinha esperança de algum deles entregar quem estava por trás disso. Precisamos do interceptador

das mercadorias desviadas.

— Não pode dizer que não me emprenhei, *carnal*. Mas aquele *ratero* não abriu a boca. Morreu sangrando feito um porco, sem soltar uma palavra que fosse.

— Buscaremos de outra forma. Entre em contato com nossos informantes de San Diego, preciso de atualizações sobre os negócios.

— Com Romeu desaparecido, você deveria ir até lá com Beatrice e tomar a frente. — Ele soltou um riso debochado, antes de sorver sua bebida.

Quando permaneci, por tempo demais, o encarando e ponderando as possibilidades, Santiago ficou mais branco que o normal, endireitou o corpo e se levantou, seu olhar naquele momento denunciava surpresa.

— Isso significaria uma guerra, *carnal*. — Sua voz era baixa e notoriamente preocupada.

— Eu sei, mas não consigo parar de pensar que tudo que vem acontecendo está nos empurrando para isso.

— Como?

— O juramento de sangue feito. Sabemos que ele existe, mas nunca soubemos o motivo que levou meu *padre* e Leonardo a firmarem essa aliança, que obviamente, desagradaria a *famiglia* italiana. O massacre aos Salvatierra aconteceu no mesmo ano que Beatrice nasceu.

— *Si*, é verdade. Foram meses depois.

— Acho que eu era o alvo. Sempre achei isso. Se quisessem acabar com o comando do cartel, Santiago, não precisavam invadir o Rancho, que era fortemente protegido. Meu padre e o seu sempre estavam nas ruas, à frente dos negócios.

— Faz sentido. Mas como ligar isso tudo ao que aconteceu agora? Leonardo sofreu um infarto, não há nada que incrimine ninguém. Além do mais, teoricamente, ainda falta um ano para Beatrice se unir a você.

— Conveniência. Ninguém ligaria a morte dele ao fato de se aproximar a hora de entregar a *chica* a mim.

— *Scuzi.* — Girei no lugar e perdi completamente a fala.

Beatrice estava parada na entrada da sala social, usava um vestido de renda preto, ajustado em suas curvas miúdas, que deixava o colo mais exposto. Seus cabelos, presos para cima, tornavam seu pescoço mais alongado e muito convidativo para meus lábios.

— *Buenas, muñeca*.

— Beatrice, que *hermosa*. Está belíssima. — Santiago foi até ela, pegando sua mão e beijando o dorso. — Irei me retirar e deixar os pombinhos à vontade. — Ele olhou para mim, piscando um olho.

Tive vontade de mostrar o dedo do meio para o *tarugo*, mas estava focado demais na elegância da minha futura noiva e em uma forma de disfarçar a ereção que crescia dentro das minhas calças.

— Quer uma bebida? — ofereci.

— Não. *Grazi*. — Ela continuou parada, as mãos à frente do corpo, segurando uma pequena bolsa.

Apesar de estar deslumbrante, exibindo um refinamento que nunca presenciei em ninguém e a postura de uma mulher firme, havia algo em seu olhar, um incômodo, como se estivesse incerta de como agir.

— O que te atormenta?

— A mim? — Ela espalmou uma mão sobre o peito, surpresa. — Nada, *signore* Salvatierra. Estou curiosa para saber aonde iremos.

— Vai gostar do lugar. — Deixei o copo sobre o aparador e estendi a mão em sua direção. — *Andale*. Vamos aproveitar a noite.

Seus olhos ainda estavam incomodados, mas a curiosidade falou mais alto e a fez vir até mim, o que era um bom sinal, já que eu cheguei a cogitar a hipótese de arrastá-la comigo.

Beatrice se aproximou, mas manteve uma distância segura para não aceitar meu contato. Era um limite, eu sabia disso, ela estava deixando claro que me acompanharia, mas não tínhamos intimidade para toques.

Ela estava jogando sua mão e eu apostaria tudo. Nunca começava nada em que houvesse possibilidade de perder. No final da noite, nós teríamos mais intimidade do que cultivávamos até aquele momento.

Escolhi o conversível, seguiríamos com dois carros de segurança. Eu não poderia vacilar com o bem-estar de Beatrice, nada havia mudado quanto à sua condição na *famiglia* de San Diego.

Beatrice se portava como uma mulher recatada e discreta. Eu sentia entre nós a barreira que ela havia erguido e desconfiava do motivo para tal comportamento, mas preferia instigá-la a falar, seria interessante viver algo novo.

— Está muito bela, Beatrice.

— *Grazi*.

— Espero que Alma não esteja te cansando muito com as aulas de contato.

— O esforço valerá a pena no final.

— É sempre bom saber se defender.

— Concordo. Nunca se sabe quando precisarei usar uma das técnicas.

— Espero que nunca precise. — Encarei seu perfil, que mantinha os olhos na janela. — Ei, *muñeca*, não é educado ignorar seu acompanhante.

— *Scuzi*, nunca tive chance de um outro encontro para aprender. Infelizmente, na escola da vida que você fez, eu fui impedida de entrar.

— Não posso dizer que lamento por isso.

— Machista — ela soltou baixo, porém ainda bem raivosa.

— Diga o que quiser, Beatrice, mas pensar que eu serei o primeiro, em tudo que se relaciona à sua vida amorosa, me deixa satisfeito. No mínimo.

— Fico feliz que minha limitação social o agrade. Uma pena não ser recíproco o contentamento, já que você pode agir, se relacionar, conviver e fazer *Dio* sabe o quê com quem quiser.

— O que está dizendo?

— Acha mesmo conveniente fingir que não sabe que eu sei? — Seu tom aumentou, finalmente ela estava deixando a máscara engessada de boa moça e estava permitindo que suas emoções fluíssem.

— O que exatamente você acha que sabe? — Ergui as sobrancelhas e a encarei de relance.

— Eu te vi. Hoje. De tarde. Estava acompanhado de uma... moça. — Ela tornou a olhar para a janela.

— E o que pensa que estava acontecendo ali?

— Como eu vou saber? — Ela bateu as mãos no colo e eu precisei segurar o riso. — Quando a vi tocar seu terno, me virei e arrastei Alma para o carro, com medo de que um escândalo se formasse. Seria no mínimo humilhante para mim.

Respirei fundo, fui informado da presença de Alma e Beatrice nas boutiques, pretendia fazer uma surpresa à minha futura noiva, indo ao seu encontro, mas acabei abordado pela *chica* de Gutierrez, que deveria estar bem longe, em Culiácan.

Eu havia arrumado aquela dor de cabeça, sabia disso, interferir daquela forma nos negócios do cafetão deu brecha para a garota pensar que era especial, que eu agia movido por algum interesse.

Esperava que, depois da nossa conversa objetiva, ela tivesse entendido que seu lugar não era em Tijuana, e que eu não me responsabilizaria por sua segurança ali.

— Ela foi um problema que já resolvi, Beatrice. Não tem com o que se preocupar. — Uma bufada grosseira saiu dos seus lábios e eu levei a mão até sua coxa, dando um aperto. — Estou falando a verdade, *chica*. Se existe algo que pode aprender sobre mim é que não sou um traidor. Quando te trouxe para Tijuana, assumi meus votos perante o acordo e a você. Não irei ridicularizá-la dessa forma. — Olhei na sua direção e vi sua cabeça girar para mim, com cautela e desconfiança. — Precisa confiar em mim, *muñeca*. Só assim teremos uma relação saudável.

— Confiar leva tempo, *signore* Salvatierra. Nem nos conhecemos o suficiente para isso.

— Que tal começarmos a mudar essa situação? Fale de você, quem foi Beatrice Fabbri?

— Não há nada empolgante para dizer.

— Impossível. Conte uma pequena aventura, um segredo sujo, qualquer coisa constrangedora.

— Bem. Uma vez enfiei um amendoim no nariz, passei dois dias no hospital, com meu pai muito bravo. Nunca mais fiz nada que o deixasse preocupado.

— *Buenos*, já é alguma coisa. — Tentei não rir e ela bateu sua palma sobre meu dorso, que descansava preguiçoso ainda na sua perna. — Já quebrei a perna ao saltar do cavalo em movimento.

— Como isso aconteceu?

— Santiago e eu tínhamos sempre as piores ideias e, como bons *morrillos*, executávamos os feitos sem pensar nas consequências. Uma vez competimos sobre quem era o melhor saltador, usamos os cavalos mais velozes do Haras para aumentar a dificuldade. Caí de mau jeito, trinquei o osso e fiquei um bom tempo impedido de sair da cama.

— Deve ser bom crescer com alguém. Eu sempre fui sozinha, apesar de Romeu estar presente, ele era menino e bem mais velho.

— Isso não impediu Alma, mas acho que já percebeu. — Ambos rimos da verdade nestas palavras. — Somos irmãos, Beatrice, mesmo que não sejamos filhos da mesma pessoa.

— Alma disse que você e Santiago foram como pais para ela. O que aconteceu?

— Uma tragédia há dezenove anos. — Ela me encarou interessada. — O Rancho foi invadido, mataram todos que estavam nele. Santiago e eu estávamos fora, com meu *padre*, e Alma havia acabado de nascer, tinha ficado uma semana no hospital em observação. Sua *madre* havia sido liberada aquela noite para ir para casa.

— *Dios*... Quem fez isso? — Olhei para ela com pesar, sabendo bem o quanto a teoria mexeria com seus sentimentos.

— Você tinha nascido havia pouco tempo. Meu pai já tinha me chamado e avisado que o enlace aconteceria quando você atingisse vinte e um anos.

— Acha que...

— Sim. Eu acho que tentaram acabar com os Salvatierra para impedir que o acordo acontecesse.

Beatrice baixou a cabeça. Eu sabia que a culpa, assim como acontecia comigo, atingiria seu coração de alguma forma. Nós éramos o destino e a tragédia, unidos pela vontade de nossos pais, que não pensaram no fardo que nos acercaria.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 20

A primeira lágrima caiu sem que eu conseguisse impedir. Não pretendia demonstrar tanta fragilidade, mas a parcela de culpa, que eu nem sabia se me cabia, havia começado a fazer meu coração se apertar fortemente.

Senti meu corpo balançar para o lado e encarei a estrada, estávamos parando no acostamento. Quando virei em direção a Arturo, para perguntar o que estava acontecendo, eu o vi desligar o motor, desprender o seu cinto e logo depois fazer o mesmo com o meu.

— Venha aqui, Beatrice. — Ele me puxou, fazendo meu corpo passar por cima do que nos separava, me colocando sentada sobre seu quadril. — Não quero que chore por isso. — Suas mãos seguraram meu rosto.

— Não consigo... eu... — Minha garganta travou, tomada pelas emoções conflitantes.

— *Cariño*... — Mirei os olhos de Arturo, que estavam angustiados.

Ele me puxou mais para si, suas mãos contornaram o meu corpo e eu acabei encaixando minha cabeça entre seu pescoço e tronco, sucumbindo ao choro.

Havia momentos em que eu me permitia chorar por tudo o que estava acontecendo, e as revelações de Arturo acabaram me jogando para esse mar de emoções que eram recentes e difíceis demais de lidar.

Sua mão nas minhas costas me acariciava com delicadeza, enquanto a outra estava em minha lombar, baixa o suficiente para que eu sentisse um formigamento já conhecido.

Ergui o queixo, inspirei seu cheiro forte e amadeirado. Arturo tinha um aroma afrodisíaco, que me deixava rendida sem qualquer esforço da sua parte.

Projetei os lábios para frente, tocando o pedaço de pele livre da barba. Sentia seus batimentos acelerarem, iguais aos meus, e essa foi a motivação que aceitei para continuar minhas investidas discretas.

Tornei a beijá-lo, daquela vez demoradamente, sentindo o aperto de Arturo se intensificar. Continuei a mover meus lábios como fiz quando nos beijamos, e sua mão, que apertava minha lombar, desceu para meu traseiro.

Arrisquei um pouco mais da ousadia, resolvi usar a língua, lambendo sua pele para em seguida sugar devagar e soltar, tornei a repetir o feito, aumentando a intensidade e, quando um gemido escapou dos lábios de Arturo, eu recuei, com medo.

— Fiz algo de errado? — Encarei os olhos nublados do meu futuro noivo.

— Não, *muñeca*. Você está fazendo tudo certo. — Seus lábios avançaram sobre os meus.

Senti minha cabeça encostar contra a janela, esmagada pela intensidade do arroubo de Arturo, que tomou o comando para si e me fez esquecer os motivos pelos quais estava chorando há pouco.

Sua boca tinha um sabor libertador e envolvente. Parecia que todo meu corpo e mente entravam em órbita. Sob o comando das suas habilidades, eu era uma feliz marionete que desfrutava dos momentos intensos que me eram oferecidos.

Seu quadril cavou no meu traseiro, senti algo duro me cutucar e minha respiração ficou suspensa. Assustei-me com o rumo que as coisas poderiam tomar dentro de um carro, vigiado por outros dois, no acostamento de uma estrada deserta.

— Você me enlouquece, *muñeca*... — ele soltou ao interromper o beijo.

— Posso dizer o mesmo para você.

— Não tem ideia do que me causa cada vez que estamos assim.

— O que acontece, *signore* Salvatierra? — Em resposta, ele tornou a pressionar o quadril em meu traseiro, deixando clara sua excitação.

— Tenho vontade de rasgar todas as suas roupas bem aqui, diante dos meus homens, no meio de uma estrada, só para mostrar que você me pertence e que seu prazer é meu. Apesar de ter certeza de que meteria uma bala na

cabeça de cada um desses *tarugos*, por terem vislumbrado você nua e gozando.

Eu deveria estar chocada e assustada, para se dizer o mínimo. Nunca, nenhum homem, falou comigo dessa forma, com o toque de crueldade que era normal em seu mundo.

Nosso mundo.

Sentia a umidade crescer em minha calcinha, um latejar discreto se tornando quase um tormento, implorando por qualquer atrito que aliviasse sua tensão.

— Uma declaração bastante ousada.

— Sincero. Sempre sou sincero, *muñeca*. — Ele tornou a ajeitar o quadril, esfregando sua dureza em mim. — Acho melhor você sair de cima de mim antes que eu resolva colocar meus pensamentos em ação.

— Não precisamos desperdiçar vidas, não é mesmo? — rebati, irônica, e ganhei um tapa estalado no traseiro.

— Não me provoque, Beatrice.

Fugi do olhar desafiador que Arturo me direcionou, retornei para o meu assento e, pela visão periférica, eu o vi ajeitar a braguilha, sem qualquer cerimônia, dando partida no carro em seguida.

Estávamos em um restaurante requintado de Tijuana. A área em que jantávamos estava vazia, cercada por alguns homens que faziam a guarda. Eu desconfiava de que o isolamento fazia parte do protocolo de segurança de Arturo.

— Não acredito que você atirou no seu próprio primo de propósito. — Soltei os talheres e peguei o guardanapo, levando-o até a boca. — *Dio*, vou morrer de tanto rir. — Limpei o canto dos olhos.

— Ele duvidou. — Arturo deu de ombros. — Mas isso faz parte de um passado bem distante. Depois que assumi o cartel, tudo mudou.

— Eu tinha dez anos quando isso aconteceu. — Arturo me encarou, atento. — Meu *papà* me chamou em seu escritório para avisar sobre a recente responsabilidade assumida por você e que, em algum momento, nós dois nos uniríamos.

— Seu pai foi um bom parceiro por todos esses anos, apesar de eu nunca permitir que ele se aproximasse demais.

— Leonardo Fabbri tinha um bom coração, se preocupava com todos a sua volta. — Desviei o olhar, sentindo as lágrimas se acumularem na linha d'água dos olhos.

— Ei, *muñeca*. — A mão de Arturo alcançou a minha, deixando um leve acariciar. — Eu vou pegar o culpado.

— E se não houver um?

— Eu sei que tem, Beatrice. Ainda não tenho provas, mas algo não está certo em tudo isso.

— Conseguiu falar com Romeu?

— Não. Ele simplesmente sumiu.

— O quê? — Senti meu coração se apertar. — Como sumiu? Ele quem deveria estar cuidando dos assuntos de San Diego.

— Faz uma semana que ninguém tem notícias dele. Alguns acham que desertou, outros dizem que foi eliminado.

— *Dio*... — As lágrimas caíram, descontroladas. — Por que não me falou?

— Porque não queria que se preocupasse à toa, *cariño*.

— Não quero ser poupada, Arturo. Preciso saber com o que estamos lidando — falei mais determinada do que esperava.

— Farei isso. Não se preocupe.

Sua mão permaneceu entrelaçada na minha, tomamos vinho, conversamos sobre a diferença gastronômica mexicana e italiana. Era tão fácil ir de assuntos sérios aos banais com Arturo, nos encaixávamos bem.

— *Muñeca*, sente-se aqui. — Arturo puxou uma cadeira na mesa ao lado para próximo dele.

— Por quê? — Senti meu corpo formigar.

— Só faça, Beatrice. Não vai se arrepender.

Levantei-me com delicadeza. Contornei a pequena mesa e me sentei ereta ao seu lado. A cadeira foi arrastada, fazendo eu me assustar e ele rir, seu braço passou sobre mim, me puxando para perto, enquanto a outra mão se infiltrou, por baixo da mesa, entre minhas pernas.

— O que está fazendo? — sussurrei ao virar o rosto para o seu, afetado.

Seus dedos responderam à pergunta retórica. Olhei em volta, nervosa com a visibilidade, mas ninguém parecia interessado em nós. Ou simplesmente estavam nos ignorando por medo de despertar a irritação do chefe do cartel.

Os dedos grandes de Arturo resvalaram na bainha do vestido, próximo ao joelho, então subiram sutilmente até o meio das coxas, puxando mais a perna para abrir espaço.

— Você nunca tinha sido beijada, não é, Beatrice? — Sua pergunta era baixa.

— Não.

— Nem tocada?

— Nunca.

— O que está sentindo com a primeira vez que um homem coloca as mãos no vão entre as suas pernas?

— Calor. — Ele riu, baixo. — E um formigamento incômodo.

— Tesão, *muñeca*. Está sentindo o prazer que se acumula onde você é mais sensível, isso te deixa praticamente implorando para ter seus desejos saciados.

— Sim... — Fechei os olhos quando meus músculos internos se contraíram na tentativa de aplacar o desejo crescente.

A boca de Arturo resvalou na minha e eu me aproximei, convidando-o para um beijo. Sua mão avançou, subindo por meu calor, tocando a renda da calcinha sensual que Alma havia me feito comprar mais cedo.

Eu tinha dúzias de peças íntimas no guarda-roupa, mas Alma dizia que as *muchachas* sempre aconselhavam a usar uma peça especial para um momento como esse.

Acho que elas tinham razão, afinal.

Seus dedos eram sutis, o que parecia piorar a condição em minhas partes baixas. O pulsar era intenso, me fez remexer na cadeira duas vezes, em busca de um contato maior, que me foi negado, com Arturo afastando os dedos da sua tortura e mordendo meu lábio em advertência.

— Calma, *muñeca*. Você vai ter o que quer na hora certa.

— *Dio*... você está me enlouquecendo — soltei, exasperada.

— *Modales*, Beatrice. Você está esquecendo dos *modales*.

Deixei a nuvem luxuriosa para olhar em volta, relembrando que estávamos no meio de um restaurante cinco estrelas, sendo alvos de qualquer curioso.

— Quer sobremesa?

— Não! — respondi mais do que depressa, ao me virar para ele.

Arturo riu, sacana, sabia bem que eu estava desesperada e se divertia à minha custa.

— *Va bene* — ele soltou, pausadamente, na minha língua.

O filho da mãe conseguia ser ainda mais sexy quando falava italiano.

Ele pediu a conta e, quando o garçom se aproximou, resolvi mostrar que dois podiam jogar esse jogo.

Inclinei o corpo na sua direção, minha mão espalmou na sua coxa e deslizou para sua braguilha, sentindo um volume consideravelmente grande e duro na região.

Arturo continuou atento à máquina de cartão, digitou a senha, sem demonstrar qualquer respiração diferente com o que eu fazia.

Talvez eu não tivesse a habilidade de mexer com ele da mesma forma que ele fazia comigo.

Frustrada, movi a mão para longe e rapidamente ele baixou a sua, pegando a minha e pousando-a em cima da

sua excitação. Seus dedos apertaram os meus, que consequentemente apertaram seu membro, fazendo-o pulsar em resposta.

Consegui retirar minha mão, com certa dificuldade e relutância da sua parte. Quando seus olhos voltaram para os meus, depois de o garçom se afastar, eles estavam incendiados.

— Nunca comece algo que não vai dar conta de terminar, *muñeca*.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 21

Descobri que estava adorando observar o semblante assustado de Beatrice, sempre tomado pelo choque gerado pelas minhas palavras ou ações. A *chica* estava se soltando, ainda devagar demais para meu desespero, mas bom o suficiente para tornar nossa pequena brincadeira algo que mexia com meu juízo.

Praticamente arrastei a *muchacha* para o carro, arranquei para a rua e rapidamente alcançamos a estrada que levava ao rancho. O silêncio sepulcral no interior do veículo me deixava ainda mais ansioso, minha mente rodando nas possibilidades para o que eu faria.

Devagar, Salvatierra. Você precisa ir devagar.

Olhei de relance para Beatrice, que mantinha a atenção na estrada, seus pensamentos pareciam estar muito longe, desligados da noite que estávamos desfrutando.

Apesar de ser fortemente expressiva, Beatrice não falava o que rondava na sua mente. Era sua vida que tinha virado do avesso, ela deveria estar revoltada, para dizer o mínimo.

— *¿Qué onda?* — Ela me olhou, confusa. — O que se passa na sua mente, *muñeca*?

— Nada em específico. — Ela entrelaçou os dedos. — Estava pensando onde Romeu poderia estar, ao mesmo tempo que me perguntava quando nossa relação será oficializada.

Engoli com esforço, sabia que precisava providenciar um noivado à altura, mas ainda estava com receio de quem seria obrigado a convidar.

— Com o desaparecimento de seu primo, fica meio difícil, *muñeca*. Ele quem te entregaria a mim. É a tradição.

— Besteira, na minha opinião. Se eu disser sim, é o suficiente.

— E você quer dizer sim para mim, Beatrice Fabbri? — Escorreguei minha mão para sua perna, inquieto para tocar alguma parte sua.

— Uma pergunta retórica, *signore* Salvatierra.

— Nem tanto. Até agora, temos agido de acordo com as nossas obrigações, e eu quero saber qual a sua vontade.

— Se eu disser que meu interesse é em outro, você respeitará?

Apertei sua perna com mais força, não foi intencional, mas ela sentiu e cobriu minha mão com a sua.

— Não se preocupe, Arturo. Eu não tenho olhos para homem algum. — Seu sorriso me tranquilizou, apesar da minha mente repassar todos os *tarugos* que poderiam despertar o mínimo interesse de Beatrice.

Eu era um homem bastante controlador, mas precisava admitir que o lado possessivo estava ganhando força com a chegada dessa italiana em minha vida.

— Os negócios seriam prejudicados, certamente, precisaríamos chegar a um acordo quanto a isso.

— Mesmo? Então não te incomodaria. Bom saber. — Ela estava me provocando deliberadamente.

— Você acabou de dizer que não tem olhos para homem nenhum. Acho que não preciso me preocupar com nada.

— Mas existe a possibilidade... — Ela falou mais baixo e, por sorte, estávamos na entrada do Haras, dirigi até as baias que guardavam os animais. — Onde estamos?

— No Haras. Quero te mostrar uma coisa. — Estacionei na vaga e desci.

Contornei o carro e abri sua porta. Estendi a mão, que logo foi aceita por ela, e entrelacei nossos dedos, de um jeito mais firme do que pretendia. Mantive Beatrice bem próxima enquanto caminhávamos para dentro do estábulo.

— São muitos... — ela soltou, impressionada ao ver o tamanho do espaço.

— *Si*. Além dos meus, também guardamos e treinamos os animais dos associados.

Desvencilhei-me do nosso contato e deixei que ela caminhasse no ambiente. Suas palavras martelando na minha mente, eram uma provocação boba, eu sabia disso, mas já tinha alertado a *muchacha* que eu não era um homem para se brincar.

Principalmente com a ameaça de perder algo que me pertencia desde os meus dezesseis anos. Eu ainda não havia pensado na minha prometida com tanta atenção, tinha seguido a vida normalmente, ciente de que não poderia me relacionar com ninguém, devido ao compromisso que tínhamos.

Sempre tive em mente que Beatrice seria minha um dia e isso me manteve tranquilo, até que Leonardo morreu e a ameaça de perder o acordo me fez ir em busca dela. Tudo em nome do voto de sangue, só que, naquele momento, ao vê-la caminhar pelo corredor das baias, eu sentia como se aquela cena fosse minha normalidade.

Ela aqui, junto de mim, desfrutando de tudo o que os Salvatierras construíram, pertencente ao nosso compromisso, a mim, e feliz com esse arranjo.

Caminhei em sua direção, puxado por um magnetismo poderoso que me fazia orbitar cada vez mais em torno dela. Encarei seu traseiro marcado pelo vestido, meu pau tornou a fisgar e eu já havia perdido as contas de quantas vezes aquilo tinha acontecido na noite.

Beatrice parou quase na última baia, no fundo. Ventania estava desperto e, quando me viu, se agitou dentro do cercado, reconhecendo seu dono.

— Ei, companheiro. Como vai? — Aproximei-me da porta, peguei um punhado de ração e ofereci a ele. — Gosta disso, *hã*? — Acariciei seu focinho.

— Quem é? — Beatrice se mantinha um passo afastada, era nítido seu medo.

— Venha. Deixe ele te sentir.

— *Grazie*. Estou muito bem aqui.

— Não seja covarde, *muñeca*.

— Não sou covarde — ela soltou, entredentes. — Sou precavida.

— Dá na mesma.

Dei um passo em sua direção e puxei seu braço para perto de mim, seu corpo se chocou ao meu. Eu a virei de frente para a baia e encostei suas costas na minha frente.

Mantive os braços por cima dos seus ombros, assim não havia a menor possibilidade de ela fugir, além de a posição facilitar que eu esfregasse minha ereção no seu traseiro.

— Oh... — emitiu quando eu baixei a boca em seu pescoço livre e beijei.

— Permita que ele te conheça, *muñeca*. — Avancei um passo, forçando Beatrice a se mexer.

Peguei sua palma e a virei para cima, em seguida enchi minha mão com ração e despejei na sua. Beatrice tentou recuar, mas eu segurei seu punho e o projetei à frente. Ventania se animou, seu focinho se adiantou e a boca buscou por alimento.

— Isso. Fique parada. Deixe que ele venha até você.

— Mas e se ele me morder?

— Ventania é um animal veloz, mas educado. Não se preocupe. — Seu corpo estava tenso e ela, encolhida.

Espalmei a mão livre sobre o seu ventre, trazendo seu corpo para ainda mais perto do meu. Aos poucos, senti que ela relaxava, sua mão permanecia aberta e eu escorreguei a minha para baixo, na direção da sua anca.

— O que está fazendo? — Sua voz estava afetada.

— Humm... — resmunguei ao cobrir seu pescoço com beijos molhados.

Sua cabeça tombou mais para o lado. Ela estava gostando, permitindo que eu continuasse criando nosso enredo pecaminoso. Envolvi seu seio em minha palma, ela não usava sutiã, o que me permitia sentir sua carne com mais facilidade através do tecido.

A outra mão cravou em sua perna, dando um apertão forte que a fez recuar o quadril para trás, atingindo diretamente meu pau.

— Isso... — soltei no intervalo de um chupão.

A maciez da sua pele somada ao seu sabor era enlouquecedora. Eu estava descendo uma ladeira que me faria perder o freio muito rapidamente, enquanto Beatrice gemia baixo feito uma gatinha manhosa.

Tirei a mão do seu seio e segurei seu maxilar, virando sua cabeça para o meu lado e abocanhando seus lábios em um beijo intenso, que consumiu todo o resquício de razão que ela cultivava.

Seu corpo girou, suas mãos vieram para minha nuca conforme nossas línguas duelavam, experimentando todas as sensações pecaminosas que nos acercavam.

Empurrei seu corpo com o meu, até batermos contra a porta de madeira, ouvi o bufar do Ventania, que devia ter se afastado com o barulho que fizemos.

Ignorei tudo a minha volta, ergui os braços de Beatrice acima da sua cabeça e os segurei com uma das mãos, com a outra, desci o caminho por seu corpo, adentrei a bainha do vestido e escorreguei os dedos, ansiosos, até a renda da sua calcinha.

Estava molhada. Muito. Molhada.

— Ah, *cariño*... Por que tenta meu juízo? — resmunguei ao interromper os beijos e fitar seu semblante desejoso.

— O que eu fiz? — ela soltou em um fôlego.

Os peitos subindo e descendo, a boca inchada e marcada, aproveitei para esfregar meu dedo em sua fenda, encontrando o ponto de prazer que a fez se arquear e gemer alto.

Era a porra da coisa mais perfeita do mundo ver essa *chica* sucumbir ao desejo. Esta era a primeira vez que ela gozaria pelo toque de outro, e meu peito praticamente rugia por saber que eu seria o primeiro a fazê-la chegar ao êxtase.

— Arturo... — ela gemeu ao fechar os olhos.

Estava perto.

Busquei sua boca para outro beijo, meus dedos trabalhavam por cima do tecido da sua calcinha, eu temia remover essa barreira entre nossas carnes e acabar me perdendo de vez.

Enfiei uma perna no vão das suas, pressionei ainda mais meu corpo contra o seu e roubei todo o seu fôlego para mim, me tornando completamente entorpecido pelo seu orgasmo, que chegou rápido demais para saciar minha vontade.

Ela estremeceu, seus gemidos foram abafados pela minha língua afoita e meus dedos ficaram deliciosamente mais molhados.

Quando finalmente me afastei, Beatrice precisou se segurar em meus braços para não cair, já que suas pernas ainda estavam trêmulas.

— E agora? — ela soltou, com muito fogo latejando em sua íris.

— Agora você vai dormir.

— O quê?

Afastei-me quando percebi que ela conseguiria se sustentar. Levantei minha mão e chupei todos os dedos, encarando sua expressão horrorizada.

— Em breve, *muñeca*, beberei direto da fonte.



Capítulo 22

Acordei atrasada, pois não escutei o despertador. Minha noite com Arturo havia me consumido por completo e eu demorei tempo demais para dormir, depois de ele me beijar ardentemente na porta dos meus aposentos.

Arturo era o cavalheiro transgressor, que gostava de puxar algumas cordas, em alguns momentos me chocando, para em outros reassumir seu lado cordato e educado.

Era frustrante, mas também me instigava, me deixava sempre almejando a próxima vez.

Passei tempo demais tentando cobrir com maquiagem a marca que aquele *stronzo* havia deixado no meu pescoço. Eu era inocente, mas não uma boba, entendia bem seu recado: ele era um homem possessivo.

Acabei brincando com fogo e saí queimada.

Eu tinha certeza de que falar sobre me interessar por outro despertaria o lado controlador de Arturo, mas achei que no máximo ele me daria uma resposta atravessada, e não uma ida quente ao estábulo, com direito a um orgasmo incrível e marcas no pescoço.

Devia haver um sério problema comigo, mas eu gostava de vislumbrar aquela mancha arroxeada, de me ver marcada como uma posse do Salvatierra.

Deveria marcar um S em brasa no seu traseiro.

Saí correndo para não perder ainda mais aulas do período. Acabei nem procurando por Alma, que provavelmente já tinha ido e ouviria um bom sermão meu sobre não me chamar mais cedo.

Desci do carro e estranhei o fato de a faculdade estar tão vazia. O fluxo de pessoas era pequeno, então fui direto para a torre em que aconteceria minha aula. Conforme eu andava, menor era o movimento de alunos, até eu estar completamente sozinha.

Senti um arrepio perpassar minha espinha, olhei sobre o ombro e notei que os seguranças seguiam a uma distância segura, por isso balancei a cabeça e relaxei, não havia perigo aqui.

Entrei no acesso ao prédio. Quando passei pelo primeiro corredor, senti um aperto em meu antebraço e, com um solavanco, fui puxada para dentro de uma sala.

Antes que eu pudesse gritar, minha boca foi tapada por uma mão grande. Vi algumas pessoas com tocas pretas que cobriam o rosto, deixando somente os olhos e a boca à mostra.

— O que faz aqui, *chica*? — Um deles veio do outro lado da sala. — Os alunos foram avisados sobre a paralização.

Minha mente rapidamente voltou para o dia anterior, quando Alma me falou sobre eu não ter celular e não saber dos acontecimentos a nossa volta. Ela havia me avisado da paralização, mas, com tudo o que aconteceu, eu tinha me esquecido.

— Pode destampar a boca dela.

— Eu esqueci.

— Agora você está com a gente. — Dei uma cotovelada no grandão que me segurava. — Ai, *zorra!*

— Não coloque suas mãos em mim. Entendeu? — Girei na direção do rapaz que estava curvado. — O que é

tudo isso, afinal? — Voltei a atenção para o que falou comigo pela primeira vez.

— Vamos atacar o prédio administrativo.

— Isso pode dar expulsão.

— Não podemos aceitar a situação que corre às vistas de todos. É um crime.

— Acho que está exagerando.

— Você não tem que achar nada, nem é mexicana. — Abri a boca ao semicerrar o olhar na direção de uma garota que se intrometeu na conversa.

— Em breve, serei esposa de Arturo Salvatierra. Acho que isso muda as coisas. — Cruzei os braços, usando toda a presunção que Romeu certa vez me ensinou a exercer.

— Ele é um *tarugo*. Poderia, como benfeitor, resolver toda essa situação em um piscar de olhos.

— Alma não serve para nada. Já falamos com ela e não levou o caso ao irmão e primo — a *ragazza* tornou a resmungar e isso me irritou.

— Não diga isso. Tenho certeza de que Alma tem um bom motivo para não ter agido como esperavam.

— Com certeza. Os Salvatierra têm o rabo preso com os políticos, e precisam fazer algumas concessões, não é? — Abri a boca para responder, mas outro rapaz assoviou e todos se abaixaram, incluindo eu.

— Tem movimentação do lado da coordenação. É hora de atacar. Cinco minutos. — Ele saltou da mesa que usava como apoio para olhar pelas janelas.

— O que vão fazer?

— Nós vamos jogar...

— Não fale para ela, *tarugo!* Vai nos entregar.

— Eu não sou uma delatora. — Apontei o dedo para a *ragazza* provocadora.

Ela estava conseguindo me deixar bastante irritada.

— Ela vem junto. Se alguém a pegar, estaremos todos perdidos.

— *Va bene* — concordei, dando de ombros. — O que faremos?

— Vamos colocar essas duas bombas caseiras na administração, quando não tiver ninguém lá dentro.

— Vão explodir o prédio? — Arregalei os olhos, preocupada.

— Isso não causará danos estruturais.

— Poderiam ter atacado os fornecedores que entregam os insumos — soltei, a título de curiosidade.

— Seria muito aberto e arriscado.

— Pelo menos seria um recado mais certeiro.

— Você não foi convidada a palpitar — a mesma *ragazza* chata atravessou o assunto.

Torci os lábios e não respondi, o que parecia ser o líder deles foi até a porta, abriu uma pequena fresta e vislumbrou o corredor. Logo ele acenou para cima, sinalizando o número três com os dedos, enquanto outro rapaz se aproximou com uma sacola preta.

— O que é isso?

— Gás. — Um deles explicou e eu enruguei o cenho.

— É bom ter fôlego, *muchacha* — a provocadora falou antes de todos se moverem para a saída, me empurrando no meio do pelotão.

Tentei me afastar para o acesso externo do prédio, mas fui puxada pelo líder, que orientou a todos andarem curvados. Sua palma subiu fechada, o grupo estacou, então ele pegou as latas com gazes e foi até a porta, depois do corredor.

Ouvimos o burburinho e a fumaça quando ele se escondeu atrás da parede conosco, as poucas pessoas que ainda estavam no lugar saíram correndo desesperadas à procura da saída.

Ele tornou a me puxar pela mão, parecia determinado a me fazer participar de tudo, até que entendi seu plano. Todos eles colocaram máscaras protetoras, eu era a única inalando aquela fumaça que me deixou zonza.

Perdi os sentidos antes mesmo de adentrar a porta e rezei para que eles não me deixassem próximo das bombas que explodiriam todo o setor.

Arturo...



Ouvi o barulho curto de uma sinalização e meus olhos se abriram. Uma forte luz cegou minha visão, me fazendo

levar o braço até os olhos, protegendo-me da claridade.

— *Por Dio*...

— Beatrice, *muñeca*. Como você está? — Ouvir a voz de Arturo foi o calmante certeiro para que eu me sentisse segura e protegida.

Abri os olhos com certa dificuldade, um latejar batia contra as minhas têmporas e eu não consegui ficar mais de cinco segundos com os olhos abertos, vislumbrando somente seu rosto aflito.

— O que houve? Onde estou?

— Por que não abre os olhos? Vou chamar o médico! — Arturo se atropelou nas palavras e ouvi uma porta bater. — *Andale!* Ela está acordada! — Senti meu coração disparar com o tom de comando e raiva que meu futuro noivo usava.

— Já vamos verificar sua noiva, *señor* Salvatierra. — A voz feminina parecia assustada.

— Arturo, eu estou bem. Pare de apavorar as pessoas. — Senti a necessidade de intervir.

O homem agia feito um trem de carga, prestes a colidir com qualquer um para atingir seu objetivo.

— Por que ela não abre os olhos?

— Por sensibilidade. Ela ficou algum tempo exposta ao gás.

— E o que se precisa fazer para resolver isso?

— Esperar.

— Minha cabeça também dói.

— É natural. É um efeito colateral do gás.

— Acho melhor fazer uma ressonância — Arturo interveio.

— Outra? — O tom irônico da médica me fez torcer os lábios para não rir.

— Não gosto do seu tom, doutora.

— E eu já disse que estou fazendo meu trabalho, *señor*.

— Estou com sede — anunciei para interromper a discussão.

— Vou buscar. — Ele se prontificou e, quando ouvi o baque da porta, exalei o ar com calma.

— *Scuzi*, doutora. Ele não lida bem com emoções.

— Achei que seu noivo fecharia o hospital para te atender, *señorita*. — Apesar de ser absurdo o comentário, acabei sorrindo, certa de que Arturo faria exatamente isso. — Pelo visto, não te surpreende. Deixe-me examinar seus olhos, vou baixar a luz do ambiente, não se preocupe.

A médica conseguiu analisar meus olhos, verificou meus sinais, fez anotações na prancheta e se deu por satisfeita quando Arturo entrou pela porta, agindo como o dono do lugar.

A penumbra não me permitia ver seu semblante por completo, mas pela forma como serviu a água no copo, rapidamente me entregando e acariciando meu braço, eu sabia que sua preocupação era genuína.

— Vou deixar vocês a sós. Se precisar, é só chamar a enfermeira.

— *Grazie*.

— Como está se sentindo? — Apoiei a cabeça no travesseiro depois de sorver alguns goles de água.

— Com a vista sensível e dor de cabeça. Só.

— Você vai ficar bem, *muñeca*, não tem com o que se preocupar.

— E não estou preocupada. — Sorri fracamente ao segurar sua mão e arrastar meu corpo para o lado. — Sente-se aqui.

— Pode te machucar.

— Besteira, Arturo. Tem espaço suficiente para o seu traseiro nessa cama.

— Mesmo? — Ele ergueu as sobrancelhas, provocador, mas fez como pedi.

— Como vim parar aqui?

— Qual a última coisa que de se lembra?

— Pare de ignorar minhas perguntas — esbravejei. — Quem me encontrou na faculdade?

— Os bombeiros. Uma bomba explodiu na administração, você foi encontrada próximo da porta, desmaiada.

— Eu apaguei completamente devido ao gás.

— Beatrice, por que se envolveu com os grupos anarquistas? Isso tem muito mais a cara da Alma do que a sua.

— Eu? Não me envolvi em nada.

— Todos foram avisados sobre o protesto, *muñeca*. Você estava no local do crime com uma lata na mão.

— Uma o quê? — soltei alto demais e minha cabeça latejou, me fazendo protestar.

— Pare de se esforçar. Você precisa descansar.

— Não. Quero que me diga. O que está acontecendo?

— Você está sendo acusada de atentar contra a universidade e está suspensa até que as investigações terminem.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 23

Quando recebi a ligação dos seguranças que acompanhavam Beatrice, senti o ar faltar em meus pulmões, saí desesperado do Haras, indo direto para o hospital, onde eu ameacei cada ser andante para que priorizasse a saúde da minha futura noiva, do contrário, todos arcariam com as consequências.

Santiago tomou para si a responsabilidade de descobrir o que havia acontecido e encontrar os culpados para que minha *muñeca* estivesse no chão de um dos prédios administrativos, desmaiada.

— *Buenas, señor* Salvatierra. — Olhei por sobre o ombro e fiz uma careta ao ver o investigador de polícia

Ignacio, um dos únicos que não estava na folha de pagamento do cartel.

— *Buenas*. Em que posso ser útil, policial?

— Preciso colher o depoimento da *señorita* Fabbri.

— De jeito nenhum. Ela acabou de acordar e ainda não está recuperada.

— O *señor* não decide quando o trabalho da polícia é executado.

— Tem certeza? — Tombei a cabeça de lado, girando o corpo completamente de frente para ele. — Acho que um telefonema para seu capitão e tudo será resolvido.

— O caso tomou proporção nacional, *señor*. Sua folha de pagamento não chega a toda a escala hierárquica mexicana.

Estalei os lábios, inquieto, minhas mãos fechadas em punho denunciavam o meu desejo de socar a cara desse infeliz, mas eu não precisava de mais exposição negativa para o caso, nem para Beatrice.

Ela havia ficado muito nervosa por ser responsabilizada pelo crime, do qual fora coagida a participar.

Relembrar seu relato só fazia o sangue em minhas veias ferver ainda mais. Havia dado vinte e quatro horas para Santiago e todo o maldito cartel encontrarem os responsáveis pelo ataque.

Eu teria o prazer de assumir o papel de carniceiro e esfolar um a um, até que eles tivessem perdido todo o sangue do corpo através das feridas e assumissem a culpa que lhes cabia.

— Ela está indisposta. Volte amanhã, quem sabe consiga seu depoimento.

— Claro. Darei esse tempo para a *muchacha*. Soube que é sua futura esposa, filha de Leonardo Fabbri.

— Sim.

— Como estrangeira, o risco de ser deportada por um ato assim é grande. — Ele bateu a caderneta na palma da mão enquanto se virava para sair dali.

Mirei sua figura caminhar calma e tranquila, a ameaça implícita pairava como uma marreta potente sobre minha cabeça.

Se Beatrice fosse deportada, ela estaria nas mãos da máfia de San Diego e eu não conseguiria protegê-la da mesma forma.

Tirei o celular do bolso e disquei o número de Alma, que atendeu no primeiro toque. Havia proibido sua presença no hospital, depois do massacre à nossa família, nunca permanecíamos em lugares públicos juntos. Era uma questão de segurança.

— Como ela está? — Foi a primeira coisa que minha prima soltou assim que atendeu.

— Bem. Acredito que em breve sairá do hospital. Preciso de um favor seu, Alma, tem que ser feito com discrição e empenho.

— Qualquer coisa.

Passei para Alma a minha ideia, que a fez gritar escandalosamente antes de se acalmar e escutar todas as minhas orientações. Precisava da sua agilidade para que terminasse tudo até o dia em que Beatrice tivesse alta.

Encerrei a chamada e retornei para minha noiva, que havia pedido que eu me retirasse do quarto para que ela tomasse banho. Quase revelei que já havia visto seu corpo nu chegando ao orgasmo em uma banheira, mas isso provavelmente a chocaria e mostraria o quanto sou um pervertido.

Dei duas batidas suaves na porta, entrei e vislumbrei Beatrice ajeitando os cabelos úmidos, sentada na cama, com as pernas penduradas para fora enquanto ela as balançava para frente e para trás.

— Quando eu poderei sair daqui? — Este era um questionamento recorrente desde que ela abriu os olhos.

— Quando você estiver bem.

— Eu me sinto ótima, Arturo. Isso tudo é um exagero seu. E um pecado. Segurar a vaga de outro enfermo.

— Pouco estou me importando com qualquer outro, Beatrice. Você só sai daqui depois que estiver completamente curada.

— Minha dor de cabeça diminuiu.

— Mas a sensibilidade nos olhos, não. — Olhei em volta, as luzes ainda permaneciam baixas.

Parei diante do seu corpo, conseguia vislumbrar parte do seu perfil. Ela estava inquieta, eu sabia disso, e quando tirei do cós, na parte de trás da calça, um aparelho pequeno que nunca saía das suas mãos, ela gritou e bateu as palmas.

— Não acredito! — soltou, ao pegar o objeto. — *Grazie*. Agora poderei me distrair, pelo menos. — Ela abriu o aparelho, conferiu algo e tornou a fechá-lo. — Muito atencioso de sua parte, *signore* Salvatierra.

— Achou, *muñeca*? — Apoiei as mãos de cada lado do seu corpo, na cama, invadindo seu espaço pessoal. — Então, talvez, eu mereça uma recompensa.

— Que tipo de recompensa? — ela indagou, com um sorriso contido.

— Um beijo. E, quem sabe, ver seus peitos.

— Arturo! — Ela arregalou os olhos e acertou um tapa no meu braço.

Avancei sobre seu corpo e ela caiu na cama, comigo por cima. Acariciei seu rosto, sentindo uma paz momentânea permear meu coração, certo de que não permitiria que nada nos afastasse.

— O que aconteceu? Você está preocupado.

— Só quero ter certeza de que ficará bem. — Deslizei o dedo indicador por seu lábio e não resisti, provei seu sabor entorpecente, mais uma vez.

Eu já queria fazer isso desde que a vi desacordada na cama do hospital. Minha *muñeca*, a quem jurei honrar e proteger em nome da família, só me fez reafirmar os votos quando a vi tão vulnerável.

Mas, daquela vez, era por ela.

— Arturo... alguém... pode... entr... — Ela tentou falar, mas eu a impedi com a minha língua ousada.

— Pouco me importa, *muñeca*. — Afastei-me o suficiente para ver a bagunça que ela estava se tornando. — Você é minha, Beatrice Fabbri. — Ela sorriu, abertamente.

— Gosto de ouvir isso, *signore* Salvatierra.

— *Por La Santa Muerte, carnal!* Dê um descanso à sua futura noiva. Ela está em uma cama de hospital.

Santiago, inconveniente, invadiu o quarto, fazendo Beatrice se remexer rapidamente dentro do meu aperto, para me afastar e se endireitar na cama, o que me deixou irritado com o *tarugo*.

— Santiago, como vai? — ela cumprimentou, alisando os cabelos úmidos.

— Não tão bem quanto vocês dois. Mas vivo.

— Engraçadinho — soltei entredentes. — Tem novidades para mim?

— Sim e não. — Enruguei o cenho. — Acho melhor conversarmos lá fora.

— Nada disso — Beatrice soltou, alto o suficiente para chamar a atenção de nós dois. — Eu quero saber de tudo.

Santiago me encarou em dúvida, e o respondi com um aceno curto de cabeça. Precisávamos começar a confiar um no outro e incluí-la nos acontecimentos do cartel, deixar explícito nosso estilo de vida e, principalmente, como resolvíamos as coisas.

— Ainda não encontramos o grupo que agiu na administração.

— Isso era a má notícia, não é?

— Não.

— Mas que merda, Santiago! — esbravejei.

— A notícia ruim é que Romeu foi visto em uma embarcação na costa da Califórnia, acompanhado dos russos.

— *Caspita!* — Beatrice levou as mãos até a boca.

— Com quem? Iuri?

— Sim.

— *Hijo de la chingada*. Está agindo nas minhas costas.

— Nenhuma notícia de San Diego, continua tudo parado. Parecem à espera de algo, que eu deduzo ser uma decisão de Romeu.

— Não pode ser. Romeu não é um traidor.

— As ações dele falam mais do que as palavras. — Virei em direção à Beatrice. — Ficaremos noivos assim que você sair do hospital. Enviarei o comunicado para a *famiglia* de San Diego, seguirei as tradições e estaremos prontos para seja quem for que venha até aqui.

— Mas já? Pensei que...

— Saia do castelo em que você se coloca, *muñeca*. Não vou esperar até que termine de brincar de estudante para que assuma sua responsabilidade.

— Eu não estou fugindo dela, *signore*.

— Que bom. Mandarei alguém de uma boutique para que você escolha seu vestido. Esteja à altura para o momento.

Determinei ao deixar o quarto. Transtornado pela raiva, marchei direto para o meu carro, arrancando pelas ruas de Tijuana em busca de uma forma de desanuviar a minha mente.

Se eu não poderia ter sexo ainda, extravasaria minha raiva e colocaria a cabeça no lugar em um ringue de luta.

Fui direto para o subúrbio, onde alguns galpões sob o comando do cartel funcionavam, sabia que eles constantemente disputavam em lutas sem regras, essa era uma forma de se prepararem para a ação, e se divertirem um pouco.

Quando entrei no galpão os homens se aquietaram, sabiam que eu era o chefe de tudo aquilo, mas eu não estava ali como um comandante.

— Quem é o mais forte e destemido da noite. É ele quem desafio para uma luta.

— *Señor*... — Um homem acenou, temeroso. — Acredito que ninguém aqui esteja pronto para entrar em uma arena com o...

— Besteira! Tenho certeza de que alguém aqui sente vontade de me bater pra valer. Pois bem, chegou a hora.

— Eu vou! — Ergui a cabeça para ver o homem caminhar entre os outros e se colocar à frente.

— Muito bem. — Removi o paletó, desfiz as casas da camisa social e me livrei dela. — Sem regras — anunciei.

— Perfeito. — O homem tinha um ódio explícito no olhar.

Estava movido pela vingança, o que era um erro para quem entrava em uma disputa. Suas emoções precisavam estar controladas para que conseguisse agir de forma assertiva e derrubar seu oponente.

Circulamos pela pequena arena, o silêncio foi substituído por gritos, palmas e vaias de incentivo. Os homens entraram em um frenesi, empolgados com o que aconteceria ao chefe do cartel.

Seria uma humilhação se eu saísse dessa arena derrotado.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 24

Comecei a chorar assim que Arturo deixou o quarto, o que fez Santiago permanecer e tentar me consolar de alguma forma.

— Algo está errado nisso tudo, Santiago — iniciei, temerosa. — Romeu nunca foi um interesseiro.

— Acalme-se, *chica*. Arturo só está de cabeça quente. Muita coisa está acontecendo ao mesmo tempo.

— E a solução para tudo é noivarmos — soltei, com descaso. — Eu não estou rechaçando o compromisso, que fique claro — alertei, quando vi o olhar avaliador de Santiago sobre mim. — Só esperava que tivéssemos tempo de percorrer um caminho até isso acontecer.

— Entendo que, para você, isso seja algum tipo de rito de passagem, Beatrice, mas a cada vez que reluta, seja por

qual motivo for, deixa meu primo ainda mais nervoso. Sua cabeça está a prêmio, *chica*, quanto antes o casamento acontecer, mais fácil será para que Arturo te proteja.

— Mas...

— Com licença. — Uma enfermeira abriu uma fresta da porta e colocou a cabeça para dentro. — O investigador de polícia está aqui e exige falar com a *señorita* Fabbri.

— O quê? — Sussurrei, assustada.

— Merda! Agora não. Arturo não está aqui e...

— Com licença. — A porta foi aberta de uma vez e um homem de cabelos desleixados e aparência cansada entrou, usando uma jaqueta de couro. — Sinto muito invadir sua privacidade, *señorita* Fabbri, mas preciso colher seu depoimento.

— Eu já disse... — Coloquei a mão sobre o braço de Santiago.

— *Va bene*. Eu posso falar.

— Que bom. — Ele tirou um pequeno bloco de anotações do bolso de trás e o abriu rapidamente. — Conte tudo o que aconteceu.

Comecei a relatar todos os acontecimentos desde que saí de casa para ir à universidade, mesmo com o e-mail de alerta sobre a paralização. O investigador anotava e balançava a cabeça, sem demonstrar qualquer reação ou indicação de que minha versão era convincente.

Quando terminei de falar, ele fechou o pequeno bloco, guardou-o no bolso de trás e cruzou os braços me encarando com determinação.

— Bem, *señorita* Fabbri, sua situação no país é bastante delicada. Você é acusada de atentar contra uma

propriedade pública.

— E o que vai acontecer comigo? — questionei, preocupada.

— Nada — Santiago soltou, entredentes.

— Poderá ser deportada.

— *Dio*.

—Não vai acontecer, Beatrice. Sabe que Arturo jamais permitirá isso.

— Seu primo não tem poder algum de decisão neste caso, *señor* Salvatierra.

— Já tem a informação que queria. Qualquer outro contato será feito através dos advogados.

— Pois bem. — Ele acenou, dando alguns passos em direção à porta. — Talvez não seja uma má ideia se livrar de um casamento por aliança, *señorita* Fabbri.

— Não responda a isso, Beatrice. — Santiago cobriu minha mão, me impedindo de dizer qualquer coisa. — Acho bom sair daqui por vontade própria. — A ameaça era clara.

O investigador só ergueu as mãos e partiu, sem mencionar qualquer outra palavra. Encarei Santiago, apavorada. Se eu fosse deportada, estaria nas mãos da *famiglia* de San Diego, desamparada e com minha vida ameaçada.

— Não se preocupe, *chica*. Arturo não vai deixar que te tirem do México.

— Ele não é Deus, Santiago. Se a lei determinar que eu devo ir...

— Ele não é, mas pensa que é. Dá na mesma.

Ambos rimos antes de o celular de Santiago tocar e ele se afastar para atender. Permaneci envolta nos meus receios e, nesse momento, o casamento era mais do que necessário, para garantir minha permanência aqui.

— Ele o quê? — Santiago vociferou, o que me tirou dos meus pensamentos temerosos. — Estou a caminho. Merda! — esbravejou, assim que encerrou a chamada. — Preciso ir, *chica*.

— O que aconteceu?

— Problemas externos.

— Tem a ver com Arturo. — Descobri minhas pernas e rapidamente me coloquei de pé. — Vou com você.

— De jeito nenhum. Arturo arrancaria meus bagos.

— Se você não me levar, com certeza eu servirei seus bagos em uma bandeja de prata no próximo jantar da família Salvatierra.

— Não é seguro, Beatrice.

— Aqui também não é. Acabou de ver um homem entrar sem qualquer impedimento.

— Posso colocar homens vigiando a porta.

— E eu posso dar um jeito de fugir. Sou boa com isso.

— Mas que merda, *chica*. Você não alivia mesmo. — Dei de ombros e ele bufou, cansado. — Não posso perder tempo. Troque de roupa e vamos de uma vez.

Quase saltei no lugar de forma bem infantilizada, mas isso esmoreceria minha determinação de mulher teimosa, então corri para o banheiro e vesti a mesma roupa que usei no dia do ataque.

Deixei o hospital sem dar baixa na papelada. Caminhei apressada ao lado de Santiago, na tentativa de

acompanhar suas passadas largas. Entramos em seu carro, que parecia um trator de tão grande, e arrancamos com mais dois veículos em nosso encalço.

Vi-o mexer no celular com uma mão, enquanto a outra conduzia o veículo. Sua atenção alternava entre a estrada e o aparelho, o que me fez prender rapidamente o cinto de segurança em torno do corpo e segurar no estofado do banco.

— Preciso de sua ajuda. Como não? Ele está com uma ferida aberta, merda, tem que ser costurado. Sabe muito bem que não podemos ir ao hospital. Farão perguntas demais. Tá. Eu me viro, seu *tarugo*. — Santiago encerrou a chamada e socou o volante.

— Arturo está machucado? — Senti meu coração bater em meus tímpanos, tamanho o desespero que havia tomado meus sentidos.

— Ele foi esfaqueado em uma luta livre.

— O quê? *Por Dio*. Como assim?

— Não surta, *chica*. Você quis vir, agora assuma seu papel como uma mulher de cartel. Homens se ferem, fazem idiotices e correm riscos todos os dias. — Santiago foi determinado, seu olhar desviava para mim enquanto falava. — E é bem possível nós o encontrarmos muito irritado e xingando a todos. Não se afete por isso.

— *Va bene*. — Respirei fundo quando o carro saiu da estrada principal e adentrou uma área decaída da cidade.

Paramos diante de um galpão. Reconheci o carro de Arturo, saltei do veículo antes mesmo de Santiago e marchei determinada a caminho do lugar.

— Ei, espere. — Ele sacou uma arma e a engatilhou. — Fique mais atrás de mim, apesar de a área ser do cartel,

nunca sabemos o que encontraremos.

Olhei em torno, preocupada, então acenei para ele e o segui, usando seu corpo como meu escudo.

A iluminação era péssima, havia muita coisa entulhada, quase nada de pessoas, mas quando vislumbrei o corpo de Arturo jogado em uma cadeira de metal precária, esqueci a orientação de Santiago e corri até meu futuro noivo.

— Arturo!

— *Muñeca*? — Ele ergueu a cabeça que pendia para trás para me olhar. — Mas que merda! O que você faz aqui? — Seu olhar raivoso mirou em mim e foi além, alcançando Santiago, que vinha logo atrás. — O que tem na cabeça para trazê-la aqui?

— Desculpe, *carnal*. Mas ela consegue ser mais determinada do que você quando quer algo.

— Leve ela daqui. Agora.

— Eu não vou sair e te deixar sangrando feito um porco abatido.

Contornei a cadeira, sua mão cobria a ferida que vertia sangue.

— Precisará de pontos.

— Jura? Vamos tentar arrumar a porra de uma mesa cirúrgica — ele esbravejou. — Vá embora daqui, *chica*.

— Já disse que não vou. — Levantei-me e encarei Santiago.

— Vamos para o Haras. Tem um espaço que atende os animais, posso costurar o corte lá.

— E você sabe fazer isso?

— Claro que sim. Sou ótima com bordado.

— Maravilha. Vou virar a porra de um enxoval.

— E isso é conveniente, já que estamos prestes a noivar — rebati e Santiago riu.

— Ela é sua melhor opção, Arturo. Estamos expostos aqui e eu ainda nem sei o que aconteceu com você.

— Vingança do pai do *morrillo* delator.

— Eu acabo com ele.

— Não. Foi justo. De certa forma. — Ele sorriu de lado e tentou endireitar o corpo, protestando em seguida. — Venha me ajudar, estúpido. — Ele sinalizou para Santiago, que prontamente o auxiliou.

Arturo foi arrastado para fora do galpão pelo primo, que o levou na direção do próprio carro e o colocou no banco do carona.

— Não podemos estar no mesmo carro, por questão de segurança.

— Eu vou. Dirigindo.

— Posso mandar um dos homens conduzir.

— Um dos que acabou de vê-lo ser esfaqueado? — Ergui as sobrancelhas, indignada. — Pode deixar comigo. Não confio em ninguém perto dele agora.

— *Va bene* — Santiago soltou, provocador, e eu torci os lábios. — Estarei logo atrás de vocês.

Entrei no carro. Arturo estava com a cabeça encostada no banco, respirava devagar, devia estar sentindo muita dor. Era um corte significativo.

— Não se preocupe. Eu cuidarei de você. — Ele tombou a cabeça para o meu lado, estava cansado.

— *Gracias, muñeca.* — Seus olhos se fecharam e eu dei partida no carro, arrancando a toda velocidade de lá.

Sabia que seu ferimento era grave, mas ir até um hospital geraria questionamentos e explicações que ninguém estava disposto a dar.

Apesar de o sobrenome Salvatierra dizer por si só quem eles eram, não era conveniente manter um histórico, em lugar nenhum. Isso os colocava vulneráveis perante os inimigos e, claro, as autoridades.

Estacionei próximo da área de tratamento dos animais, Arturo havia apagado, o que me preocupava bastante. Desci rapidamente e sinalizei para Santiago se apressar.

Com a ajuda de mais dois homens, Arturo foi carregado até uma das salas que o veterinário utilizava e o colocaram sobre uma bancada de metal. Peguei tudo o que julguei precisar para costurar meu futuro noivo e retornei até ele, que ainda estava apagado.

— Acho bom ele estar desmaiado — comentei, insegura.

— Contanto que você desenhe uma flor aí, tanto faz. — Olhei para Santiago, que piscou um olho na minha direção. — Você consegue, *chica*. Confio em você.

Que *Dio* me protegesse.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 25

Despertei com a espetada potente em minha ferida já dolorida. Protestei e logo uma mão grande espalmou no meu peito, me mantendo no lugar.

— Me solte, *cabrón*.

— Deixe-a terminar o trabalho, seu *tarugo*. — Foquei o olhar em Santiago e, quando virei o rosto, me deparei com ela.

Beatrice.

Seu cenho estava franzido e havia algumas gotículas de suor em torno da testa úmida, usava uma roupa amarrotada e suja de sangue e tinha os cabelos presos.

— O que aconteceu com você, *muñeca*? — Tentei me virar em sua direção, mas Santiago me segurou com ambas as mãos.

— Estou tentando terminar de te costurar, Arturo. Fique quieto — ela soltou, séria e impositiva.

— Oh, merda, o corte. Aquele *tarugo* me pegou de surpresa. — Deitei a cabeça, sentindo tudo girar.

— Acho melhor dar algum remédio para ele apagar — Santiago mencionou.

— Eu não sei a quantidade certa a ministrar. Além do mais, são remédios para animais.

— Por isso mesmo serviriam para quem está deitado na mesa. — Santiago fez a piada e eu ignorei.

— *Chingar. Andale* com isso, *muñeca*. — Tensionei o tronco, sentia uma dor rasgando minha lateral, mas eu havia sobrevivido a coisas muito piores do que um corte de faca.

— *Va bene.* — Ela suspirou e enfiou a agulha mais uma vez.

— *Chingar!* — soltei entredentes.

— Quer uma bebida? Posso buscar — Santiago ofereceu.

— Nada de bebidas. Você precisa tomar remédios e injeções — Beatrice determinou. — Ligue para o médico da família, explique o que o atingiu e pergunte quais medicamentos devemos ministrar.

— Sim, *señora*. — Santiago fez um gracejo e partiu em seguida com o telefone na orelha.

— Está sentindo dor? — Abri os olhos, encarando uma Beatrice que nem parecia tão jovem.

— Não. Você tem mãos de fada, *muñeca*. — Tentei acariciar sua perna, próxima de mim, mas ela recuou.

— Sem gracinhas, Salvatierra. Preciso me concentrar. Estou acabando.

A dor era quase insuportável, eu sentia como se ferro em brasa queimasse a região do corte, além da tontura que não parava de fazer tudo girar. Precisava me manter calmo e passar tranquilidade para Beatrice, duvidava de que a *principessa* de Leonardo já tivesse chegado perto de uma situação como essa.

— Por que se permitiu ser esfaqueado por um subordinado seu?

— Não sabia da faca. Mas era uma luta sem regras, então eu não poderia culpá-lo. O homem estava no chão, quase desmaiado de tanto apanhar, tirou a faca do bolso e tentou me golpear, por sorte desviei.

— Poderia ter sido bem pior.

— Sim.

— Terminei — ela anunciou ao deixar alguns objetos sobre a mesa de utensílios. — Não se mexa ainda, farei um curativo.

Um silêncio confortável nos permeava, fechei os olhos na tentativa de aplacar a zonzeira e acho que acabei me desligando por alguns momentos. Quando tornei a abrir os olhos, o dia raiava claro pelas janelas altas.

Ergui a cabeça e apoiei os braços para elevar o tronco, uma fisgada veio certeira, então tornei a me deitar e gemer baixo, levando uma das mãos até o curativo.

— Você acordou. — Curvei a cabeça para o lado, acima, vi Beatrice se levantando de uma poltrona desconfortável.

— Passou a noite aqui?

— Sim. Não permiti que te movessem com medo de arrebentar algum ponto. Já está quase na hora de tomar seus remédios. Em breve, o médico virá aplicar as injeções.

— Quais medicações?

— Você foi esfaqueado, Arturo. Precisa tomar vacinas e outros medicamentos para que essa ferida não se torne algo ainda pior.

— Eu estou bem — protestei, tentando me levantar mais uma vez e falhando miseravelmente. — Merda!

— Venha, eu te ajudo. — Beatrice surgiu ao meu lado. — Dê suas mãos, vou te puxar, não force o abdômen.

Fiz como ordenou e deu certo, consegui me sentar sem grandes dificuldades, encarei o curativo levemente manchado de sangue.

— Preciso trocar seu curativo, mas prefiro esperar o médico e fazer tudo de uma vez.

Encarei seu semblante, ela estava com olheiras profundas, os cabelos bagunçados e o rosto amassado. Não era daquela forma que eu pretendia fazer minha futura noiva passar a noite, mas a realidade de um homem do cartel sempre envolvia situações assim.

— Vem aqui, *muñeca* — chamei-a também com o dedo indicador e ela se aproximou.

Puxei seu corpo para o vão das minhas pernas e levei a mão até seu rosto, acariciando-o. Ela não parecia mais a garota que chegou em Tijuana.

— *Gracias*. Por tudo o que fez.

— Sou sua futura noiva, *signore*. É minha obrigação cuidar de você.

Era um pouco doentio, mas eu gostei de ouvir aquilo. Capturei seus lábios com os meus, testei sua disposição, e ela parecia tão necessitada quanto eu, já que seus braços voaram por cima do meu ombro, me puxando para si.

Nosso beijo foi interrompido por um pigarrear. Minha mão já estava na sua bunda macia e eu senti vontade de matar o *tarugo* que atrapalhava nosso momento.

— Vocês desenvolveram algum tipo de fetiche com macas e mesas de exames? — Santiago provocou.

— Cala a boca. O que quer aqui?

— O médico chegou. E eu já tenho todos os responsáveis pelo ataque à universidade.

— Deixe o doutor entrar e segure os culpados. Quero eu mesmo resolver isso.

— Acho que esse direito cabe a mim. Afinal, eu quem fui rendida e incriminada. — Beatrice cruzou os braços.

— E o que pretende fazer com eles, *muñeca*? — Tombei a cabeça, interessado. — Perdão não é uma opção no cartel.

— Claro que não é. — Beatrice rolou os olhos. — Pensarei em algo criativo. Agora se concentre na sua recuperação.

O médico da família entrou no lugar com a maior naturalidade, havia anos que ele já sabia como as coisas funcionavam, atendia todo o cartel em situação muito pior.

Santiago me ajudou a ir para o carro quando terminei a consulta. Beatrice já havia retornado, o que me deixou incomodado, sentindo a falta da sua presença ao meu lado.

No casarão, fui direto para o quarto, Paulina havia preparado algo leve, provavelmente a mando de Beatrice,

que parecia bastante desenvolta em resolver os problemas.

Os remédios acabaram me derrubando mais uma vez. Dormi um sono tranquilo, fantasiando com uma vida, alguns anos à frente, em que Beatrice estava grávida de mais um filho meu enquanto eu ensinava outros dois a cavalgar. Nunca havia me permitido ter esse tipo de pensamento, até que ela chegou em minha vida, de forma nada convencional, me fazendo sonhar em brincar de casinha.

Logo eu, um homem que carregava o peso da morte sobre os ombros e arrastava todos que estavam a minha volta para o mesmo destino de um desalmado.

— Arturo... está na hora do remédio. — Abri os olhos, vislumbrando minha prometida.

Meu coração se apertou. Era a primeira vez que eu sentia tão fortemente tudo o que ela me causava, acentuando meu desejo de protegê-la e manter seu bem-estar acima da minha própria vida.

— Estou ficando mal-acostumado com você aqui. — Ergui o lençol e o afastei um pouco. — Sente-se, *muñeca*.

— Para quê? — O brilho em seus olhos denunciava que ela sabia bem minhas intenções.

— Para que eu tome meus remédios de maneira adequada.

Mesmo certa das minhas intenções nada lisonjeiras, Beatrice se sentou ao meu lado. Agradeci a *Dios* porque ela usava um vestido leve, que permitia que minha mão fosse em automático para sua perna e subisse o tecido.

— Sempre quis ter uma enfermeira particular, sabia? — soltei, meu tom mais baixo.

— É mesmo? Então abra a boca, *signore* Salvatierra.

— Vai enfiar sua língua nela?

— Arturo! — Sua advertência me fez sorrir de lado. — Se comporte e tome os comprimidos. — Ela serviu um copo de água da jarra e o ofereceu para mim junto com um monte de cápsulas.

Cumpri sua ordem obedientemente, sentia meu pau endurecer, tomado pelo tesão que ela me causava toda maldita vez que estava tão próxima de mim. Assim que terminei de engolir aquela porcaria, soltei o copo na mesa de cabeceira e enlacei a cintura de Beatrice.

— O que está fazendo?

— Tomando minha dose de remédio.

Grudei sua boca na minha, usei a língua para abrir passagem e provar o delicioso gosto do seu beijo, que me tornava um viciado, completamente dependente do seu toque.

Usei uma das mãos para me infiltrar no tecido do vestido, achei que ela me pararia, mas a safada abriu mais as pernas, e eu só consegui pensar em como seria bom beber da sua fonte.

— Que tal me deixar provar você com a minha língua, *muñeca*?

— Como? O quê? — Ela parecia um tanto atordoada.

— Vou me deitar e você encaixa suas pernas entre a minha cabeça.

— Oh, *Dio*...

— Você tem muitas primeiras vezes para viver ainda, *muñeca*. E me sinto mais do que sortudo em te apresentar todas. — Tornei a beijar seus lábios, em forma de incentivo.

— Quero chupar você, Beatrice. E negar o pedido de um enfermo é praticamente pecado.

Ela rapidamente se afastou ao se levantar. Julguei ter passado do ponto com a minha sinceridade crua, mas quando vi suas mãos adentrarem por baixo do vestido e removerem uma peça minúscula rosa, sorri feito um alucinado.

— Deite-se, Arturo. E não se mexa. Você não pode abrir os pontos — ela determinou com a voz afetada.

— Sim, *señorita*. Estou muito feliz em obedecer às suas recomendações.

E quando, finalmente, deitei-me sem usar o travesseiro, sua perna passou por cima de mim e meus olhos tiveram a visão perfeita da boceta jovem e intocada da minha futura noiva.

— Eu sou a porra do infeliz mais sortudo do mundo.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 26

Com certeza eu estava assinando minha ida direto para o inferno, com direito a uma cadeira cativa ao lado do próprio diabo. Era errado, leviano e indecente, para se dizer o mínimo, mas eu não conseguia ignorar o desejo que latejava entre as minhas pernas, com o pedido descabido de Arturo.

Algumas semanas aqui e eu já havia esquecido completamente o pudor e o recato que minha babá sempre me orientou a ter. A garota pudica e intocada, que se frustrou por anos esperando o momento de finalmente conhecer seu prometido, agora se tornava uma pervertida insaciável.

Nunca havia pensado em Arturo deste ângulo. Nem quando me permitia aliviar a tensão sexual que me rondava, eu não havia sido tão criativa fantasiando, principalmente comigo montada, literalmente, no rosto dele.

— Abaixe mais, *muñeca*. — Eu conseguia ver seus olhos incendiarem.

As mãos de Arturo envolveram minhas pernas feito um torniquete e ele puxou meu quadril para baixo, sua boca se chocando contra minha carne úmida. Fechei os olhos, sentindo sua língua se infiltrar nas minhas dobras. Cuidadoso, ele percorreu toda a extensão, me fazendo arfar jogando a cabeça para trás.

— Saborosa. Você é a melhor coisa que já provei, Beatrice. — Seu hálito quente contra minha pele era mais um incentivo para o desejo dominar meu corpo.

Sua língua passou a se mover de maneira assertiva, tornando as sensações no meu baixo-ventre algo muito difícil de controlar. Acabei incentivando o ritmo ao começar a mover meus quadris para frente e para trás.

— Isso, *muñeca*. Esfregue sua boceta na minha cara.

— Oh, *Dio*... — Ofeguei, ainda mais tomada por suas palavras chulas.

Eu estava assinando o certificado de vadia sem nem me importar em como encararia Arturo depois que o momento passasse. Ainda nem estávamos casados, deveria me envergonhar o fato de permitir tanta intimidade.

Mas o que era um pedaço de papel diante da certeza de que nós estávamos destinados e dispostos a cumprir o enlace? Não precisava ser um sacrifício, ao menos, da minha parte não era.

— Arturo... eu vou...

— Goza na minha língua, Beatrice. Quero sentir seu prazer na minha língua.

Curvei o tronco e segurei seus cabelos, para aumentar o ritmo por conta própria. Arturo resmungou algo que não consegui entender, no entanto, parecia contente com a minha iniciativa.

Gozei, antes mesmo de encher os pulmões de ar. Minhas pernas tremularam, meu corpo enrijeceu e eu liberei meu prazer, que parecia ser a coisa mais saborosa do mundo para Arturo, já que ele sugou e chupou meu canal com afinco.

— Deliciosa — soltou, a voz rouca.

Tive o cuidado de me manter firme nas pernas, não queria forçar meu peso, ou permitir que ele se esforçasse demais. Desmontei do seu rosto, a vergonha invadindo meu sistema, me fazendo recobrar meu juízo perdido.

— Você deixa meu pau tão dolorido, *muñeca*. — Encarei Arturo, sua boca brilhava com meu prazer, ver isso era constrangedor ao mesmo tempo que me satisfazia.

Desci o olhar por seu corpo, uma bela barraca armada na altura dos quadris, que Arturo fez questão de segurar e balançar, demonstrando o quanto estava duro.

— Bom dia, bela adorm... — Saltei para trás, assustada, ao ver Santiago invadir o quarto. — *Por La Santa Muerte,* Arturo. Esconda sua animação.

— Que porra está fazendo aqui? — Arturo se ajeitou na cama, pegou um dos travesseiros e cobriu a ereção.

— Eu vim verificar o enfermo, mas ao que parece, Beatrice está garantindo sua recuperação. — Olhei para o

outro lado do quarto, fingindo não saber a que ele se referia.

— Já viu. Pode ir embora.

— Precisamos discutir algumas questões do Haras e do cartel. — Voltei meu olhar para Arturo, que demonstrava um pesar.

— Eu volto mais tarde para saber como está.

— Tudo bem.

Deixei o quarto e fui direto para o meu, precisava me limpar e colocar uma calcinha nova. Entrei no quarto sorrindo, era muito estranho eu estar tão animada com meu futuro noivo de cama devido a uma facada. Mas ainda assim ele havia exigido tomar meu prazer direto na boca.

— Você é uma pervertida, Beatrice — soltei para mim mesma.

Fui direto para o banheiro, fiz o que era preciso e, quando saí, soltei um grito ao ver Alma deitada na minha cama, muito à vontade.

— Está muito sensível, prima.

— O que faz aqui?

— Vim saber de você. O que diabos aconteceu no ataque à administração da universidade para Arturo esfaqueado?

Corri até a cama e passei a tagarelar todos os acontecimentos para Alma, parecia que uma vida havia se passado. Relatei como foi a conversa com o investigador, a descoberta do incidente com Arturo e minha destreza em costurar uma pessoa.

— Garota, você nasceu para ser a rainha deste cartel. — Sorri, orgulhosa, pelo seu elogio. — E o que vai fazer com

os protestantes?

— Ainda não sei. Eles quiseram me incriminar e isso me deixou muito brava.

— Seja como for, estarei ao seu lado. — Ela levou a mão até a minha.

— *Grazie*.

Eu sabia que eles eram amigos de Alma, que lutavam as mesmas causas e estavam juntos há muito mais tempo do que minha recente presença. Sentir seu apoio incondicional me fazia pensar que eu era vista como sua família.

— Ei, *chica*, por que está chorando? — Ela empertigou o tronco e veio até mim, me dando um abraço apertado. — Não quero te ver triste.

— Acho que estou sobrecarregada. Só isso. — Inventei uma desculpa para não delatar minha fragilidade.

— Então, prepare-se. Hoje à noite você tem que estar linda e é esse o motivo da minha invasão. Tem um carro esperando para te levar até o centro, você terá um dia de princesa.

— Eu? Por quê?

— Pense que é uma recompensa.

— Você não vem comigo?

— Não. Estou em uma missão Salvatierra. Preciso terminar algumas coisas.

— Não sei se gosto do seu tom misterioso, *señorita* Salvatierra.

— Isso é um problema só seu, *señorita* Fabbri — ela brincou ao se levantar, pegar minha bolsa na penteadeira e praticamente me arrastar para fora do casarão.

Acompanhada de perto por um dos homens do cartel, fui colocada em uma área exclusiva de um maravilhoso espaço de cuidados estéticos, fui paparicada e preparada por profissionais, que se esforçavam para me manter confortável.

Fiz as mãos, pés, massagem, tratamento de pele, hidratação nos cabelos e corpo, banho relaxante e até dei uma cochilada revigorante. Estava sendo completamente mimada e, apesar de me permitir o agrado, não parava de pensar em como Arturo estava.

Saí de lá e a tarde caía para dar lugar a uma noite promissora e quente. Eu usava um vestido rosado de renda, era elegante e sério, bem ao estilo que eu usaria em uma das reuniões da *famiglia*.

Calcei os sapatos de salto bege, ajeitei os cabelos soltos, com ondas moldadas e bastante hidratado. Havia escolhido uma maquiagem discreta, apesar da noite, eu não queria envelhecer demais minha aparência.

Quando nos aproximamos da entrada do Rancho, perdi o fôlego.

Luzes enfeitavam todo o trajeto até a entrada do casarão. Diversos veículos e pessoas em torno, parecia que um grande baile aconteceria.

Quando o carro parou próximo da área de lazer, minha porta foi aberta e Santiago surgiu em um *smoking* elegante, com os cabelos alinhados e um sorriso presunçoso nos lábios.

— Bem-vinda, *signorina* Fabbri.

— *Grazie*. — Aceitei o contato e desci, ajustando o vestido.

— Está verdadeiramente *hermosa*. — Eu o encarei com um sorriso. — Meu primo é um homem de muita sorte. — Ele piscou um olho e eu corei.

— E eu posso saber o que significa tudo isso? — Olhei em torno.

— Seu noivado, *muchacha*.

— O quê? — Levei as mãos à boca, chocada. — Como assim?

— Arturo queria fazer uma surpresa, então convocou a única pessoa capaz de montar uma festa desse tamanho em um curto espaço de tempo.

— Alma — falamos ao mesmo tempo.

— E onde ele está?

— Na área de lazer, dando atenção aos homens do outro lado da fronteira.

— A *famiglia*? — Senti meu coração disparar.

— Ei, não faça essa cara, *muñeca*. Temos homens e armas o suficiente aqui para matar todos. Você está segura.

— Quem está representando os Fabbri? — Senti meu coração se apertar.

— Vamos entrar e você verá por si mesma.

Tive vontade de socar a cara de Santiago, mas aceitei seu braço e caminhamos para a área em que os convidados estavam. Balões em rosa metalizado e branco perolado decoravam em torno da piscina iluminada.

Havia diversas mesas dispostas ao redor e embaixo do pergolado, e uma extensa para os convidados principais.

Avistei Arturo assim que chegamos, estava em um pequeno grupo de senhores italianos, conhecidos de meu

papà. Assim que seus olhos localizaram os meus, ele pediu licença e veio até mim.

— *Muñeca*, você está deslumbrante — disse, assim que pegou minha mão e deu um beijo demorado no dorso.

— Sua noiva está entregue. Faça bom proveito. Manterei minha posição — Santiago avisou, mais sério do que antes.

— *Gracias*, *carnal* — Arturo agradeceu e voltou a atenção a mim. — Sou o homem mais sortudo do mundo, Beatrice.

— Você realmente consegue me surpreender. Como está seu ferimento? — questionei baixo.

— Bom. Não sangrou muito e o médico veio no final da tarde. Santiago colocou uma faixa de contenção em torno de mim, assim consigo me mover sem sentir dor. Fora o colete à prova de balas. — Arturo girou os olhos e eu sorri.

— Fico feliz que ao menos seu primo tem um pingo de senso de proteção. E, então, qual o plano?

— Noivamos hoje. Nos casaremos amanhã.

— *Cazzo!*[26]



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 27

Se eu pudesse tirar o punhal preso no meu calcanhar direito, conseguiria facilmente cortar a tensão que pairava em torno do ambiente festivo montado por Alma.

Nosso esquema de segurança estava triplicado, todos os homens prontos para agir ao menor sinal de perigo. Alguns disfarçados como convidados estavam incumbidos de proteger Beatrice, caso algo saísse errado.

Mas desde que meus olhos pairaram sobre a figura mais encantadora e linda do ambiente, nada mais importava. O único objetivo que minha mente aceitava como missão era beijar e abraçar minha prometida.

— Do que está falando? Como vamos nos casar amanhã? Eu não tenho nem vestido.

— Isso é muito fácil de solucionar, *muñeca*. Não se preocupe.

— E posso saber o motivo da pressa? — Ela sorria, genuína.

— Precisamos concretizar o acordo o quanto antes. Assim diminuímos os riscos para ambos. — Percebi seus olhos murcharem, desapontados. — E, claro, eu quero chegar logo à lua de mel. — Pisquei um olho antes de roubar um beijo acalorado de seus lábios.

— *Caspita!* Pode largar minha prima, Salvatierra? — resmunguei um palavrão assim que Beatrice me empurrou e correu para o primo.

Romeu Fabbri havia respondido o chamado, para oficializar o compromisso, esta manhã. Achei que viria algum representante qualquer, ou, na pior das hipóteses, ninguém se importaria a ponto de vir até esse lado da fronteira.

Foi uma surpresa vê-lo ali.

Eu confessava que manter a cordialidade e não encurralar o italiano em algum canto, para que entregasse o que estava acontecendo em San Diego, era bastante tentador.

— Primo. Ah, não posso acreditar! Como você está? Onde esteve? Não me procurou! — Beatrice declarava enquanto o abraçava, sua voz embargada, fazia meu coração se apertar.

Ainda não havia falado com Romeu em particular, nem sabia em que momento isso aconteceria, tampouco qual seria o resultado dessa conversa.

— Você poderia simplesmente ligar seu celular, Beatrice. — Os olhos do italiano vieram até mim,

desconfiados. — A não ser que o tenha perdido, em algum momento.

— Eu não liguei desde que cheguei aqui. — Ela estava envergonhada, fechei os punhos, irritado por Fabbri colocá-la nessa situação.

— Beatrice esteve ocupada — justifiquei e ela me encarou em agradecimento.

Não resisti e a puxei para mim, deixando-a aconchegada em meu braço, que transpassou suas costas e a colou na lateral do meu corpo.

— Vejo que estão progredindo. — Romeu enfiou as mãos nos bolsos e me encarou, avaliador.

— Prontos para nos casar, eu diria — devolvi em provocação.

— Precisamos conversar, *chicano*.

— Concordo.

— Hoje é meu noivado. Espero que se portem de acordo — Beatrice chamou nossa atenção para si e ambos a encaramos. — Sem discussões ou disputas.

— Não se preocupe, prima. Hoje concretizaremos o voto de sangue entre Fabbri e Salvatierra.

— Isso mesmo, *muñeca*. — Beijei o topo da sua cabeça. — Vamos cumprimentar os convidados.

Puxei Beatrice na direção de um grupo de homens, dos quais eu mal sabia os nomes, mas com a ajuda dela, fui informado de quem se tratavam. Minha futura esposa havia crescido nas rodas sociais da *famiglia* e aprendera bem quem era quem.

Em dado momento, os convidados foram direcionados para as mesas. Segurei a mão de Beatrice e fomos para

nosso lugar, no centro, ocupado pelas figuras mais importantes e representantes de ambas as organizações.

A mídia local fora convidada, assim como um fotógrafo oficial. Precisávamos ter provas e testemunho imediato de que o enlace era válido e aceito por todos os envolvidos.

— *Gracias* aos presentes. Hoje é uma noite de alegria e realização. Há mais de trinta e cinco anos, meu *padre*, Omar Salvatierra, aliado fiel e amigo de Leonardo Fabbri, firmou um acordo que uniria duas famílias e selaria o destino de seus filhos. Assumo e aceito o compromisso de casamento firmado entre eles, me unindo à filha de Leonardo, Beatrice Fabbri, a *hermosa* mais encantadora que já tive o prazer de conhecer. — Estendi a palma para cima em sua direção e ela aceitou com rapidez, se colocando de pé ao meu lado.

— *Grazie* a todos por estarem aqui em um momento tão especial. Minha família ainda sofre com a perda precoce de meu *papà*, que foi assertivo quando destinou minha mão ao *signore* Salvatierra. Estou muito feliz com o acordo. Aceito o compromisso e honro a memória de Leonardo Fabbri.

Todos aplaudiram enquanto Romeu se colocou de pé, do seu lado da mesa, pegou uma pasta preta em mãos e caminhou até próximo de nós. Enruguei o cenho, desconfiado, enquanto ele abraçava sua prima e estendia a mão para mim em seguida.

— O que é isso, Fabbri? — questionei entredentes quando ele se posicionou entre nós.

— Tenho aqui a última vontade de Leonardo Fabbri, meu tio e líder dos negócios de San Diego. — Ele ergueu o objeto nas mãos. — Todos esses documentos garantem a Beatrice Fabbri, sua única herdeira, direitos sobre todos os

negócios, que serão administrados pelo seu esposo, assim que se casarem. — Uma comoção geral começou.

Todos entendiam as entrelinhas quando ele se referia aos negócios. Literalmente, Romeu estava anunciando que o marido de Beatrice seria o novo chefe da máfia italiana em San Diego.

Um *chicano* assumiria a posição de poder máximo em uma das famílias mais importantes dos Estados Unidos.

— Está brincando comigo? — soltei alto o suficiente para que o italiano se voltasse para mim com o cenho franzido.

— Não se brinca com negócios. Nem com o futuro da minha prima, Salvatierra.

— Romeu, o que está acontecendo? — Beatrice puxou o braço do primo, tão perdida quanto eu.

— Sou o executor do testamento de seu pai, *1ela*. Há muita coisa que você não sabe, mas o que importa, realmente, é que você e seu futuro marido devem assumir a cadeira de San Diego assim que o casamento acontecer.

— Eu tenho meus negócios, bem aqui — falei com urgência.

— Viva os noivos! — Ouvi um grito do outro lado da mesa e vislumbrei Alma de pé, com uma taça de champanhe erguida.

— Vamos terminar a noite, *va bene?* Depois conversaremos. — Romeu sorriu ao pegar uma taça. — Viva os noivos.

Era nítido o incômodo nos rostos de alguns, os burburinhos e os lábios torcidos de outros, os mais velhos não estavam nada satisfeitos com aquele anúncio.

— O que vai acontecer, Arturo? — Beatrice questionou quando o jantar foi servido.

— Por enquanto, vamos sorrir e acenar, *muñeca*. — Beijei sua têmpora, acalmando seu espírito.

Sabíamos que isso significava uma guerra iminente. Os conservadores não admitiriam uma mudança de comando sem questionar ou lutar. Beatrice e eu éramos alvos certeiros, ainda mais depois da determinação de Leonardo.

Assim que o jantar foi encerrado, deixei Beatrice com um grupo de mulheres, sempre acompanhada de Alma, que saberia o que fazer se algo suspeito surgisse.

Encontrei com Santiago, e ele tinha a mesma expressão cautelosa que a minha. Sinalizei para Fabbri, que se aproximou e fomos para o escritório do casarão.

— Que porcaria está acontecendo, italiano? Quer colocar um alvo na testa do meu *carnal?* — Santiago puxou Fabbri pelo colarinho assim que adentramos o reservado.

— É melhor você abrir a boca, Romeu, ou permitirei que você descubra por que Santiago é conhecido como o carniceiro.

— Você está amarrotando meu *smoking* — o italiano falou, tranquilo, ao empurrar a mão de Santiago para longe de seu colarinho. — Está tudo nos documentos deixados. Leonardo sempre quis que os negócios ficassem nas mãos da filha e que seu sangue permanecesse na cadeira.

— Mas você é um Fabbri. — O homem colocou as mãos no bolso, pareceu desconfortável.

— Não tenho o sangue dos Fabbri. Fui adotado quando criança e esse segredo foi descoberto pela *famiglia* havia um tempo. Desde então, meu tio e eu vínhamos armando

tudo o que seria feito para que o marido de Beatrice assumisse o comando.

— Eu sou a porra do dono de um Cartel! — vociferei. — Espera que eu deixe os negócios, minha família, meu sangue, para assumir o legado de outro? — Indignação escorria do meu tom.

— Não se trata do que já foi, Arturo, mas do futuro do que está por vir. Você precisa entender que o seu herdeiro terá sangue Fabbri e tem direito a tudo aquilo.

— Meu herdeiro terá tudo aqui também. — Encarei Santiago, que permanecia no canto, calado.

O que não era do seu feitio. Nunca.

— Leonardo sabia que tentariam liquidar a vida dele antes do acordo com os Salvatierra se cumprir. Montamos todas as jogadas, armamos o plano e aguardamos o movimento.

— Ele sabia que morreria naquele dia? No restaurante? — Santiago quem tomou a palavra.

Eu estava irritado demais para conseguir raciocinar. Odiava o fato de ser colocado como um fantoche dentro de um plano maior. Era vulnerável e amador demais me manter na condição de obedecer aos acontecimentos.

— *Si*.

— Foi ele quem te mandou ir até o banco e tirar tudo que era de Beatrice?

— Exatamente. E foi a coisa mais difícil que precisei fazer naquela noite. Deixá-lo no restaurante, receber seu último abraço e retornar para a mansão. Para cuidar de Beatrice. — O homem engoliu em seco.

— Ele poderia ter lutado pela vida dele. Declarado guerra, qualquer coisa — Santiago soltou, indignado.

— Não se tratava mais dele.

— E sim da sua continuidade — concluí a linha de raciocínio. — Aqueles velhos realmente achavam que podiam ditar o rumo da vida de seus filhos — desabafei, cansado.

O acordo de uma amizade havia tomado proporções mais sérias do que eu tinha julgado e me levava para um terreno completamente desconhecido.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 28

Escaneei o ambiente. Já havia passado um bom tempo desde que Arturo sumiu com Santiago e Romeu para dentro do casarão, não dando mais sossego para meu coração disparado.

— Sorria, *muchacha*. Está com uma expressão medonha.

— Eu estou com muito medo.

— Mas ninguém precisa descobrir, não é? — Alma piscou um olho.

— O que vai acontecer, Alma? Arturo precisará assumir um lugar com o qual nunca esteve familiarizado. Ele não vai querer deixar Tijuana, o Rancho — murmurei,

preocupada. — Viveremos para o resto de nossas vidas na mira de uma arma?

— *Muchacha*, pertencemos ao comando da máfia mexicana e italiana. Desde que nascemos, estamos na mira de todos. — Puxei o fôlego com pesar. — Não se preocupe, Beatrice. Tudo pode ser reorganizado. Vocês só precisam se casar. Imediatamente — concluiu, de forma exagerada.

Olhei por sobre o ombro, mais uma vez. Cansada de manter as aparências, marchei em direção à entrada lateral do casarão, tiraria todas as minhas dúvidas diretamente na fonte.

— Beatrice, espera! — Alma gritou ao vir em meu encalço.

— Quero saber agora o que será feito. Não é justo que os homens troquem informações e montem estratégias sem nossa presença. Sou a herdeira de San Diego, afinal, e você...

— Eu o quê? — Alma me olhou divertida ao ficar ao meu lado.

— Você tem sangue Salvatierra e é meu braço direito desde que cheguei aqui.

— Gostei disso! — Ela escorregou sua mão sobre meu ombro. — Seremos as mafiosas fodonas da família.

Acabei rindo da expressão chula que ela usara, pensei em mencionar que seus *modales* não haviam melhorado em nada, mas o barulho de uma explosão e o impacto nos jogando para trás me impediu.

Meu corpo voou para o chão, o calor das chamas lambia minha pele em meio a muita fumaça e escombros

espalhados. Os gritos e o tiroteio fizeram minha mente girar, ainda aturdida.

— Venha, *muchacha*. Preciso te tirar daqui. — Segurei a mão de Alma, que me ajudou a me levantar e nos levou para além dos arbustos que cercavam a área de lazer.

— Para onde... — Um acesso de tosse tomou meus pulmões. — Vamos para onde?

— Para o ponto de encontro.

— O quê?

— Temos que ser rápidas, *muchacha*. — Ela parou e enfiou a mão por baixo da bainha do vestido, tirou duas pistolas, uma de cada lado da perna, e me entregou uma. — Atire em qualquer um que achar suspeito.

— Mas eu não sei atirar! — soltei ao segurar a arma com as duas mãos.

— Estamos em um ótimo momento para treinar.

Alma seguia à frente, ágil e atenta, ela contornava as folhagens e nos afastava da confusão em torno da festa. Alguém havia explodido a entrada que usaríamos, mas por sorte, estávamos distantes o suficiente para não sofrer mais do que alguns arranhões.

Havia um carro coberto por um tecido escuro, estava em uma trilha afastada o suficiente para que ninguém nos visse.

— Mantenha-se abaixada e vá para o banco do carona.

— *Va bene* — soltei e, quando alcancei a porta, alguém me agarrou por trás. — Ah!

Gritei, tomada pelo susto, mas meu corpo reagiu de acordo com o treinamento que tive. Forcei os braços e o

tronco para frente, o aperto afrouxou, então acertei o cotovelo na costela do meu oponente, fazendo-o protestar. Quando me virei, fechei os dedos em um punho e esmurrei o meio do seu nariz.

— Beatrice, abaixa! — Agi no automático, seguindo a ordem, e escutei um único disparo. O corpo truculento do meu agressor caiu, sem vida, no chão.

Encarei o buraco na testa e os olhos vidrados do homem, meu estômago revirou e me assustei ao sentir uma mão miúda tocar meu ombro.

— *Andale, muchacha.* Temos que nos apressar — Alma sussurrou e me colocou dentro do carro.

Senti meus músculos começarem a tremer, parecia que eu estava sofrendo uma descarga elétrica, talvez fosse só a adrenalina de tudo o que havia acontecido de uma única vez.

— Respire, Beatrice. Você está indo bem, *muchacha*.

Fiz como Alma orientou, conforme o carro voava na estrada de terra batida. Eu ainda segurava a arma em meu colo, os olhos atentos à escuridão iluminada somente pelos faróis.

Entramos na cidade e Alma nos levou para a área periférica, bem deserta, estacionou na lateral de uma pequena igreja, envolta de arbustos. Descemos com rapidez e ela abriu uma porta lateral, me dando passagem.

— Onde estamos?

— Na igreja.

— Para quê?

— Vamos nos casar, *muñeca*. — Olhei sobre o ombro e arfei, aliviada.

Corri até Arturo, que estava uma bagunça, livre do paletó e da gravata, com a camisa meio aberta e os cabelos revoltos. Pulei em seu colo, e meu noivo me alçou, capturando meus lábios no processo.

Senti meu coração se acalmar, em instantâneo, a aflição de pensar que nunca mais o veria havia me consumido por completo desde que fui arremessada para longe da explosão.

— Você está bem. — Eu o abracei, aliviada, ao findar o beijo.

— Estou, e por *La Santa Muerte,* você também está.

— Alma me salvou.

— Sabia que poderia contar com a minha prima. — Finalmente Arturo me colocou no chão.

Ele foi até Alma, que permanecia parada próximo da porta, e a abraçou com força. Era nítido o seu amor e a preocupação com a *ragazza*, assim como o fato de ela retribuí-los.

A tragédia que os acometera havia realmente os unido e fortalecido, pois sabiam como agir e premeditar acontecimentos como os dessa noite, o que me fazia pensar que eu teria um longo caminho até estar tão preparada quanto eles.

— *Bella*... — Olhei por sobre o ombro e gritei ao abraçar Romeu.

— Você está bem.

— Sim, *muchacha*. Estamos todos vivos e seguindo o plano conforme combinamos.

— Plano? — Afastei-me ao mirar Santiago, que estava ao canto, afastado, com um cigarro entre os dedos.

— Temos muito o que conversar, *muñeca. Andale*. Vamos para o salão principal. — Arturo segurou minha mão e nos levou para dentro da igreja.

Era pequena, a iluminação parca, vinda somente dos vitrais altos, que recebiam luz de fora. Havia alguns bancos enfileirados de cada lado e uma mesa alta, feito um púlpito, estava no centro do espaço.

— *Muñeca*, sente-se. Seu primo e eu temos algumas coisas para te contar.

— O que foi?

— É sobre seu *papà* — Romeu avisou e eu imediatamente me coloquei sentada.

Ali eu chorei, feito uma criancinha, sendo consolada por Arturo, enquanto Romeu me contava sobre o plano do meu pai, que durante anos esquematizou uma forma de manter os Fabbri no comando de San Diego.

— Nunca soube da sua adoção.

— Não era algo para saber mesmo, *1ela*. Mas a informação chegou às mãos de gente muito gananciosa.

— E por que meu pai não entregou tudo? Ele poderia estar aqui, vivo e bem, junto de mim.

— Sabe bem como as coisas funcionam na *famiglia, 1ela*. Tudo se resolve com sangue. Ele era o chefe e você a herdeira. Isso nunca poderia ser mudado.

— Vamos nos casar hoje, Beatrice. — Arturo se ajoelhou diante de mim. — Não será o casamento dos seus sonhos, mas depois que tudo se acalmar, prometo te dar a festa que deixará todos aqueles italianos impressionados.

— Você está disposto a seguir a vontade de meu *papà*? — questionei, temerosa.

— Não é sobre o que eu fui, *muñeca*, mas sim sobre o legado que deixaremos. Nosso futuro filho terá tanto direito àquela cadeira quanto você.

— Mas e o Rancho? O cartel?

— Tenho um ótimo substituto. — Olhei adiante para ver Santiago acenar com humor.

— Sempre pensei em como seria ser o chefe de tudo. — Ele deu de ombros.

— Eu aceito somente se Romeu permanecer como seu conselheiro.

— Claro, *muñeca*. Acha mesmo que terei paciência para lidar com os engomadinhos italianos?

— *Caspita!* Pare de ofender os meus — Romeu soltou.

— Sempre soube que éramos destinados, *muñeca*, mas nunca havia entendido o propósito. — Senti uma lágrima solitária escorrer pela minha bochecha.

Arturo se aproximou, beijou-me sobre a umidade da lágrima e acariciou meu rosto.

— Eu posso te prometer flores, Beatrice, mas em alguns momentos elas virão com espinhos que irão te machucar e te fazer sangrar. A vida de um homem como eu é uma corda bamba entre a vida e a morte, mas com você ao meu lado, sempre estarei motivado a manter meu coração batendo.

— Ah, que romântico. — Alma estragou completamente o clima. — *Andale* com isso. Precisam estar casados antes que mais alguém tente matar um dos dois.

— Delicada feito uma mula. — Santiago se aproximou. — Vou chamar o padre.

Em pouco tempo, havia um senhor de idade diante de nós, usava uma batina surrada e tinha um semblante curioso.

— Estamos aqui reunidos para celebrar a união desses dois servos de Deus, que em sua...

Santiago se aproximou um passo e alertou:— Padre, resuma.

O pobre homem pigarreou, aturdido, então pegou as alianças que estavam sobre a bancada e as benzeu com água benta.

Arturo mantinha sua mão fechada na minha. Eu sentia nosso contato transpirar e a inquietude fazia meu noivo trocar o peso entre as pernas.

— Acha que alguém pode nos atacar? — sussurrei para que só ele ouvisse.

— Não. Ninguém sabe onde estamos. Nem meus homens.

— Então por qual motivo está tão nervoso?

— Não é nervosismo. É ansiedade. — Ele virou o rosto na minha direção e piscou um olho. — Finalmente eu vou poder me afundar em você com a benção de Deus.

Senti minhas bochechas corarem em automático. Um pigarrear nos aquietou e eu olhei para o padre, que parecia insatisfeito com o teor da conversa.

Era muito errado eu estar tão animada para que essa cerimônia estranha chegasse ao final logo?



Capítulo 29

Choquei meus lábios nos seus com dureza assim que trocamos as alianças. O símbolo do amor dos meus pais havia servido com perfeição em nossos anelares.

Assinamos os documentos do cartório, que haviam ficado prontos naquele dia. Santiago ficaria a cargo da tarefa de entregá-los nas mãos do responsável por lavrar o documento.

Beatrice soltou um grito estrangulado quando a peguei no colo e marchei para os fundos da sacristia, onde havia uma saída estratégica com um carro nos aguardando.

O veículo era grande, blindado e inteiramente preto, serviria para nos levar até San Diego em alguns dias, quando fôssemos assumir a posição que Leonardo Fabbri havia, tão habilmente, arquitetado para nos colocar.

Alma havia providenciado duas malas de roupas para nos atender na lua de mel. Ela a havia planejado inicialmente para nosso enlace, mas agora se tornaria uma rota de fuga e destino, que ajudaria a despistar possíveis inimigos.

— Arturo! — Olhei para trás quando Romeu se aproximou. — Quando pretende chegar em San Diego?

— Na manhã do grande evento. Com tantas câmeras e repórteres, ficará mais difícil uma guerra ser declarada.

— Estarei com os russos.

— Tudo bem. Nós nos veremos em quatro dias. — Acenei e me virei para ver Santiago abrir a porta do carona, onde coloquei uma Beatrice bastante desconfiada.

— Acho bom você me contar todo esse plano, Arturo. Não quero ser uma esposa vendida, nem ficar sem saber com o que estamos lidando diretamente.

— Fique tranquila, *muñeca*. Teremos tempo suficiente para conversar durante a viagem.

— *Va bene.*

Dei um beijo rápido em seus lábios e a alertei sobre o cinto de segurança. Fechei sua porta e estendi a mão para Santiago, que bateu de forma amistosa contra minha palma, me puxando para um abraço.

— Vou sentir sua falta, *carnal* — ele soltou, abafado.

— Manteremos contato. Somos família agora.

— Tenha cuidado. Ainda acho que deveríamos enviar alguns homens nossos para lá.

— Romeu tem razão. Não posso deixar que pensem que eu quero transformar San Diego em uma base do Cartel Salvatierra, *carnal*. Estou, literalmente, abdicando do meu

posto e do vínculo com meu sangue, para assumir o legado de Leonardo Fabbri.

— Era a vontade de seu pai — Santiago determinou ao sentir os olhos marejarem.

Eu tinha, dentro do meu paletó, jogado no banco de trás do carro, uma carta de Leonardo e do meu *padre*, escrita à mão, assinada e autenticada, onde os dois deixavam claro o desejo de que os negócios se fundissem desde que cada um deles gerasse um filho e uma filha para que pudessem se casar.

Como Beatrice era a única mulher, herdeira de Leonardo, o posto ficava vulnerável, então caberia a um Salvatierra, no caso eu, corrigir essa balança, garantindo que a *muchacha* permanecesse com o legado.

Antes que a explosão, arquitetada por Romeu, acontecesse, foram explicados de forma detalhada todos os seus passos, orientados e pensados por Leonardo, para que o acordo acontecesse.

Sua aproximação dos russos era uma forma de garantir proteção até que o novo líder assumisse seu posto. Sabíamos que enfrentaríamos alguns conflitos, quem sabe até precisássemos cortar algumas cabeças para que entendessem como as coisas funcionariam a partir daquele momento.

O casamento que aconteceria na manhã seguinte foi adiantado para depois da distração que Romeu havia criado. No final das contas, o meu plano de apressar o enlace combinou com a intenção do italiano de nos tirar de Tijuana ainda naquela noite.

A única resposta que não tínhamos era o motivo e a necessidade que ambos os antecessores tinham de unificar duas organizações que claramente não combinavam.

— Estarei a uma fronteira de distância, caso precise de mim. — Bati a palma em seu ombro.

— Pode deixar que eu cuidarei bem dele, Arturo. — Olhei adiante e chamei por Alma.

— Você provou seu valor, *chica*. Está autorizada a viajar.

— Mas ela nem melhorou os *modales* — Santiago argumentou, alterado.

— Ela sabe se virar muito bem, *carnal*. Nossa *chica* cresceu. — Pisquei um olho para ela, que tinha um sorriso genuíno em resposta.

— *Gracias*. — Eu sabia que seu agradecimento era por muito mais do que a permissão para a viagem.

Nós três vivemos por anos tomados pelo terror da execução que aconteceu no passado. Tínhamos medo de nos perder, de algum mal dizimar os Salvatierra do mundo, e isso nos levou a temer as imprevisibilidades que uma vida como a nossa oferece.

Eu estava prestes a invadir a toca do leão e tomar o poder para mim. Um *chicano* no comando de uma potência controlada por italianos. Era, no mínimo, esquisito de se pensar.

— Vá, chefe. Nos encontramos na mansão Fabbri. — Romeu estendeu a mão para me cumprimentar e eu devolvi um aperto firme.

— *Gracias*, conselheiro. — Vi seus olhos brilharem com a reafirmação do seu posto.

Romeu seria a ponte entre mim e os italianos. Não havia maneira alguma de eu aprender em tão pouco tempo como ser um engomadinho e agir da forma que eles costumavam fazer negócios.

Contornei o carro e assumi o lugar no volante, então me virei para Beatrice, que tinha um olhar curioso em minha direção. Eu sabia que muitas perguntas precisariam ser respondidas e eu pretendia fazê-las no momento certo.

Apesar de estar a caminho de assumir uma organização diferente da que fui forjado a comandar, eu não mudaria minha forma de pensar e agir quanto a minha esposa: Beatrice jamais seria a mulher troféu para ser exibida na sociedade pútrida em que eles conviviam.

Estar ciente de tudo e preparada lhe garantiria mais da metade das chances de sobreviver a um golpe ou emboscada. Infelizmente, nosso destino seria controlar um ninho de cobras e manter nossa segurança era fundamental.

— Pronta para a lua de mel?

— Depende do quanto está disposto a me contar o que aconteceu e o que planeja, marido. — Ela cruzou os braços, desafiadora.

— Te direi tudo, esposa, no momento certo.

— E para onde vamos agora?

— Sairemos do México de carro, com passaportes e identidade falsa. Somos um casal turistando e retornando para nossa casa. Nada de mais.

— *Va bene.* — Deu de ombros. — E seu ferimento? — Ela mudou de assunto ao observar meu tronco.

— Estou bem. Preciso de muito mais do que um corte para ser derrubado.

— Em vista dos últimos acontecimentos que estão nos envolvendo, acho que está sendo um belo teste psicológico, de capacidade e resistência.

— Mas você ainda nem passou pelo seu teste final, *muñeca*. — Dei partida no carro e avancei pelas ruas.

Ainda havia uma coisa para fazer antes de deixarmos Tijuana de uma vez. Seria realmente um teste, saber até onde minha esposa era capaz de ir.

Eu não a forçaria a nada, mas precisava entender com que tipo de personalidade estava lidando.

— Que teste? Eu fugi de uma explosão, me livrei de um agressor com a manobra que Alma me ensinou e acabei de me casar com você perante Deus e a lei dos homens, sem um vestido de noiva. — Ela tinha os dedos para cima, enumerava cada um dos feitos, e eu sorri. — Você é um doente por gostar de ouvir isso.

— Culpado. — Cobri o coração com a palma aberta. — Temos que resolver uma pendência, que não tem a ver com *chicanos* ou italianos, mas com a sua honra.

— O que pode ser? — Ela enrugou o cenho.

— Vai descobrir em breve.

Parei o carro perto de um aglomerado de prédios abandonados, costumávamos usar o lugar para interrogar suspeitos, castigar aliados que saiam da linha, ou simplesmente liquidar os que não tinham mais serventia para o mundo.

Poderia não parecer, mas não éramos homens cordatos, vestíamos uma máscara que disfarçava a crueldade com que lidávamos com a vida, sem qualquer respeito pela vontade dos homens, menos ainda a de Deus.

— Onde estamos?

— No matadouro.

Desci do carro e fui até sua porta. Beatrice tinha um olhar temeroso, mas ainda assim, desafivelou o cinto e desceu. Ela segurou minha mão e caminhou ao meu lado para dentro da construção.

Cumprimentei os vigias e fui direto para a porta que sabia guardar os infelizes que atentaram contra a universidade e tentaram culpar Beatrice, colocando-a em um estado vulnerável e delicado.

— Boa noite, senhores. — Encarei a todos, que estavam sentados em cadeiras de metal, mãos e pés amarrados. — Finalmente poderemos discutir a pequena confusão que aconteceu na universidade.

— Já admitimos, *señor* Salvatierra. Pode nos entregar para as autoridades, até para o conselho da universidade — o líder deles, um fraco sem qualquer culhão, se impôs.

— Infelizmente, não é a mim que devem convencer. Beatrice Salvatierra está aqui na qualidade de juíza, para determinar o futuro de cada um de vocês. — Encarei minha esposa, que tinha o olhar determinado em uma pessoa específica na sala.

Era uma garota.

— Isso é crime! — a *chica* que era observada protestou.

— Crime? Você quer mesmo falar sobre crime? — Beatrice deu um passo à frente. — Algo me diz que foi sua ideia me deixar desacordada naquele lugar. — Andou ainda mais na direção da garota.

— Você tem cara de *taruga*, assumiu bem o papel.

Ouvi o protesto da garota antes mesmo de me dar conta do movimento de Beatrice, que foi rápida o suficiente para acertar o rosto da menina em cheio com um murro.

Acho que minha esposa tem um gosto peculiar por violência.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 30

Os nós dos meus dedos reclamaram quando acertei pela terceira vez o rosto inchado e marcado da *ragazza* petulante. Eu nunca fui uma pessoa agressiva, nem presenciei violência, mas algo me dizia que estar com os Salvatierra havia aflorado um lado sanguinário adormecido dentro de mim.

Segurei a mão que usava para golpear, a dor havia aumentado e um inchaço se formava em torno dos ossos. Chacoalhei a mão em protesto quando um metal surgiu diante de mim, na palma grande de Arturo.

— Se vai fazer justiça com as próprias mãos, *muñeca*, use isso. — Encarei seu olhar, ele parecia orgulhoso.

Provavelmente, devido ao luto, eu estava sofrendo de algum transtorno pós-traumático, para achar interessante a situação violenta a qual havia sido apresentada.

— Você não deveria me incentivar a parar?

— Já te disse: os Salvatierra não perdoam, nem costumam ter compaixão. — Ele deu de ombros, despreocupado.

Girei de volta para o grupo, eles pareciam assustados, temiam pelas próprias vidas, e o fato de ser eu quem detinha o poder de acabar ou não com elas envaidecia meu ego.

Mas eu não faria isso.

A garota apanhou porque era irritante, mereceu o que levou. Os demais seriam levados à justiça e limpariam meu nome assumindo as próprias responsabilidades.

— Já chega! Levem todos para as autoridades e se certifiquem de que respondam pelos crimes que cometeram — determinei ao voltar a atenção para Arturo, que manteve os braços cruzados e um olhar intrigante na minha direção. Levantei as sobrancelhas, por reflexo, e ele balançou a cabeça de um lado para o outro, acenando para o capanga que estava no comando.

— O que foi?

— Achei que bateria em todos.

— Era óbvio quem mandou me incriminar. Ela não vai com a minha cara, eu não vou com a dela. E agora seguiremos nossos caminhos com a dívida quitada.

— Muito altruísta. — Ele se aproximou um passo e me abraçou por cima dos ombros.

Arturo era grande e forte, intimidante, mas não para mim. Apesar de todo o seu tamanho, que facilmente me quebraria com um estalar de dedos, algo dentro do meu coração dizia que o que ele me oferecia era proteção.

E, quem sabe, amor.

— O rosto cheio de marcas e sangue dela não compreende dessa forma. — Ergui o soco inglês entre nós e olhei através de uma das argolas, seu olhar penetrante no meu. — Gostei disso. Poderia ter me oferecido antes de machucar meus dedos.

— Você precisava carregar alguma marca do seu primeiro julgamento ao estilo Salvatierra, *muñeca*.

— Estava me testando, marido?

— Gosto dessa palavra na sua boca, sabia? — Ele inclinou a cabeça na minha direção e eu finalmente tirei o objeto da nossa frente. — E, sim, eu estava testando até onde Beatrice Fabbri Salvatierra poderia ir. — Senti meu coração disparar.

— E qual o veredito?

— Você tem futuro, *muñeca*. — Ele abriu um sorriso diabólico e trouxe sua boca para a minha.

Trocamos um beijo intenso e cheio de significados. Parecia que nosso lado cruel, passado através do sangue dos nossos antecessores, assim como a forja do mundo que fomos criados, estavam se fundindo.

Eu havia dito sim para Arturo, por tudo o que representávamos juntos, para fazer valer a vontade de meu *papà* e o seu legado, mas não era só isso.

Parecia uma loucura completa afirmar em tão pouco tempo e de forma tão errada para o mundo, mas eu o amava, queria estar aqui e acreditava que não existiria ninguém melhor para mim do que aquele homem.

— Vamos sair daqui. — Ele findou o beijo e me puxou, debaixo do seu braço, para fora daquele lugar.

Passamos pela fronteira com os documentos adulterados que Arturo apresentou, éramos cidadãos americanos, que voltavam de uma viagem de férias, com nomes falsos e idades alteradas, fomos liberados rapidamente para continuar a viagem.

Ele nos guiou pela costa, paramos em um hotel beira-mar, era lindo, cinco estrelas, e as luzes que adornavam o lugar me faziam pensar em um conto de fadas.

— Bem-vinda a sua lua de mel, *muñeca*. — Arturo sorriu ao me pegar no colo e nos encaminhar para dentro.

Soltei um grito, surpresa, e gargalhei ao permitir que ele agisse de forma tão espontânea, deixando de lado, por alguns momentos, o drama que envolvia nossa vida.

Fomos levados para um bangalô, numa área reservada para casais que buscavam privacidade e romance. Caminhamos por uma extensa plataforma de madeira, sobre a água, até a entrada de uma pequena cabana, pitoresca, e iluminada com um varal de luzes amarelas em torno.

Havia plantas, coqueiros, folhagens altas, e eu percebi Arturo mudar a placa que ficava a alguns metros da entrada do nosso espaço para “não perturbe”, o que me deixou nervosa e ansiosa.

Ele tornou a me pegar no colo. Entramos pela porta que ele fechou com o pé e fomos direto para a cama enorme que ficava ao lado de uma área externa com jacuzzi, cadeiras de sol e uma escada que levava diretamente para a água.

— É maravilhoso!

— *Si*. Você é uma *hermosa* incrível. — Olhei para Arturo e acariciei seu rosto quando ele se aproximou para um beijo.

Eu sabia que seria intenso, conseguia ver o calor transbordar da sua íris, ao que parecia, minha análise do lugar, da lua incidindo nas águas e da beleza que nos permeava, ficaria para depois.

Senti o macio do colchão contra meu corpo, o peso de Arturo sobre mim não era opressor, muito pelo contrário, eu queria tudo, ele por inteiro, percebia que seu domínio sobre cada parte de mim, física e emocional, era o que eu mais almejava.

— Linda... — Ele beijou minha mandíbula e desceu pelo meu pescoço. — Você é maravilhosa, Beatrice. — Ele continuou descendo até estar em meu colo, tampado pelo vestido. — Espero que não se importe.

— Com o que... — O barulho do tecido se partindo me chocou — Ai, *Santo Dio!* — Meu lindo vestido se tornou duas metades de um trapo.

— Gostosa. — Suas mãos grandes deslizaram pelas minhas costelas, até a borda da calcinha.

Eu havia escolhido um conjunto branco, sem qualquer pretensão sobre o que a noite reservaria, imaginava que, como noiva de Arturo, talvez, precisasse estar preparada para algo novo.

— Quero possuir cada parte de você, Beatrice, e não é somente pelo enlace ou por toda a merda que nos acerca. Eu te quero. Com cada parte de mim, certa e errada, sinto que você pode completar tudo que falta aqui dentro. — Ele colocou a palma sobre o coração.

— Estou pronta para ser a sua metade, Arturo. Sempre foi você, desde que eu tinha dez anos e descobri que era sua prometida. Nunca quis um futuro diferente de ser sua esposa e companheira. — Senti meus olhos

nublarem. Eu precisava dele, mais do que do ar para meus pulmões.

— Seremos um. Daqui até a eternidade — ele declarou antes de cobrir seu corpo com o meu.

Seus lábios colidiram contra os meus, afoitos, suas mãos alçaram minhas pernas, tornando meu vão aberto para ele cavar com seus quadris e causar um atrito prazeroso através do tecido em minha intimidade.

Gemi em seus lábios e ele rosnou. Afastando-se bruscamente, Arturo ergueu o tronco e se livrou da camisa, por cima da cabeça. Encarei a faixa em torno do seu abdômen, preocupada.

— Não está doendo, nem incomodando.

— Você não deveria estar se esforçando tanto — declarei, preocupada.

— Quer tomar a iniciativa, esposa? — Balancei a cabeça em negativa, com rapidez. — Foi o que imaginei. — Ele abriu a braguilha e se livrou da calça e da cueca de uma vez.

Tentei manter algum decoro, não o olhar, estava tímida, era a segunda vez que o via nu pessoalmente, no entanto, foi inevitável. Feito um imã, meus olhos cravaram em sua intimidade e minha boca secou em resposta.

— Gosta do que vê, *muñeca*? — Arturo acariciou seu membro, empinado para cima, fazendo minhas bochechas pegarem fogo. — Quero ir devagar com você, Beatrice, mas se continuar olhando para ele como se fosse devorá-lo, vai ser difícil manter em mente que ainda é virgem.

Voltei a encarar seus olhos, divertidos, e fiz uma careta de provocação, que foi respondida com suas mãos

voando para a lateral da minha calcinha. O estraçalhar do tecido foi ouvido em seguida e Arturo sorriu, vitorioso.

— Vai rasgar todas as minhas roupas? — questionei, chocada.

— Tudo o que estiver entre mim e você. Roupas, pessoas, lugares, seja o que for, Beatrice, eu irei destruir. Você me pertence de hoje para sempre.

Perdi a fala depois da sua declaração. Suas mãos se infiltraram em minhas costas para desabotoar meu sutiã e ele o retirou com delicadeza. Seus dedos resvalaram meus bicos, que causaram um frisson na região.

Quando seu tronco se abaixou e a boca mirou em um deles, prendi a respiração, certa de que perderia minha mente nas sensações que ele provocaria em meu corpo.

A língua quente e escorregadia brincava com um bico, depois com o outro, enquanto a respiração engatada me 1ela1a1eixava cada vez mais distante da realidade, imersa no mar de luxúria em que era afundada.

Quando sua boca deslizou pelo meu abdômen, um tremor criou a antecipação certeira até a borda do meu ventre, fazendo-me erguer sobre os cotovelos, para vislumbrar a cena mais encantadora que já vi, Arturo no vão das minhas pernas, chupando meu prazer, como havia feito da outra vez.

Ele era muito bom com a língua, já havia me mostrado, e agora reafirmava com afinco e determinação.

Quando o orgasmo rasgou meu ventre, surpreendendo meu corpo, tamanha a rapidez, eu soube que nossa noite seria memorável.



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 31

“Virgem! Virgem! Virgem!”

Essa era a única coisa que me fazia manter a racionalidade ao me deitar com a minha nova, inocente e inexperiente esposa, que fazia meu corpo e mente agirem de forma automática, e pecaminosa, quando estávamos tão próximos daquela forma.

Seu prazer veio rápido demais, bebi feito um desesperado, me deleitando do seu sabor já conhecido e igualmente incrível, que me deixava na borda da insanidade devassa.

Havia tanto que eu queria mostrar para Beatrice, muitas coisas para ensinar, testar e descobrir, dentro dos seus limites, o que a faria sucumbir de prazer.

Pensar que esse controle seria meu me deixava envaidecido e realizado. Precisaria agradecer o resto da vida a escolha que nossos pais tomaram naquela época, nos unindo antes mesmo da nossa existência.

— Você me enlouquece, *muñeca*. — Soltei ao me erguer sobre ela, sentia meu pau babar, desesperado por seu calor.

Apoiei um cotovelo na sua lateral, mantendo o peso do meu tamanho para mim, suas pernas abertas e encaixadas em torno do meu quadril, deixando sua boceta aberta e exposta para eu entrar.

— Arturo... — Meu nome em seus lábios era o chamado que me deixava no limite.

— Eu sei... Também quero isso, desesperadamente. — Encaixei a cabeça latejante em sua entrada e encarei seus olhos, estavam apreensivos. — Vai doer, sabemos disso. Mas eu vou tornar tudo melhor. Confie em mim. — Ela acenou com a cabeça, frenética, e eu prendi a respiração, arremetendo de uma única vez. — Oh!

— Ah!

Urramos, por motivos diferentes, eu sabia. Mantive meu corpo estático enquanto o seu estava tencionado. Seus olhos fechados não me permitiam ver o tamanho do seu desconforto, mas eu sabia que não era fácil. Beatrice era bastante apertada e eu, um homem bem-dotado, grosso, ela precisaria de tempo para se acostumar e encontrar prazer, ainda mais na primeira vez.

— *Dio*... isso dói! — ela soltou, entredentes.

— Olhe para mim, *muñeca*. — Era um grande esforço me manter quieto.

Todo meu corpo gritava por um movimento, meu pau estava tão duro como eu nunca havia visto, e pulsava, ansioso por mais ação.

Quando seus olhos encontraram os meus, vi a dor, mas também enxerguei algo a mais. Eu não conseguia nomear, tinha medo de ser uma ilusão, ainda era cedo demais e nossa história havia começado de uma maneira bastante tortuosa, para eu me iludir com tamanha profundidade.

Beatrice era minha, nada poderia mudar isso, na lei de Deus, dos homens, e do nosso corpo. Éramos um só, nos unimos de todas as formas e eu esperava, sinceramente, alcançar seu coração em algum momento.

Eu queria tudo. Não era um homem de me contentar com pouco, ou metade.

— Como você está? — Ela respirou profundamente antes de sorrir.

— Estar bem seria mentira, mas acho que estou me acostumando.

— Bom. Isso é muito bom, *muñeca*. — Beijei a ponta do seu nariz antes de descer para os seus lábios.

Trocamos beijos carinhosos e, aos poucos, comecei a me mover, conforme sentia o corpo de Beatrice responder, mais relaxado, aproveitando mais o momento e, consequentemente, tornando meu pau um apaixonado. Ela era quente, apertada e muito úmida. O *hijo de la chingada* estava no céu e não queria que a diversão terminasse tão cedo, apesar de eu sentir minhas bolas se contraírem de prazer.

— Você é minha, *muñeca*. Só minha — declarei, aumentando um pouco o ritmo.

Beatrice gemeu, arqueando as costas. Aproveitei para alçar mais sua perna, indo fundo enquanto minha boca chupava seu bico saltitante, devido às investidas.

Quando senti meu corpo no limite, encarei seus olhos, eles diziam tudo o que sua boca, apertada entre os dentes, não proferia. Ela estava feliz, queria estar comigo e se sentia tão preenchida quanto eu.

Gozei forte, escrutinando seus olhos e declarando minha entrega total e irrevogável a essa *hermosa* que havia conquistado uma parte minha que eu não havia dado a ninguém antes.

Nossas respirações estavam engatadas. Segurei meu corpo para cima, assim não sufocaria minha esposa, que estava absolutamente linda, descabelada, suada e saciada.

— Te quero tanto, *muñeca* — declarei ao beijar seus lábios. — *Andale*, vamos para a jacuzzi.

Saí de dentro de Beatrice com cuidado, meu pau desesperado não gostou de perder o contato, mas eu sabia que precisava ir devagar para garantir que teríamos mais diversão assim que ela se recuperasse.

Com certeza, eu não seria o tipo de marido que negligenciaria os desejos da esposa, muito menos os meus, que vibravam para estar afundado até o talo dentro do corpo delicado dela.

Encarei a mancha vermelha na cama, precisava confessar, era primitivo, mas eu me sentia muito bem em ver a prova da sua inocência tirada por mim ali.

Peguei Beatrice nos braços, a jacuzzi já estava cheia e ligada, haviam atendido ao meu pedido de deixar frutas frescas e champanhe na área externa. Precisava alimentar minha mulher ou ela não aguentaria a carga de tudo o que estava por vir.

— Quente... que delícia — Beatrice declarou quando a coloquei dentro do espaço, o motor borbulhando jatos em nossa direção.

— Bebida? — ofereci ao abrir a garrafa e servir duas taças.

Ela aceitou, brindamos, continuei encarando-a enquanto sorvia um gole da bebida, doido de vontade de colocá-la no meu colo e me afundar nela, mais uma vez, e depois outra, seguida de mais uma. Incessantemente.

— Você está com um olhar esfomeado na minha direção, marido. — Ela bebeu outro gole, seu rosto vermelho denunciava a timidez que ainda sentia.

Levaria um tempo, eu esperava que curto, para que Beatrice se soltasse por completo perto de mim. Seria interessante esse período de descobertas e treinamento, eu sabia bem do potencial que tínhamos.

A italiana tinha fogo nas veias.

— Ainda não matei minha vontade de você, esposa. Então é natural.

— Pensei que estivesse satisfeito com o que fizemos. — Ela enrugou o cenho, insegura.

— Não pense, nem por um segundo, Beatrice, que não gostei do que acabou de acontecer — declarei, ao projetar meu tronco para frente e puxar sua cintura para cima de mim. — Foi perfeito e por isso mesmo eu quero mais. Muito mais, *muñeca*.

— Estou aqui. — Ela sorriu e desviou os olhos dos meus.

— Preciso ir devagar. Você está sensível.

— Podemos fazer outras coisas... — Ela sugeriu e suas bochechas coraram.

— Minha esposa quer brincar? — Peguei a taça da sua mão, colocando-a ao lado da minha, na borda, fora da jacuzzi. — Podemos nos divertir sim, *muñeca*. O que quer fazer? — Ela deu de ombros. — Ah, não, Beatrice. Terá que me dizer o que quer.

Apertei sua cintura e a trouxe mais para cima, sua intimidade tocando a extensão do meu pau, que pulsou em resposta. Tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

— Quero explorar seu corpo — ela falou, acanhada. — Sabe? Como você fez com o meu.

— Eu adoraria isso, *muñeca*. — Peguei suas mãos que pairavam sobre a água e as espalmei no meu peitoral. — Fique à vontade. Tudo isso é seu para aproveitar como quiser.

— Só meu? — Seus olhos aumentaram.

A possessividade, tão característica em mim, resplandecia de sua íris e eu acabei rindo, abertamente, da coincidência.

— Só seu. Sempre.

Seus dedos desceram, devagar, o toque macio me fez inclinar a cabeça para trás e mirar o céu estrelado. Aquele momento não era sobre o que representávamos, mas sim sobre o que seríamos, um para o outro.

Suas mãos desceram mais um pouco e tocaram a cabeça do meu pau, que pulsava animado. Seu toque gentil era uma tortura encantadora, gemi baixo quando ela apertou mais as palmas em torno e afastou o quadril para movimentar para cima e para baixo.

— Isso... assim...

Eu a senti se mover, desmontando de mim, mas suas mãos ainda trabalhavam maravilhosamente no meu pau, que sucumbia cada vez mais a esse prazer.

Abri os olhos, assustado, ao sentir sua boca em torno de mim, submerso. Ela estava dentro d'água, sugando avidamente toda a minha extensão, como se tivesse treinado para o momento.

O sentimento de posse tomou conta de mim. Irritado, segurei seus cabelos em um aperto e puxei com força para cima, fazendo-a me encarar assustada.

— O que fiz de errado?

— Onde aprendeu a fazer isso? — Beatrice limpou o rosto, mas eu ainda não havia soltado seus cabelos. — Diga! Onde aprendeu a chupar tão bem, Beatrice? — Sentia meu tom irritado, mas não conseguia controlar.

— Está com ciúmes? Onde foi que você aprendeu a fazer tudo o que fez? — ela questionou, ainda mais irritada que eu.

— Não mude de assunto.

— Estamos falando da mesma coisa, marido. Você teve um passado, e eu também. — Ela foi irônica.

— Não me teste, Beatrice — alertei entredentes.

— Podemos passar a noite discutindo meu passado, ou você pode aproveitar o que tenho a oferecer, agora.

Indignado, joguei os quadris para cima, até meu pau estar para fora da água, e forcei sua cabeça na direção dele. Beatrice habilmente o abocanhou e sugou com precisão.

— Caralho! — proferi entredentes.

Larguei seus cabelos e deixei que ela guiasse os movimentos, cada vez mais rápidos, apertados e úmidos.

Joguei a cabeça para trás, me fodendo para a escola que havia ensinado a ela, só queria gozar em sua boca provocadora.

Gemi descontrolado quando o ápice atingiu minhas pernas, tremulando meus músculos. Soltei jatos poderosos em sua garganta, que a fizeram engasgar enquanto eu permitia que ela sugasse todo e qualquer êxtase de mim.

Essa ragazza *seria o meu fim*.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 32

Senti a claridade em meus olhos e pisquei algumas vezes na tentativa de ajustar a luminosidade que entrava pela parede de vidro. Vislumbrei a silhueta grande e torneada de Arturo, com uma toalha enrolada na cintura e os cabelos e corpo úmidos.

Prendi os lábios entre os dentes, apoiando um cotovelo no colchão para me erguer e permitir a minha mente relembrar da noite insana que tivemos ontem.

Pensei que as primeiras vezes eram cheias de regras, toques sutis, pudores e cuidados oportunos com a dama em questão, mas Arturo conseguiu tornar nosso momento devasso e libertino, aflorando todos os desejos que mantive encubados por anos, desde que descobri o que era sexo.

Ele não foi brutal, teve seu toque de cuidado comigo e minhas necessidades, também não tentou me penetrar de

novo depois da primeira vez, apesar de eu tê-lo atentado de todas as formas para que isso acontecesse.

Beatrice Fabbri, a garota inocente e tímida, havia dado lugar a uma fera selvagem, necessitada de prazer e desejo, que descobrira ser a especialidade de seu marido.

Assumir o sobrenome Salvatierra também havia me tornado uma mulher mais desprendida e eu estava gostando muito dessa nova versão.

Arturo olhou por sobre o ombro, parecia saber que estava sendo vigiado, sua expressão séria me deixava inquieta, no bom sentido. Empertiguei o tronco e, quando estava próximo o suficiente, ele se curvou e capturou meus lábios.

— *Buenas, muñeca*. Dormiu bem? — Seus olhos pareciam dizer outra coisa, que tinha uma ligação direta com a minha libido.

— Como um anjo. Uma pena não ser acordada por você essa manhã.

— Eu bem que tentei, mas você estava desmaiada e não despertou nem com a minha língua no seu pescoço. — Meus olhos se alarmaram quando um arrepio me permeou. — Achei melhor deixar você descansar um pouco.

— *Va bene.* Agora estou bem acordada.

— O que quer dizer com isso, *muñeca*?

— Que estou pronta para qualquer coisa.

— Bom saber. — Ele se afastou repentinamente e eu estranhei. — Vamos nadar em alto-mar. Suas roupas já estão arrumadas no closet do banheiro.

Assisti seu corpo se mover para fora. Mais uma vez, fiquei me perguntando aonde ele iria com tanta pressa.

— Ei. — Ele olhou por sobre o ombro. — Há maneiras mais interessantes de lidar comigo quando acordo — provoquei, no intuito de fazê-lo voltar para mim e assim, quem sabe, usufruirmos mais da cama.

— Eu vou te dar o que tanto quer, Beatrice. Mas em alto-mar.

Descobri meu corpo com rapidez e me levantei, tropeçando no lençol que havia se enroscado no calcanhar. Escutei a risada aberta de Arturo, mas não perdi nem um segundo a mais para me aprontar.

Promessas tinham sido feitas e eu cobraria cada parcela do que fora colocado na proposta.

Tinha certeza das habilidades de Arturo, mas pilotar uma lancha, sozinho, usando uma camisa de algodão leve e um short de praia branco, não fazia parte do meu imenso arsenal de fetiches.

Observei-o puxar cordas, preparar as velas, e fazer mais um monte de coisas que eu não tinha o menor interesse de entender. Meu único objetivo, sentada no estofado confortável, observando a cabine, era desfrutar daquele homem cumprindo o papel de bom marinheiro.

— Está confortável aí, senhora Salvatierra?

Arturo soltou a pergunta, provocadora, diga-se de passagem, enquanto amarrava uma corda, sem me olhar. Eu conseguia somente vislumbrar seu perfil e o meio-sorriso que ostentava.

— Muito bem acomodada, mas confesso que pouco bem servida.

Eu até poderia tentar culpar as duas taças de espumante que eu havia tomado, e já degustava a terceira,

mas a verdade era que aquele homem enorme despertava o pior de mim.

— Precisamos corrigir essa falha, então. — Ele finalmente me encarou e tive a certeza de que eu agradeceria de joelhos pela minha provocação.

Arturo era a encarnação do pecado, e eu, a pior das fiéis, doida para me esbaldar na luxúria que emanava dos poros do meu marido.

— O que vai fazer comigo, Arturo? — questionei, sem conseguir conter o enxame de mariposas que se acumulou no meu estômago.

— Vou fazer você ficar sem fôlego, *muñeca*. Assim me dará uma trégua das suas provocações.

Aceitei de bom grado sua mão estendida, atravessamos o espaço e ele me colocou no banco de comando. Pegou minhas mãos e as apoiou em cada lado do timão.

— Sente mais para trás, até seu traseiro ficar fora do assento — ele sussurrou, mas era uma ordem, clara e direta, eu sabia.

Fiz como pediu, praticamente usei o posterior das coxas para me apoiar. A saída de praia que eu usava, comprida, foi puxada para cima e o biquíni, de amarrar nas laterais, convenientemente foi solto.

— Arturo... — chamei, olhando em volta e avistando água e nada mais.

— Não tem com o que se preocupar, Beatrice. Você quer intensidade e vai ter. Estava frustrada por eu não te acordar com meu pau na sua boceta? — Ele mordeu o lóbulo da minha orelha enquanto uma mão descia espalmada em minha bunda. — Hein? Queria ser fodida?

— *Si*... — soltei, ofegante.

— Que seja feita a vontade da minha esposa. — Seus dedos escorregaram até encontrarem meu vão.

Eu estava úmida. A antecipação que Arturo criou desde que me acordou foi alimentada a conta-gotas, com todos os seus toques sutis, sua aproximação respeitosa e aquele suspense do próximo avanço que nunca chegava.

Dois dedos habilidosos passearam pela minha extensão, ele esfregou meu clitóris e retornou, contornando meu traseiro e voltando até a frente. Numa tortura prazerosa, sem aprofundar e aumentando ainda mais meu prazer.

— Arturo... — gemi ao me contrair.

— Você quer mais, *muñeca*?

— *Si*. Eu preciso... — Fechei os olhos quando ele invadiu meu canal com dois dedos.

Era bom. Muito bom, na verdade.

Aplacava uma pequena parcela da obscenidade a qual minhas paredes sucumbiam e ansiavam por ainda mais.

Ele me masturbou, ora dentro, ora do lado de fora, criou um ritmo alucinado que pesava em meu ventre a cada segundo, e não demandou tanto esforço da sua parte para finalmente me fazer gozar.

Inclinei o tronco para frente enquanto estremecia, gemi alto, sem conseguir me conter.

— Ainda nem comecei, esposa. — Ele girou o banco de uma vez e eu me assustei. — Agora você está pronta para receber meu pau.

Desviei o olhar para baixo e vi Arturo tirar seu membro grande, duro e grosso para fora. Ele puxou minhas

pernas para si e arremeteu de uma vez, gritei, sentindo seu tamanho invadir meu interior sensível, que logo se ajustou ao seu arroubo.

— Segure na minha nuca. — Fiz como pediu enquanto ele agarrava minha bunda e me erguia do banco.

— Ah! — Joguei a cabeça para trás, sentindo todo o seu tamanho dentro de mim.

Arturo se apoiou no banco em que eu estava e se afundou no meu canal enquanto sustentava todo meu peso nos braços. Beijei sua boca com desespero, suas estocadas profundas me jogaram rapidamente para outra onda de antecipação.

Ele aumentou o ritmo e interrompi o beijo para gritar pelo prazer transbordando de mim. Giramos no lugar e fui colocada de volta na banqueta. Sua mão trabalhou, habilidosa, no meu clitóris inchado e sensível, e eu não demorei para sucumbir, mais uma vez, ao êxtase.

Daquela vez, Arturo me acompanhou, sua mão enredando minha cintura e nos unindo. Senti o pulsar do seu membro dentro de mim, derramando-se em total deleite.

— Ainda não acabou — ele rosnou ao findar um beijo duro.

Fiquei impactada quando ele voltou a se mover, seu sêmen tornando o contato uma verdadeira bagunça, mas meu marido não parecia se importar. Ele alçou meu corpo, nos levou para a proa e, sob o sol intenso, no meio do nada, com o mar como única testemunha, fui consumida por aquele homem insaciável.

Ele estava insano, vigoroso, buscava algo que eu não tinha certeza do que era, mas desconfiava de que era um pedaço da minha própria essência. Que eu ofertei, de graça,

entregue ao prazer que ele despertava em mim, em um curto espaço de tempo, pela terceira vez.

Gozamos juntos, quando eu já estava de quatro, com os cabelos enlaçados no seu punho e sua mão entre minhas pernas, estimulando ainda mais minha libido.

Acho que apaguei por um tempo, quando percebi, estava na cabine, em um quarto pequeno, numa cama, com minhas roupas no lugar e limpas.

Tentei me espreguiçar, mas tudo em mim doeu, até meu couro cabeludo, quando passei os dedos pelos fios.

Eu pedi por isso e Arturo me mostrou toda a sua intensidade.

Se com dois dias de casados estamos assim, não quero nem imaginar o que será daqui para frente.

Levantei-me com calma, ainda meio zonza, só não sabia dizer se era pelo cansaço, ou pelo balanço das águas. Caminhei para fora da cabine, subi os poucos degraus e olhei em volta, nenhum sinal de Arturo.

Contornei o barco, me apoiando no corrimão, a tontura estava maior. O enjoo causado pelo mar aumentou no momento que vislumbrei a proa, onde eu havia estado com meu marido, ambos subjugados pelos nossos desejos, cheia de sangue. Gritei.

— Arturo! — berrei, em total desespero, logo antes de desmaiar.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 33

Viúva.

Eu nem sabia o que era desfrutar de um casamento, de convívio, parceria ou da rotina enfadonha, que já havia escutado tantas vezes outras mulheres da *famiglia* mencionarem, e já carregava o título solitário e mórbido.

Passei uma vida inteira rechaçada por pessoas do meu ciclo, por carregar o peso de ser a noiva de um mexicano. Naquele momento, eu era a pobre e solitária viúva, a mulher de má sorte que carregava a triste sina de enterrar os homens da sua vida em um curto espaço de tempo.

Eu havia organizado uma cerimônia simbólica como encerramento das buscas e investigação do desaparecimento do corpo de Arturo.

Todo aquele sangue havia sido testado pela perícia, pertencia ao meu marido, mas nunca me entregaram um corpo para enterrar. Um mês de buscas incessantes, no qual usei todos os trunfos e dinheiro possíveis para que mantivessem o caso aberto, mas chegamos a um beco sem saída.

Arturo colecionava uma gama enorme de inimigos, eu era a única pessoa com ele em um barco no meio do nada. Era um milagre que não tivesse sido indiciada como suspeita.

Sem corpo, sem caso.

Foi assim que Romeu justificou quando o investigador deixou a mansão Fabbri havia alguns dias, com a notícia de que as buscas seriam encerradas.

Eu lembrava de ter perdido o controle e quebrado tudo o que minhas mãos alcançavam, até Romeu me dominar e me colocar no quarto, à base de calmantes, para dormir.

Durante esse mês, eu não vivi, simplesmente vegetei. Raramente deixei o quarto, me sentia indisposta, mal comia e meu estômago constantemente protestava com qualquer coisa que entrava nele.

Pelo que Romeu relatou, a guarda-costeira havia encontrado a lancha comigo desmaiada, fui levada para a marina e lá entraram em contato com meu primo, após verificarem meus documentos, ainda de solteira, na minha bolsa.

Acordei em uma cama de hotel, com Romeu ao meu lado, em seu rosto um olhar lamentável. A partir disso, tudo foi um borrão. eu já havia secado minhas lágrimas de tanto que chorei pensando em quem havia feito aquilo com Arturo.

Não quis retornar para o Rancho Salvatierra, era demais para mim. Não tive coragem de olhar nos olhos de Santiago e Alma e dizer que o primo deles havia desaparecido.

Como também não tive coragem de me encarar no espelho por todo esse tempo e atestar que eu não era mais casada. Que nunca mais sentiria o calor dos braços do meu marido, que sua voz baixa e rouca não me faria mais arrepiar, nem meu coração dispararia com sua presença.

Constatei da pior forma que eu era loucamente apaixonada por Arturo. Tive vontade de morrer inúmeras vezes e, se não fosse a vigilância constante de Romeu, provavelmente eu já teria cometido um atentado contra minha própria vida.

— *Bella*? — Fechei os olhos e uma lágrima escorreu. — Precisamos encerrar a cerimônia. — Balancei a cabeça.

— Não precisava ter chamado tanta gente, Romeu. Serei obrigada a aceitar os cumprimentos de todos que desejaram a morte de Arturo. — Minha voz era baixa e rouca.

— Com um pouco de sorte, encontraremos o mandante.

— O que importa? Ele não vai voltar. Nunca mais. — Outras lágrimas caíram. Eu não acreditava que era capaz de chorar depois de tudo que derramei, no entanto, meu coração não estava satisfeito de sangrar.

— Tenha fé, *1ela*. Tudo tem um motivo e propósito.

— E qual o meu, primo? — Encarei Romeu, determinada. — Ser viúva aos dezenove anos? — Sorri sem humor. — Pelo visto, você será o líder dos negócios em San Diego.

— Até que seu marido assuma...

— Nunca vou me casar de novo. — Interrompi seu discurso. — Não importa o que esse bando de carniceiros ache. Ou você comanda os negócios e eles aceitam que não têm relevância em nada o fato da sua origem não ser de sangue, ou a guerra por território será declarada. Faço questão de avisar os chineses, *chicanos* e os russos. Será interessante ver San Diego sucumbir.

— Você anda muito mórbida. Precisamos marcar uma consulta — Romeu tentou brincar e eu o ignorei.

Deixei a pequena sala para encarar uma multidão de hipócritas, que tinham belas palavras e afagos amigáveis para lamentar junto a mim o triste destino do meu marido.

Pessoas importantes tiraram um tempo de suas vidas atribuladas e perigosas para prestar homenagem à viúva da cadeira de San Diego. Era impressionante como eles se sujeitavam a um papel ridículo para manter as aparências e, principalmente, os negócios.

— Minha querida, sinto muitíssimo a morte do seu marido. — Aceitei o cumprimento de Ofélia.

Uma senhora esnobe que conservava o mesmo rosto engessado desde que eu me entendia por gente. Seu marido era líder da Cosa Nostra em Nova Iorque, costumava ser um parceiro amigável do meu *papà*.

— *Grazie* — soltei e tentei continuar meu caminho, mas sua mão se apertou mais na minha.

— Meu marido precisa conversar com a senhora quando for conveniente.

— Verei uma data e aviso...

— É urgente, senhora Salvatierra — ela alarmou os olhos e eu encarei Romeu, que estava logo atrás de mim e

acompanhava a conversa.

— Pode ser dentro de dois dias. Iremos até vocês — ele declarou, antes de tomar a frente, para segurar minha mão livre e praticamente me arrastar pelo salão lotado.

Oficialmente, Arturo não foi declarado morto, mas Romeu achava que essa cerimônia aquietaria os negócios e finalmente pararia com o suspense e espera do que aconteceria.

Quanto mais as pessoas prestavam suas condolências, mais eu sentia falta de ar e necessitava sair e respirar. Em dado momento, toquei o braço de Romeu, que conversava com alguns senhores, e avisei que iria para casa.

Meu carro já estava na saída, o manobrista abriu minha porta e tomei o volante, arrancando apressada do local. Baixei os vidros, deixei o ar entrar, respirei fundo e recomecei meu mantra de mulher forte.

— Você vai sobreviver, Beatrice.

Havia dois carros, um na frente e outro atrás, a segurança fora reforçada desde o acontecido, assim como minhas aulas de autodefesa, direção defensiva e tiro haviam sido iniciadas quando eu compreendi que Arturo não voltaria mais.

Sentia em meu íntimo que eu precisava estar pronta. Eu era uma Salvatierra e honrar o sobrenome que ele havia me dado era, no mínimo, o que poderia fazer para manter sua memória viva em mim.

Desviei do caminho e dirigi por uma autoestrada, já havia feito isso antes, conduzir o carro até a fronteira e retornar. Acreditava que nunca mais teria coragem de pisar no México.

Fiz a volta com o carro, vislumbrei um conversível preto passar por mim, dando duas aceleradas potentes ao meu lado. Os vidros fechados, o nanquim escondendo quem era o motorista, enruguei o cenho.

Quando ele acelerou, disparando pela estrada, segui em seu encalço, a placa não era nacional. Senti meu coração disparar, pensei ser Alma, ou até Santiago, finalmente vindo ao meu encontro.

Não nos falamos desde o ocorrido. Não tive coragem de entrar em contato, como também não havia recebido qualquer ligação ou recado através de Romeu.

O carro saiu em uma estrada secundária, eu estava longe da proteção de San Diego, mas sinceramente não me importava muito com a segurança nessas condições.

Eu não tenho nada a perder.

Encontrei o carro estacionado próximo de uma cabana, olhei pelo retrovisor e avistei os dois veículos da segurança. Estranhando que eles não tinham tentado me impedir, parei ao lado do outro e desliguei o motor.

Abri o porta-luvas e tirei minha pistola nova de lá. Sabia que estava protegida com meus homens, mas desde que aprendi a manusear uma arma, nunca mais andei sem ela.

Seria minha nova companheira.

Abri a porta, cautelosa, vi luzes acenderem no interior da cabana, parei, escrutinando o lugar, olhei por sobre o ombro e os homens se mantiveram dentro dos veículos.

— O que está acontecendo?

Questionei e puxei o ar, tomando coragem para continuar o caminho que poderia findar minha vida. Algo me

dizia que eu precisava ir até lá e desvendar o mistério que permeava essa situação estranha.

Caminhei determinada, eu era uma Salvatierra e teria a coragem que eles carregavam.

Parei diante da porta, a arma engatilhada em uma das mãos, enquanto com a outra, empurrei a madeira puída, meu coração acelerado. Abri a boca para que o ar saísse com mais rapidez e eu conseguisse manter o mínimo de controle.

O ambiente era parcialmente iluminado, com uma luz muito fraca para clarear a silhueta grande, em roupas de couro, parada de costas para mim, encarando uma pequena janela.

— Quem é você? Por que chamou minha atenção na estrada? — Consegui soar mais determinada do que realmente estava.

O homem trocou o peso entre as pernas e girou, tão lentamente, que tive tempo de erguer a arma e mantê-lo na minha mira.

— Você... — soltei quando meus olhos se inundaram e uma emoção conflitante tomou conta do meu sistema.

— Acho que eu já te ensinei uma vez, *muñeca*: só aponte uma arma se estiver disposta a atirar.

Tudo se tornou um borrão, sua voz era uma espécie de canto reconfortante que fez o entorno se apagar. Eu simplesmente deixei as emoções me dominarem e me levarem para o mundo dos sonhos em que havia me colocado ainda acordada.

Arturo estava vivo?



ARTURO
SALVATIERRA

Capítulo 34

Não consegui alcançar seu corpo a tempo, apenas vi Beatrice desfalecer e apagar na entrada da cabana. Corri em sua direção e a ergui junto a mim, deixando-a no sofá próximo.

— *Muñeca*. — Toquei seu rosto. — Acorde, Beatrice. Passei tempo demais longe de você. — Dei leves batidas no seu rosto e ela piscou algumas vezes. — *Gracias Dios.*

Quando seus sentidos retornaram, a confusão deixou seu semblante, dando lugar para o ódio, puro e explícito. Beatrice me empurrou para longe, quase me fazendo cair com o traseiro no chão.

— Você está vivo! — Não tinha uma nota sequer de alívio na sua acusação.

— Sim.

— Mentiu para mim. — A cólera emanava de seu corpo. — Fingiu que havia morrido... Você me deixou... sozinha. — Sua voz havia embargado, mas ela se manteve firme em sua declaração.

Senti orgulho.

— Sim. Eu fiz tudo isso em nome da sua segurança, Beatrice.

— *Caspita!* É um *stronzo*. *Farabutto!*[27] — Ela se levantou e tonteou mais uma vez.

Fiquei de pé imediatamente e segurei seus braços para que não caísse. Ela tentou se soltar, mas eu mantive o contato, mesmo que fosse contra sua vontade.

Dios*, eu sentia tanta falta de tocar sua pele macia.*

— Pode xingar até minha quinta geração, *muñeca*, mas fará isso sentada e segura — declarei, ao forçar seu corpo para baixo, de volta ao sofá.

— Tire suas mãos de mim. — Ela balançou os braços e eu me afastei. — Quero explicações. Agora! — Ela apontou o indicador, de forma ameaçadora, na minha direção.

— Foi necessário. Precisávamos agir na surdina. Essa era a melhor forma de pegar o culpado da morte do seu pai, pois ele, provavelmente, atentaria contra um de nós assim que pisássemos em San Diego.

— Eu deveria ter desconfiado de você querer viver uma lua de mel na situação em que estávamos.

— Tudo foi planejado na reunião no noivado.

— *Dio*... Romeu sabia de tudo?

— A ideia partiu dele.

— Eu vou matar aquele *stupido!*[28]

— Conseguimos pegar o mandante, Beatrice. Sabemos quem deu a ordem da execução do seu pai. Mantivemos vigilância. Com a notícia da minha morte, os ratos saíram da toca e chegamos ao líder do plano.

— Deixe-me adivinhar: o líder de Nova Iorque?

— Como você sabe? — Enruguei o cenho com sua assertiva.

— A mulher dele me parou, na sua cerimônia fúnebre, e insistiu em uma reunião.

— Romeu não me informou isso.

— Ele ainda não teve tempo, de certo. O contato de vocês é constante, pelo visto.

— A todo o momento. Eu só concordei com tudo isso depois de ele me garantir que cuidaria de você de perto e que me informaria de forma simultânea como você estava.

— Bom. Então ele deve ter dito que me comportei como uma boa viúva. — Suas palavras eram ácidas, e eu não esperava menos que isso.

— Entendo sua raiva e pode destilar na dose que quiser, *muñeca*. Eu aguento. Mas não me arrependo de ter usado da mentira para fazer o culpado aparecer e finalmente trazer segurança para você.

— Só não entendo qual era a necessidade de me colocar no mesmo patamar dos traidores.

Mágoa. Pura e simples.

Dei um passo, parando diante dela, desci um joelho no chão e peguei sua mão. Seu corpo estava tenso, ela não queria minha aproximação, mas eu era um doente, necessitado da dose do seu toque.

— Você é meu tudo, Beatrice. Nada e ninguém se compara a você e eu sou capaz, facilmente, de tacar fogo no mundo se isso significar que estará segura. — Escrutinei seus olhos, passando todas as verdades das minhas palavras. — Precisava que eles acreditassem na minha morte, que era verdadeiro o sumiço e seu sofrimento era nosso melhor trunfo. — Baixei o olhar, envergonhado.

— Entendo — ela soltou, um pouco depois, e se desvinculou das minhas mãos. — Preciso partir. Demorei tempo demais.

— Tem razão. — Tornei a me erguer e dar espaço para que se levantasse. — Pedirei para um dos homens conduzir o carro.

— Faça como quiser. — Ela caminhou até a mesa de quatro lugares que tinha no lugar, pegou sua pistola e marchou para a saída. — Nos vemos quando você retornar à vida, marido.

Sem um segundo olhar, ela deixou a cabana levando consigo minha paz, mais uma vez.

Ficar todo esse tempo escondido não foi um problema, no entanto, estar longe dela, acompanhar sua vida através das ligações e mensagens de Romeu, essa foi a maior tortura a qual fui submetido.

Eu sabia que ela ficaria brava, nossa conexão era forte demais, estávamos, de fato, comprometidos, antes mesmo de nos vermos pessoalmente pela primeira vez.

Eu havia desembarcado em Nova Iorque com meu pai, estávamos em cima da hora para uma reunião importante para a possível parceria com Leonardo Fabbri, o chefe da Cosa Nostra na cidade.

— Lembre-se de se manter em silêncio, Arturo.

— Já entendi, padre.

Não gostava de calar a boca quando se tratava dos negócios do cartel, mas entendia a necessidade daqueles homens engomadinhos de manter certas tradições.

Entramos em um restaurante renomado na cidade, sabíamos que todo o quarteirão era guardado pelos homens de Caccini, que havia aceitado, pela primeira vez, se reunir com nosso cartel para uma reunião amistosa.

Leonardo buscava um ponto de apoio entre sua aliança com o Cartel e o restante das famiglie *dos Estados Unidos. Apesar de deixar claro que seu sobrinho assumiria os negócios em San Diego, ele havia convencido meu pai que mais apoio entre os italianos seria bem-vindo.*

Eu achava tudo aquilo um exagero sem tamanho. Havia uma dívida de sangue e honra, que seria sacramentada, nem que fosse preciso banhar as ruas de San Diego com o rubro italiano.

Entramos em uma área exclusiva, havia algumas pessoas circulando no lugar, jovens corriam e mulheres degustavam suas taças de espumantes. Enruguei o cenho, achava que o encontro seria mais fechado, por assim dizer.

— É aniversário da esposa de Caccini. Então melhore essa cara e seja amigável.

Abri a boca para responder algo impertinente, mas fui impedido por uma garota de cabelos loiros compridos. Ela usava um vestido claro, gracioso, e havia trombado no meu corpo. Usei minhas mãos para segurar seus ombros.

— Cuidado, chica*. — Fui mais sério do que pretendia e ela me encarou de volta, com olhos enormes e assustados.*

— Beatrice? — meu pai questionou, ao parar ao nosso lado. — É filha de Leonardo Fabbri?

— Si, signore*. Sou eu.*

— Muito prazer. — Ele estendeu a mão e ela aceitou. — Sou Omar Salvatierra e este é meu filho, Arturo.

Encarei a menina, de olhos grandes e atentos, a inocência gritante em sua aura a deixava com um ar angelical.

Ela era minha futura esposa. Um dia se tornaria minha mulher, e eu a tomaria como minha, para gerar meus filhos e viver ao meu lado para todo o sempre.”

Tirei o telefone do bolso e disquei para a equipe de segurança que cuidava de Beatrice, um dos homens já estava na direção do carro que a conduziria de volta para casa.

Minha próxima ligação foi para Romeu e eu sabia exatamente quais seriam suas palavras assim que soubesse o que eu havia acabado de fazer.

— Está louco? Beatrice é emocional demais para conseguir se segurar.

— Ela dá conta, Romeu — determinei.

— Você acabou de tornar Beatrice uma bomba-relógio prestes a explodir.

— Ao menos agora consigo ver vida em seu semblante. Ela parou de ser a casca vazia que orbitava em torno do quarto.

— Sentimental demais, Salvatierra.

— Era necessário. Eu não ficaria tranquilo em desvendar o que estava por trás da minha morte para nosso inimigo e para ela, ao mesmo tempo.

— Preciso ir para casa. Sei que precisarei lidar com uma mulher bastante temperamental. E frustrada.

— Cuidado, conselheiro. Ela está armada.

Encerrei a chamada em seguida, com um pequeno sorriso provocador nos lábios, certo de que nossa reconciliação aconteceria. Talvez levasse mais tempo do que eu gostaria, mas Beatrice seria inteiramente minha, mais uma vez.

Eu estava acampado nesta cabana desde que o plano foi colocado em prática, mantinha contato com meu primo em Tijuana, colhendo informações externas do que acontecia, enquanto Romeu desenrolava suas jogadas do lado de dentro.

Chegaram a levantar a hipótese de Santiago ter mandado dar fim em mim para assumir os negócios, já que eu o havia nomeado chefe, no entanto, ninguém estava ciente que eu já o havia nomeado de bom grado.

Os ratos estavam se movimentando e se livrando da culpa que recairia sobre eles com a minha morte. Mas a última cartada do jogo, que confirmaria o mandante da morte de Leonardo, seria dada em dois dias.

Caccini estava alvoroçado, desde a minha suposta morte, já havia se reunido com todos os grupos e facções que rondavam San Diego e tinha se encontrado duas vezes com Romeu.

Na primeira, ele queria respostas sobre o que havia acontecido, quem era o mandante e, principalmente, se realmente não havia chance alguma de eu estar vivo.

No segundo encontro, o homem apresentou um ótimo plano de negócios para Romeu, onde ele seria o conselheiro do seu filho, que se casaria com a viúva e assumiria o legado de San Diego.

Era um ótimo plano, muito bem pensado, que obviamente havia sido orquestrado muito antes de o próprio Leonardo morrer.

Estava na hora de limpar o lixo deste lado da fronteira.

BEATRICE FABBRI



Capítulo 35

Desci do carro e fui direto para a área de treino, onde um pequeno estande de tiro havia sido projetado para que meu pai e primo pudessem treinar nas horas vagas.

Eu havia passado algumas horas por dia no último mês dentro desse lugar, enquanto dava um tempo para minha mente e meus olhos descansarem da quantidade de lágrimas que eu derramava pelo luto intencionado.

Eles haviam me enganado.

Romeu, meu sangue.

Arturo, meu marido. O homem que deveria me proteger, zelar por meu bem-estar e me fazer feliz. Ele jurou, perante Deus, que cuidaria de mim até a morte.

— *Mascalzone!*[29] — Descarreguei o pente da minha pistola assim que adentrei o estande e vislumbrei o alvo do outro lado.

Dois homens se aproximaram com cautela, sabiam que não era muito inteligente uma abordagem incisiva no estado em que me encontrava. Soltei o pente descarregado e o estendi na direção de um deles, que rapidamente trocou o objeto por outro, carregado. Encaixei na pistola e tornei a mirar o alvo, descarregando mais uma vez, livrando-me de uma pequena parcela do ódio que me orbitava.

Arturo estava vivo, o alívio que me acometeu quando o vi girar naquela cabana decadente foi instantâneo a ponto de eu desmaiar. Quando acordei, o pânico me tomou antes de eu perceber que aquele não se tratava de um truque da minha mente, ou até mesmo de um sonho.

Era real. Ele vivia.

Meu pior pesadelo havia se dissipado, mas eu não poderia apagar completamente tudo o que sua escolha havia me causado. Havia uma ferida enorme, aberta dentro do meu peito. Esquecer o calvário que eu enfrentava seria quase impossível.

— *Bella*... — Continuei com a mira da pistola direcionada para o alvo.

Minha respiração estava ofegante, eu sentia meu corpo inteiro vibrar com a adrenalina, o ódio ressurgindo ao som da voz do meu primo, que mentiu para mim, ele era o criador do plano que destruiu minha vida com um estalar de dedos e me manteve no limbo por todo esse tempo.

— *Bella*, olhe para mim. — Girei no lugar, sob seu comando, mantendo a arma empunhada, tornando Romeu meu alvo. — Eu sei que você está muito brava. Compreendo

sua indignação, mas precisa entrar, tomar um banho e se acalmar.

— Você me enganou. Viu tudo o que passei e mesmo assim me manteve no escuro.

— Aqui não é o lugar para discutirmos esse assunto. Você teve um dia cheio e precisou abdicar da sua esperança. — Ri sem humor e ele manteve o semblante sério. — Vamos entrar e conversar depois que estiver mais calma.

— Isso pode levar muito tempo para acontecer.

— Você tem exatamente dois dias, *signora* Salvatierra.

Rosnei um xingamento bastante desdenhoso e marchei para fora do lugar, indo direto para meu quarto, mesmo contra a vontade de fazer o que ele havia mandado. Minha curiosidade tinha sido aguçada para entender todo o desenrolar da loucura que era meu atual status de não viúva.

Dois dias depois

Eu havia escolhido meu melhor vestido *Channel*, preto, bastante elegante e empoderado, mas ainda no tom fúnebre que eu deveria representar. Romeu me acompanhava, ainda não havíamos retornado ao nosso normal, por pura implicância minha. Eu não conseguia descartar a necessidade de fazê-los pagar pelo meu sofrimento.

Como uma ironia bastante conveniente, a reunião foi agendada no mesmo restaurante que havia atendido meu *papà* em sua última refeição. Não era por acaso, obviamente, e existia uma justiça poética que empurrava a todos para o mesmo propósito: vingança.

Adentramos o ambiente, fortemente guardado pelos homens de Caccini. Uma mesa iluminada por um lustre ressaltava duas figuras imponentes: Caccini pai e o filho.

— *Buonasera*. — O mais velho se levantou rapidamente, seguido do filho, que foi bem contido em seus trejeitos.

— *Signore* Caccini, um grande prazer reencontrá-lo.

— *Si*. Sinto muito, mais uma vez, por sua perda. — Ele acenou para Romeu, sem me direcionar o olhar.

— Agradeço as condolências, *signore* Caccini. Realmente não esperava lidar com o luto em um curto espaço de tempo — tomei a frente, obrigando o velho asqueroso a me olhar.

Conhecia muito bem sua fama de machista misógino. Havia rumores de que sua esposa era mantida em cárcere privado e suas raras aparições, como aconteceu na cerimônia fúnebre, eram com a finalidade de atingir algum interesse do marido.

— *Buonasera*, *signora* Salvatierra. — Direcionei a atenção ao filho, que me olhava com tamanha intensidade que chegou a me incomodar.

Ele não parecia ameaçador, mas demonstrava grande interesse na minha presença naquela reunião, que ele já sabia do que se tratava.

Romeu finalmente havia aberto o jogo e me preparado para o que enfrentaríamos hoje. Um espetáculo à moda italiana, para vingar a memória de meu *papà* e trazer paz entre duas *famiglie* importantes no equilíbrio dos negócios americanos.

— Sentem-se. Vamos pedir a comida. — O velho era o único que demonstrava tamanha alegria que não

contagiava ninguém em volta.

— O senhor solicitou esse encontro urgente. Deve ser de suma importância — Romeu iniciou o ponto da noite.

— Sim, precisamos colocar em prática o que havíamos acordado.

— Acordado?

— Sim. A união das *famiglie* Caccini e Fabbri.

— *Scusi*. O senhor está sugerindo que eu me case com seu filho? — tornei a me intrometer na conversa, que claramente o homem tentava manter entre o gênero masculino, somente.

— *Si*. É a única maneira de conservar os Fabbri no poder e não causar uma guerra generalizada pela cadeira.

— Isso também tornaria a *famiglia* Caccini a mais poderosa do país. Ou seu filho assumiria meu sobrenome?

— Que absurdo! Ele é o homem. Obviamente os negócios seriam incorporados aos Caccini.

— Eu sou a herdeira.

— Sem um marido, minha cara, não há legado para comandar.

— Romeu poderia assumir. Assim como meu *papà* queria.

— Seu pai queria dar o comando a um *chicano*.

— Achei que o *signore* apoiasse meu *papà*.

— Meu pai tem reservas quanto a outras etnias no comando da Cosa Nostra, *signora* — Gabriele se manifestou e recebeu um olhar julgador de Lucca Caccini.

— Precisamos falar do presente. O passado está enterrado.

— E será interessante vê-lo lidar com ele em breve. — Senti os fios de cabelo na minha nuca se arrepiarem.

A presença eletrizante de Arturo fez meu corpo inteiro aquecer e entrar em combustão instantânea, me fazendo olhar sobre o ombro para vislumbrar o cavaleiro de armadura sombria que ele era.

— Olá, *muñeca*. — Ele piscou um olho na minha direção e eu sorri, sem conseguir evitar.

Ainda bem que ele havia se revelado antes desse momento para mim, ou minha reação poderia ser ainda pior do que realmente foi.

— O quê? Como? Por quê? *Caspita!* — O homem se levantou, batendo a mão sobre a mesa. — Vocês me enganaram!

— Precisávamos descobrir quem era o líder dos ratos nesta ninhada, *signore* Caccini. — Arturo puxou uma cadeira, arrastando a madeira no piso, causando um atrito irritante no processo. — Pegar os ratinhos pequenos foi fácil, neste momento todos estão sendo executados.

— O quê? Homens! — O velho abanou a mão para os soldados que estavam em volta, todos sob seu comando, mas nenhum deles se mexeu.

— A fidelidade deles não te pertence, Lucca. O verdadeiro líder já fechou um negócio vantajoso conosco. — Arturo olhou para Gabriele, que acenou sutilmente de volta.

— Traidor! Você traiu seu sangue! — O homem apontou o dedo na cara de Gabriele, que não moveu um músculo sequer. — Eu vou acabar com você.

— Infelizmente, *papà*, os mortos não têm esse poder. — Ele se levantou e prendeu o único botão de seu paletó.

— O que quer dizer com isso?

— Sabe, *señor* Caccini, no cartel, temos um método mais claro de resolver as coisas, até cogitei resolver nossa pequena dívida ao estilo italiano, mas eu sou um *chicano*, um Salvatierra, e gosto de deixar minha assinatura em todos os meus feitos. — Arturo se levantou, Romeu também o fez e eu aproveitei o gancho, me colocando de pé.

— Você está declarando guerra contra uma organização inteira, *ragazzo*. Não seja burro.

— A organização escolheu um novo líder para Nova Iorque. E com ele, eu tenho uma ótima relação comercial.

Foi rápido e mortal.

Um disparo, vindo de algum ponto que não consegui identificar, e o corpo sem vida de Lucca Caccini caiu de lado, em um baque estrondoso no chão.

Não consegui manter minha pose indiferente, meus olhos se alarmaram, virei na direção do filho de Caccini e seu olhar frio foi chocante. Ele não tinha qualquer empatia por seu pai, era óbvio.

— A dívida está paga. Os documentos e testemunhos das outras facções comprovaram a ordem do meu pai para liquidar Leonardo Fabbri. Liquidei minha dívida com vocês e assumo os negócios de Nova Iorque sem qualquer mancha entre nós ou com a Cosa Nostra. — Gabriele estendeu a mão na direção de Arturo, que aceitou o cumprimento.

— Da minha parte, estamos resolvidos, Caccini. Parabéns pelo posto — meu marido soltou, irônico.

— *Signora* Salvatierra. Um prazer revê-la. — Ele acenou na minha direção, cumprimentou Romeu e partiu.

— Você está linda, *muñeca*. — Encarei Arturo, que tinha os olhos cravados em mim.

— *Grazie*. Você não está nada mal.

— Vamos sair daqui — Romeu alertou ao girar os olhos e nos tirar da pequena bolha em que nos enfiávamos.

— Vou sozinha, no meu carro — anunciei, ao recuperar minha mente e relembrar que ambos eram mentirosos e ainda estavam na minha lista de punições.

— *Bella*... — Romeu começou a falar.

— Deixe-a ir, Romeu. Ela ainda está com raiva — Arturo comentou baixo, mas ainda pude ouvir e desconfiei de que essa era sua intenção.

Dei dois passos antes de uma tontura forte tomar minha consciência, cambaleei para o lado e fui amparada por braços fortes e um corpo quente, que me impediu de cair de cara no chão.

Seu cheiro foi o acalanto que permeou meus sentidos antes de eu desmaiar.



Capítulo 36

Eu encarava a figura miúda deitada no leito de hospital, ela parecia tão serena, apesar do susto que havia me dado, pela segunda vez em um curto espaço de tempo. Eu sabia que algo não estava normal e por isso viemos direto para cá.

Parecia que uma vida havia se passado desde que conheci Beatrice, minha noiva prometida e corajosa, que honrou a promessa de seu pai, se casou comigo no meio da madrugada, depois de um atentado forjado, e ainda precisou lidar com um falso luto.

Eu havia jogado uma grande carga emocional para cima dela, sem perguntar se daria conta. Ela se provou uma italiana de fibra, assumiu o sobrenome Salvatierra e lutou bravamente por mim, mesmo quando pensava que eu havia morrido.

— Oi... — Foquei o olhar no seu.

Finalmente ela havia acordado.

— *Muñeca*, fico feliz que tenha acordado. — Aproximei-me da cama, cauteloso.

— O que aconteceu?

— Você desmaiou. De novo.

— No restaurante... — Ela enrugou o cenho. — Que estranho.

— O médico disse que na sua condição é normal. Você passou por uma carga de estresse muito alta.

— Provavelmente. Precisei lidar até com mortos voltando à vida. — Ela se ajeitou na cama.

Aproveitei para me aproximar e ajeitei os travesseiros atrás das suas costas, para que ela se acomodasse melhor. Queria tocar seu rosto, sua barriga, gritar e chorar pela notícia que havia recebido, mas eu temia ser rejeitado. De novo.

— Você está grávida, *muñeca*. — Apoiei uma mão no respaldo da cama e a outra no colchão, ao lado da sua perna.

Meu tronco, projetado para frente, havia invadido seu espaço pessoal, o que não me importava em nada. Ela era minha esposa e eu tinha esse direito.

— Eu... — Seus olhos desviaram para a própria barriga quando uma das suas mãos tocou o local. — Um filho.

— *Si*, *muñeca*. Você carrega um herdeiro Salvatierra.

— E Fabbri.

— *Si*. E Fabbri. — Ela tornou a me olhar e prendeu o lábio inferior entre os dentes. — Vai continuar com a missão

de me punir, Beatrice? Ou posso, finalmente, tocar você? Porque sabemos muito bem, *muñeca*, esse dia vai chegar. Eu vou te tocar, foder e fazer com que goze inúmeras vezes, enquanto eu viver. Cabe a você querer, ou não, retardar o momento.

Beatrice abriu a boca para responder, provavelmente ela iria tentar uma linha bastante impertinente, mas o quarto foi invadido por um Romeu empolgado, com balões coloridos e um bichinho de pelúcia nas mãos.

— *Bella!* — ele praticamente gritou, indo até a prima, e a abraçou.

Afastei-me um passo e fiquei de longe, observando os dois conversarem, era nítida a leveza que rondava ambos, depois de vingarem a morte de Leonardo.

Ao que tudo indicava, teríamos uma nova era em San Diego. A casa estava limpa, os ratos tinham sido devidamente liquidados e a conspiração para acabar com o acordo entre meu pai e Leonardo fora extinta.

Eu tinha um desafio bastante peculiar nas mãos: assumir o legado de um homem que salvou a vida do meu *padre*, quando ainda eram jovens e tolos, a ponto de Omar Salvatierra se apaixonar perdidamente pela filha de um figurão italiano e contar com a ajuda de Leonardo para levar a garota para Tijuana.

Uma bela história de amor para ser contada aos meus filhos um dia. O avô que havia se apaixonado por uma princesa italiana, protegida e prometida a Leonardo, mas que na realidade tinha dado seu coração a um *chicano* impertinente e ousado.

Eu nunca soube o motivo de o passado ter unido tão fortemente dois homens com etnias tão diferentes. Minha *madre* mudara de nome e sempre fora uma Salvatierra,

contando que meu pai a havia encontrado em um dos campos de plantações no interior do México.

Ela era a prometida de Leonardo, que, sabendo do amor entre os dois, ajudou meu *padre* a forjar a morte da *muchacha* para levá-la ao Rancho Salvatierra, onde passaram a contar a história que, até então, eu conhecia.

Com certeza o massacre que aconteceu no Rancho foi com o intuito de acabar com a descendência italiana fora dos negócios da *famiglia*, no entanto, não foi eficaz a ponto de acabar comigo.

Chegava o momento de eu assumir um legado do qual eu também fazia parte, mesmo sendo mestiço.

Romeu seria meu braço direito naquela empreitada, teríamos um grande desafio à frente, mas meu *padre* sempre me preparou para o inesperado e, contanto que Beatrice estivesse segura ao meu lado, eu teria uma vida abençoada e feliz.

— Está na hora de Beatrice descansar — anunciei, cortando a interação de ambos.

Estava incomodado com o fato de ela tratar o primo tão bem, enquanto tratava a mim com indiferença. A ideia de tudo aquilo tinha sido daquele *tarugo*, no final das contas.

— Ele está assim desde que descobriu a gravidez — Romeu fingiu sussurrar para Beatrice, que sorriu acanhada, em resposta.

Ao contrário do que eu gostaria, deixei Beatrice no quarto e fui com Romeu para o escritório da *famiglia* dar início à minha ascensão como chefe de San Diego. Havia muito a ser feito e eu ainda pretendia surpreender Beatrice quando ela finalmente tivesse alta do hospital no final do dia.

Claro que seu quarto ficou fortemente vigiado pelos soldados leais de Fabbri. Sua segurança seria reforçada, mesmo que a casa estivesse limpa, ela carregava o herdeiro dos negócios no ventre, a continuidade dos Salvatierra e dos Fabbri, eu não trataria seus cuidados com displicência.

Demorei mais do que pretendia naquele escritório e, quando finalmente deixei o conselheiro a cargo do que restava e saí para buscar minha esposa no hospital, sentia minhas mãos suarem, como acontecia quando era um morrillo e aprontava nas ruas de Tijuana.

Ela estava linda em um vestido azul-claro, que combinava com a leveza que a permeava todas as vezes que eu prestava atenção, com mais cuidado, em seu semblante.

Beatrice resplandecia graciosidade, mesmo com aquele olhar desafiador que ela adorava me direcionar, só para mostrar que tinha o controle da situação.

O que de fato ela tinha.

Eu faria qualquer coisa que essa mulher pedisse. Ela tinha o poder de ditar minhas atitudes e pobre daquele que sequer pensasse em nos separar.

— Estou pronta. E você está atrasado. — Ergui as sobrancelhas ao levantar o pulso e conferir o relógio.

Dois minutos.

— Desculpe por isso, esposa. Eu estava alinhando o império que cuidarei para nosso filho.

Eu sabia que era um golpe baixo mencionar nosso filho, mas funcionou. Seu olhar amoleceu e a armadura que ela mantinha erguida esmoreceu.

Deixamos o hospital.

Eu havia pegado o conversível, era início da noite e estava calor, então aproveitei para baixar a capota.

— Aonde vamos?

— Surpresa.

O caminho foi tomado por um silêncio significativo. Eu sabia que ela havia entendido qual era o destino e contava com seu bom senso para que finalmente nos libertássemos da chateação que nos rondava.

Eu havia mentido e a tinha feito sofrer com a minha falsa morte, sabia disso, mas acreditava que seu desespero convenceria nossos inimigos de que não estávamos armando um golpe.

Estacionei o carro em frente ao hotel em que começamos nossa lua de mel. Eu havia reservado o mesmo bangalô e deixei que Beatrice liderasse o caminho até nosso destino.

Ela adentrou o lugar determinada e travou, observando o lugar iluminado por velas, muitas delas, que traziam um brilho acolhedor.

— Eu sei o quanto te magoei. — Ela girou no lugar e seu rosto estava repleto de lágrimas derramadas. — Não pense, nem por um segundo, que foi fácil para mim ficar longe, e saber do seu sofrimento sem poder te acalantar. Receber fotos suas que nitidamente mostravam que você estava definhando e, por *Dios*, já estava com nosso filho no ventre. — Esfreguei os dedos entre a têmpora e testa, tomado pela emoção. — Eu precisava limpar nossa vida dos perigos iminentes, Beatrice.

— Somos o que somos e sempre seremos alvo de alguém — ela sussurrou de volta.

— É verdade. Mas quando temos um inimigo como Caccini, que fingiu lealdade para seu *papà* e o apunhalou pelas costas, não podemos continuar com o peso dessa retratação sobre os ombros. — Tentei, mais uma vez, explicar.

Beatrice trançou os dedos diante do corpo, deu um passo, e depois outro, parando diante de mim, seus olhos expressivos escrutinando os meus.

— Sem mais mentiras?

— Nunca mais, *muñeca*. Juro por minha honra.

— Então me beija e vamos retomar nossa vida de onde ela foi interrompida, marido.

Avancei sobre ela com rapidez, arrancando um grito estridente dos seus lábios. Quando alcei seu corpo, suas pernas se encaixaram nos meus quadris. Eu nos levei direto para a cama e a coloquei sobre o colchão com calma e delicadeza.

— Eu amo você, Beatrice Salvatierra.

— E eu a você, Arturo Salvatierra.

Terminei a noite da forma que pretendia seguir daquele momento em diante na nossa vida, completamente enterrado em sua umidade quente e convidativa.

Ela era o centro do meu mundo e seguiríamos nosso caminho construindo e fortificando nosso amor cada vez mais.

FIM



ARTURO
SALVATIERRA

Epílogo

Estávamos na praia, a mesma que consagrou nossa história, que nos separou e nos uniu há um tempo. Uma plataforma havia sido colocada diante do mar, cadeiras estavam espalhadas com os convidados mais íntimos, e os convenientes também, já que havia a necessidade de manter as boas relações.

Ao meu lado, estava Santiago, atual líder do Cartel de Tijuana, que vinha perpetuando seu nome e legado, de uma forma bem pouco ortodoxa, mas que definia muito bem o preço de mexer com os seus.

Alma estava do outro lado, segurava um pequeno buquê e usava um vestido azul-claro, linda e elegante. Finalmente ela havia aprendido alguns *modales* no período em que fez seu intercâmbio na Europa.

Eu usava um terno areia, com uma camisa clara, aberta, e segurava a preciosidade e melhor presente que poderia receber na vida: meu filho.

Leonardo Fabbri Salvatierra. O nome era uma pequena homenagem para o homem responsável por eu existir. Duas vezes. Primeiro quando ajudou meu *padre* a ficar com minha *madre*, e depois, arquitetando uma forma de manter sua filha e eu vivos e seguros.

Leonardo estava em uma fase bastante impertinente, queria colo ao mesmo tempo que amava engatinhar. Era hiperativo e Beatrice fazia questão de dizer que o temperamento do nosso filho era idêntico ao meu.

Autoritário e exigente, o pequeno garoto conseguia suas vontades de forma bastante enérgica, mesmo com Beatrice tentando controlar seus ímpetos e ensinar como um Fabbri Salvatierra deveria se comportar.

Já eu, era um homem completamente rendido. Implacável nos negócios. Manter Romeu como meu conselheiro foi a melhor escolha, formávamos uma ótima dupla e, em poucos meses de liderança, já tínhamos o controle e respeito das demais *famiglie*.

Avistei um ser angelical no arco de rosas brancas ao longe, ela estava linda e graciosa, com um vestido de renda branco moldado no corpo, os cabelos presos de lado, com uma rosa próximo da orelha.

Quando a vi pela primeira vez, cheguei a pensar que meu *padre* estava louco de se comprometer com um italiano e me destinar a casar com uma criança. Nunca analisei o fato de que, um dia, a criança cresceria e se tornaria a *muchacha* mais encantadora em que eu colocaria meus olhos.

Eu não era um homem bom, sabia que um dia, quando minha hora chegasse, teria que acertar as contas com Deus por todas as atrocidades que cometi. No entanto, Beatrice era um fôlego, o respiro necessário para a parte sombria que habitava minha alma, talvez Deus estivesse equivocado quando a mandou direto para meus braços, mas eu não seria um *tarugo* em corrigir esse erro.

Ela já pertencia a mim e naquele momento fazíamos uma cerimônia à altura da mulher que ela era, reafirmando nossos votos naquela igreja, fugindo no meio da madrugada.

Beatrice merecia mais. Ela deveria ter tudo o que sempre sonhou.

Seu caminhar lento até mim deu tempo para que todos os nossos momentos juntos passassem pela minha mente, reafirmando mais uma vez que somente ela poderia me tornar um homem completo.

— Você está deslumbrante, *muñeca*.

— Nem tanto. Precisei dar folga no vestido, graças à sua determinação em me engravidar. De novo. — Sorri abertamente para sua falsa irritação.

Beatrice ficou maravilhosa grávida e aquele velho sentimento de posse alimentou meu ego por vê-la carregando um filho meu. A marca evidente de que ela me pertencia.

Todos poderiam me julgar como um machista, mas enquanto eu pudesse, e ela permitisse, a manteria grávida de um filho nosso.

— O que posso fazer? Eu amo te ver grávida dos meus filhos. — Pisquei um olho e me aproximei, dando um beijo rápido nos seus lábios.

Leonardo protestou, assim como seu pai, ele morria de ciúme da mãe e achava que ela pertencia somente a ele.

Seria interessante quando o irmãozinho, ou irmãzinha, chegasse para dividir essa atenção.

— Está pronto para se casar, senhor Salvatierra?

— Com você, eu poderia me casar todos os dias pelo resto da minha vida, *muñeca*.

Sobre a Autora

Ágatha Santos, casada, sem filhos, umbandista na alma e no coração. É natural de Taubaté, interior de São Paulo.

Formada em Administração de Empresas, ex-gerente administrativa no ramo de varejo de combustíveis e atualmente trabalha como escritora.

Sempre gostou de leitura, mas sua paixão se enraizou com a Série Cinquenta Tons. É uma devoradora de romances eróticos e há algum tempo descobriu o encantamento pela escrita.

Suas obras trazem uma temática para mulheres e regada de comédia, hoje conta com diversos títulos publicados, todos disponíveis na Amazon.

A frase que leva para a vida: “Se você sonha, você pode fazer.”

Me siga nas redes sociais!

Instagram: Ágatha Santos (@agathasantosautora)

Facebook: Ágatha Santos | Facebook

Leia as outras obras da autora:



---

[1] Significa “Vocês está me zoando, irmão”, em espanhol.

[2] Significa “idiota”, em espanhol.

[3] Significa “vagina”.

[4] Significa “garota”.

[5] Significa “pequena”, em italiano.

[6] Significa “idiota”, em italiano.

[7] Expressão, em italiano, para alguém rechonchudo e fofo.

[8] Significa “alô”. Termo usado no México ao atender um telefonema.

[9] Significa “filho da puta”, em espanhol.

[10] Significa “boneca”, em espanhol.

[11] Significa “vamos!”, expressão para apressar uma situação ou indivíduo.

[12] É uma expressão para praguejar em italiano.

[13] Expressão que significa “maldito, ou maldição”. Uma gíria usada no México.

[14] Expressão ofensiva para homens, significa algo como “corno”.

[15] Expressão mexicana que significa “o que houve?” ou “o que se passa?”.

[16] Significa “pessoa irritante”, é um xingamento em espanhol.

[17] Significa “moleque”, em espanhol.

[18] Que passa por muitas bocas, no sentido de informações que são disseminadas entre as pessoas pela comunicação oral.

[19] Uma bebida alcoólica. A larva mergulhada na garrafa serve para atestar a qualidade da bebida.

[20] Expressão no México que significa “vá se foder”.

[21] Significa “puta” em espanhol.

[22] Personagem da série Elementas - Mafiosos, A Protegida do Mafioso, Márcia Lima.

[23] Personagem da série Elementas – Mafiosos, A Vingança do Mafioso, Ágatha Santos.

[24] Marca de pistola.

[25] Significa “ladrão”, em espanhol.

[26] Significa “caralho”, em italiano.

[27] Significa “filho da puta”, em italiano.

[28] Significa “burro”, em italiano.

[29] Significa “canalha”, em italiano.